AS ARTES MÁGICAS DO IGNOTO

Dante Luiz

G.G. Diniz

Nair Nascimento ✦ Carolina Cassiano ✦ Camila Cerdeira
Larissa Usuki ✦ L.V. Matos ✦ Sol Chioro ✦ Lavínia Rocha
Delson Neto
Waldson Souza



AS ARTES MÁGICAS DO IGNOTO

ORGANIZAÇÃO

DANTE LUIZ & G.G. DINIZ

1ª EDIÇÃO
2021





Copyright © 2021, Dame Blanche, Corvus

CAPA
Dante Luiz

ILUSTRAÇÕES
Dante Luiz

PREPARAÇÃO
G.G. Diniz

REVISÃO
Jadeh Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO
André Caniato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

As artes mágicas do Ignoto [livro eletrônico] / org. G. G. Diniz, Dante Luiz. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Dame Blanche, 2021. ePub

Vários autores.
ISBN 978-65-87759-12-8

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira I. Diniz, G. G. II. Luiz, Dante.

CDD-B869.9308
21-68716

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos : Coletâneas : Literatura brasileira B869.9308

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados

Sumário

2 + 2
Em anexo
Entre terra e mar
Segredos na noite
Filho de Ossain
Ecos
Destinos trançados
Justiça
Fora d’água
Desenlaços
Os princípios da confiança

Agradecimentos
Apoio

2 + 2

G.G. DINIZ

Os cálculos estavam todos corretos. Tinham que estar. Conceição revisara-os três vezes antes daquela tentativa, e não havia nem um sinal ou vírgula fora do lugar. Ela não sabia o que faria se não funcionasse daquela vez. Pressionou *enter* no teclado do notebook, e o programa rodou os códigos. Os cabos serpeando pelo chão levaram os dados do computador para a porta no meio da sala.

Conceição se aproximou respirando fundo e girou a maçaneta. Na moldura vazia da porta, formou-se um vórtice multicor. As cores iridescentes se metamorfoseavam ao redor de um centro, que a puxava de leve, como se tivesse gravidade própria. Apesar de já ter visto aquele mesmo portal diversas vezes, a novidade nunca se perdia. Fechando os olhos, a jovem atravessou-o. Os pés não encontraram nada apenas por um instante, mas logo depois pousaram em algo sólido. E só pelo cheiro Conceição soube que o portal falhou.

A biblioteca do Instituto tinha um odor próprio, de couro, papel envelhecido, traças e suor de estudantes nervosos.

Ela abriu os olhos e constatou o óbvio: pela quinquagésima nona vez, deu com a cara numa das grandes estantes próximas da entrada, que seguiu imperturbável mesmo com a colisão. Pelo menos era um domingo de manhã, e ninguém estava ali para presenciar sua derrota, como da vez que o portal abriu em cima de uma mesa de estudo, e Conceição acabou pisando no dever de casa de um aluno. Teve que passar a tarde ajudando o garoto a refazer todo o trabalho. Ou quando o portal abriu dois metros

acima do chão, ela torceu o calcanhar na queda, e todo mundo a viu sendo rebocada para a enfermaria pela bibliotecária.

E também não foi que nem na vez que Conceição decidiu passar o sábado no Instituto trabalhando no portal e acabou tendo que ligar para a bibliotecária resgatá-la às oito da noite. Dessa vez, ela carregava o molho de chaves de todo o prédio principal do Instituto no bolso do vestido, então não ficaria presa ali nem teria que incomodar Fabiana — nem ninguém — no meio do fim de semana.

Com um suspiro pesado, Conceição catou as chaves no bolso e saiu.

Para quem queria chegar em outra dimensão, ela não estava indo muito longe. Àquela altura, ela já tinha virado uma grande piada no cenário internacional de Física Quântica: de aluna prodígio a fracassada lunática. Ninguém acreditava que viagens interdimensionais fossem possíveis e talvez estivessem certos.

Segundo Einstein, a definição de loucura era tentar a mesma coisa diversas vezes e esperar resultados diferentes. Olhando por esse ângulo, Conceição não tinha como se defender. Ela marchou pelos corredores vazios da escola e fechou a porta com força quando retornou ao seu escritório. Em um arroubo de frustração, ela apagou os cálculos dos quadros brancos que cobriam as paredes da sala e deletou os arquivos do notebook.

Depois, enfiou o computador na bolsa, apagou as luzes e foi para casa.

***

Na sala de convivência dos funcionários, Conceição mexia o café com leite e suspirava a cada volta da colher na xícara. O desânimo pesava no peito como um tijolo. Se não tivesse desistido, estaria bebericando o café enquanto rabiscava num caderno linhas e mais linhas de cálculos. Mas ela jogou a toalha. Se viagem interdimensional fosse possível, ela não era inteligente o suficiente para desvendar o segredo. Fim de papo.

O jeito era encontrar outro projeto no qual se entreter, mas nenhum era interessante o suficiente. Ela pegou da bolsa um periódico trimestral de Física Quântica e o folheou, olhando os artigos e buscando novas ideias para as quais se dedicar. Viagem no espaço-tempo já estava

manjado demais. Ondas gravitacionais, antimatéria, nada disso era desafiador. Ela seria só mais uma física trabalhando nesses tópicos… Qual era a graça?

— Conceição? Tá tudo bem?

A professora levantou os olhos da xícara e encontrou Fabiana já se abancando ao seu lado na mesa de lanches. Era um milagre que os coturnos pesados da bibliotecária não tivessem anunciado sua presença antes. O sol da manhã refletia nos piercings prata que Fabiana tinha nas orelhas e no nariz, e fazia o cabelo crespo e azul dela parecer ainda mais azul. A pele dela, mais escura que de Conceição, reluzia. A professora rapidamente olhou para baixo de novo e passou a desenhar círculos no tampo da mesa com o dedo indicador.

— Tô bem, né.

— Nunca mais te vi na biblioteca.

— É que eu desisti.

— Desistiu? Por quê?

Conceição expirou, baixou as mãos para o colo e ficou bastante interessada no estado das suas unhas por alguns instantes. Por fim, ela teve que admitir:

— Se fosse pra dar certo, já tinha dado. Faz mais de ano que eu tento, e nada. Acho que eu não tenho cabeça o suficiente pra esse tipo de coisa. E vai ver eu tô errada sobre aquilo que a gente conversou.

Fabiana se inclinou para mais perto de Conceição; ela cheirava a livros antigos e a algo amadeirado que deveria ser perfume. A professora encolheu os ombros sem perceber, sem conseguir encontrar o olhar da colega.

— Até o diretor acha que tu tá certa. Aquele livro da Emília Freitas veio de onde, se não foi de outro lugar? — Fabiana disse, batendo na mesa. Os anéis nos dedos dela fizeram o golpe soar mais forte do que foi de fato. — Eu olhei e reolhei os registros e não tem sinal daquele livro. E que a gente saiba, só tem aquele exemplar na nossa biblioteca.

Oficialmente, ninguém sabia muito sobre a fundadora do Instituto Ignoto de Artes Mágicas. A mulher era um verdadeiro fantasma, e todos os diretores tentaram, sem sucesso, encontrar registros dela, qualquer traço ou rastro que pudesse ajudar a entender melhor como o Instituto surgiu.

A única coisa que restou de Emília Freitas foi um livro escrito por ela, que falava sobre uma ilha escondida na costa do Ceará. A história podia ser de ficção, mas Conceição não era a única que achava que a ilha era real. A diferença é que ela não acreditava que o lugar poderia ser encontrado naquele plano. Qualquer físico que se preze tinha a sua própria teoria sobre a natureza do Universo, e a teoria dela era que não existia só um, mas vários. Só trafegar por eles é que seria quase impossível, mas aqui e ali havia evidências que apontavam para a possibilidade. O livro da primeira diretora do Instituto Ignoto era uma dessas evidências.

E era no plano daquele livro que Conceição queria chegar com o seu portal de viagem interdimensional. Infelizmente, o mais longe que ela chegou foi na biblioteca. Na verdade, ela *só* chegou na biblioteca.

— Não sei, só tô começando a achar que eu vi coisa onde não tinha… — disse Conceição, brincando com as pontas das suas *box braids* e caçando pelos soltos no cardigan que vestia.

— Pois eu também acho que tu tá certa. E nós duas estarmos erradas ao mesmo tempo é meio que impossível. — Fabiana respondeu, dando uma tapinha no ombro de Conceição. — Pena que Física é uma das matérias que eu mais odeio, senão eu te ajudava.

A professora de Física não pôde evitar um sorriso. Fabiana era legal. Mas Conceição ainda tinha medo dela. Não conseguia olhar nos olhos dela quando conversavam. Dava vontade de correr e se esconder.

— Obrigada mesmo assim.

Um momento de silêncio se passou. Conceição queria dizer alguma coisa, matar o silêncio, mas não conseguiu. Por fim, Fabiana disse, com um sorriso:

— Vou lá, já tá na hora de abrir a biblioteca. Boas aulas.

Ela se levantou, tão brusca como quando chegou, e saiu.

— Obrigada — Conceição disse, bem baixinho, e relaxou os ombros quando foi deixada sozinha.

Passou alguns instantes olhando o mar pelas janelas da sala, que deixavam entrar o cheiro de maresia. Cercado de oceano por todos os lados, de qualquer lugar do Instituto Ignoto era possível ver as águas e sentir na ponta da língua o gosto do sal no ar. Assim também seria a ilha descrita pela diretora do Instituto em seu livro.

A contragosto, os ânimos de Conceição estavam renovados. Fabiana *era* bastante inteligente, então se as duas concordavam em alguma coisa, era mesmo difícil estarem erradas ao mesmo tempo.

Conceição puxou um caderninho da bolsa e recomeçou os cálculos do zero.

***

Demorou três meses, mas Conceição estava certa que daquela vez funcionaria. Os dados estavam refinados ao máximo. O programa fora refeito, assim como os circuitos do portal. Se antes havia algum erro, era impossível que ele tivesse permanecido depois das revisões extensas executadas. E, mais do que os cálculos, para toda e qualquer arte mágica, o principal era a intenção de quem a fazia. Ela estava certa de que seu coração estava focado no objetivo, mais do que nunca.

Conceição abriu a porta e encarou o vórtice só por um momento antes de atravessar o portal com olhos fechados. Seus pés encontraram o vazio e ela caiu, mas aterrissou sentada em algo macio.

— Opa. Testando o portal de novo? — quis saber Fabiana.

A professora de Física abriu os olhos e se encontrou sentada no colo da bibliotecária do Instituto. Como se tivesse levado um choque, ela se levantou, toda sem jeito, olhando para todos os lugares menos para Fabiana.

— É, eu tava. Desculpa, eu achava que dessa vez… — Todas as palavras fugiram da sua língua, enquanto Fabiana olhava segurando o riso. — Mas alguma coisa ainda deu errado. Desculpa mesmo. Eu achava que ia dar certo.

— Pelo menos caiu em algo macio. E os alunos já foram todos embora — disse Fabiana, sem se abalar.

— Sim. Pelo menos isso.

Conceição alisou a saia do vestido. Não podia ser mais diferente de Fabiana, que era tão certa de si mesma que nunca ficava envergonhada ou com a língua atada, sem ter o que dizer, e levava todas as situações numa boa. Ela era nervosa, tímida, morria de medo do que as pessoas pensavam dela. Ficar perto de Fabiana era um lembrete de como elas eram diferentes, incompatíveis.

— Eu já vou fechar a biblioteca, tu me espera?

A professora de Física deu um passo atrás, surpresa.

— Espero… — respondeu Conceição com um fiapo de voz.

Ela ficou em pé ali, sem saber o que fazer, enquanto Fabiana checava para ver se não tinha mais ninguém mesmo na biblioteca. Depois, ela a seguiu para a porta e esperou Fabiana trancar tudo. O que ela não contava é que Fabiana a seguiria para o escritório.

— Não é bom ficar andando tarde da noite sozinha por aqui — disse a bibliotecária. — Aqui aparece todo tipo de bicho.

— É verdade — concordou Conceição, apesar de já estar acostumada a ficar sozinha pelo Instituto.

Elas caminharam em silêncio até o corredor dos escritórios dos professores e pararam em frente à porta da sala da professora.

Fabiana sorriu e, com o dedo indicador, levantou o queixo de Conceição para que seus olhares se encontrassem.

— De nada, viu?

Os joelhos de Conceição se afrouxaram e ela não soube o que responder. Só abriu a porta e se refugiou na solidão da sua sala o mais rápido possível, o coração e a respiração acelerados. Apoiou as costas na porta e respirou fundo várias vezes, os olhos fechados. Por um momento ela quase pensou que… Ah, ela bem que gostaria que Fabiana quisesse beijá-la.

A professora de Física abriu os olhos de uma vez e deu um pulo para a escrivaninha, puxando os cadernos com todos os seus cálculos, todo o trabalho que teve no último ano para construir o portal. Os números não mentiam. O desvio da rota estava óbvio como dois mais dois eram quatro.

Os portais a levavam exatamente para o lugar onde ela queria estar.



G.G. Diniz é autora cearense de fantasia, ficção científica e horror. Edita para a Corvus Editora e a Revista Ignoto de Ficção Especulativa. Co-criou o sertãopunk e fala de escrita criativa, representatividade e literatura no seu canal e site, Usina de Universos.

Em anexo

DELSON NETO

Não importa qual é o problema: pode ser com banco, com escola, restaurante, devolução de produto, insatisfação geral com esse sistema global de empresas que consomem o mundo, sempre, toda vida, terá um funcionário de RH por trás de uma tela tentando lidar com a papelada, seja ele humano, um ser mágico ou uma mistura de curupira com mulher, como eu.

Hoje comecei o turno cedo. É segunda-feira, final de mês, aquela coisa toda. Muita folha de pagamento para emitir e ser encaminhada, caixa de entrada bombando com notificações dos registros mensais do relógio de ponto, funcionário reclamando que teve desconto por falta justificada com atestado e por aí vai. Já devo ter virado umas três xícaras de café, mas tô indo para a quarta sem muito remorso. Ainda nem são dez da manhã, preciso verificar as cartas no correio central, acessar alguns portais mágicos — geralmente, é por onde chegam a maioria das reclamações — e avaliar alguns currículos.

Droga. Currículos. A palavra me dá um estalo e me viro na cadeira para encarar o calendário amarelado preso ao nosso mural de tarefas: é dia de entrevista, e a sorteada para realizá-las nessa semana é ninguém mais, ninguém menos do que Jussara Pereira.

Ou seja, eu mesma.

Tivemos um probleminha com o último professor de Artes Visuais, ele meio que decidiu levar uma vida mais tranquila, abrindo mão do cargo para viver de sua arte, literalmente, vendendo artesanato na praia e curtindo as coisas que a natureza dá pra gente. Achei legítimo, até

confesso que invejável, mas agora sobrou pra mim colocar alguém em seu lugar.

— Ju, teu celular tá tocando — Mariana, a secretária que trabalha junto comigo, me chama e aponta para a mesa.

Tiro meus fones de ouvido e atendo a ligação, piscando para Mari:

— Alô?

— É Jussara?

— Sim?

— Oi, aqui é Getúlio, tudo bem? Recebi um e-mail seu na semana passada, sobre a vaga para professor.

Ranjo os dentes e começo a revirar meus cadernos. Tenho uma mania insuportável de ter mais cadernos do que de fato uso, então a anotação pode estar em qualquer um deles. No de unicórnio ou naquele bonitinho de camurça que comprei semana passada.

— Ah, claro, sei! — minto. É lógico que não sei! E continuo procurando a informação. — A gente chegou a marcar uma entrevista, né?

— Na verdade, não. — Ele parece convicto. Já eu estou convictamente desesperada.

Pego minha caneta vermelha e começo a anotar no *post-it* mais próximo o nome do rapaz. Sacudo a dita cuja para a tinta descer. Por essas bandas, canetas não duram um dia inteiro.

— Getúlio de que?

— Só Getúlio.

— Só isso?

— Só… Devia ter mais?

— Bom, normalmente sim.

— Então pra você, Getúlio Normal.

Dou uma olhada desconfiada no relógio cuco que mora no topo da sala:

— Venha às 14h, Sr. Normal. Só preciso do seu endereço, antes de qualquer coisa. Aí, assim que puder, me reencaminhe seu currículo por e-mail. Fico no aguardo.

Ele me passa o endereço e eu anoto em um *post-it* cor-de-rosa.

— Reencaminhando agora, benzinho. Estarei aí!

O tom dele é confiante demais pra mim. Prefiro não me alongar:

— Até mais!

Pronto, resolvida a questão da entrevista. Coloco meus fones de volta e retomo os e-mails, parece que tiraram o dia para enviar propaganda de produtos. Em meio a tanto *spam*, fica quase impossível ver as mensagens mais relevantes. “Aumente a sua varinha de condão em até 15 cm…”, o que raios isso quer dizer? Alguém acredita mesmo nisso?

— Ju — Mari me chama outra vez. — teu celular.

Deleto mais um desses *spams* absurdos e atendo:

— Jussara? Juju?

“Juju” me tira do sério. Pode me chamar de qualquer coisa, mesmo, mas esse é um apelidinho que me leva a tempos escuros de trabalho, muito antes do Instituto, com um chefe nada legal. Na boca daquele homem, “Juju” soava como uma piada de mal gosto.

Irritada, como se eu estivesse respondendo ao fantasma do passado, respondi a ligação jorrando toda a minha fúria de anos de mercado de trabalho nas costas:

— Fala, moleque. — É o tal Getúlio. Sorte que o *post-it* com o número e nome está bem na minha cara. Talvez eu não devesse ser tão grossa, mas hoje as coisas estão se acumulando no meu peito.

— Como chego ao Instituto, mulher?

Ah, a incompetência. Se você envia o currículo para algum lugar, o mínimo é saber o endereço dele. Ou, no caso do Instituto, ler as linhas pequenas que dizem sobre o envio de portais a domicílio ou a um endereço específico. Tudo isso sobe a minha garganta para respondê-lo, mas preciso manter a compostura na medida do possível…

Dou uma olhada rápida no *post-it* com o endereço anotado e jogo a rua e o número no site de busca, não parece longe. Posso mandar um desses portais que fica rondando a casa da pessoa até a hora marcada.

— Enviaremos um portal para sua casa. Esteja pronto pelo menos uns quinze minutos antes da hora da entrevista, ele irá detectá-lo e te enviará para cá.

— Fechou! — ele responde, e a ligação vira uma lembrança.

“**Artigo nº48 — Entrevistas & Recrutamento. Parágrafo 1:** *é obrigação dos Recursos Humanos do Instituto Ignoto de Artes Mágicas pesquisar currículos, entrevistar e recrutar membros novos para compor a equipe da instituição quando for necessário, bem como agendar o envio de portais à residência dos selecionados*”. Consulto rapidinho o manual guardado na minha gaveta. Uma edição velha e surrada, mas

ainda serve bem ao propósito de me lembrar, diariamente, que às vezes a incompetência alheia é culpa minha.

Com alguns cliques no computador, encomendo um portal mágico para o armário ao lado da varanda aqui da sala. Às vezes dá certo, mas hoje, com a lentidão da internet, preciso deixar o portal carregando um pouco antes que o normal. Só não posso esquecer de ficar de olho no processo.

Bloqueio a tela do celular e me despeço do papel de parede com foto das minhas violetas. Criar flores se tornou uma terapia depois de um dia intenso de trabalho. Assinei a *newsletter* da professora Magda, de Herbologia Amazônica, ela dá dicas semanais sobre cuidado com plantas variadas, de vez em quando até manda umas sementinhas mágicas pelo meu espelho-postal. Aí aproveitei para ter um hobby também, já que na minha horta não pinga namorado ou namorada faz anos.

A Mari até falou pra eu me cadastrar nesses sites de relacionamentos, parece que inventaram um dos bons, com aplicativo e tudo, que calcula o nível de compatibilidade mágica com o possível parceiro. Achei legal e tendência, porém, não sou lá grande fã de tecnologia. Chega uma hora que meus olhos e mãos cansam de tanto olhar para tela e tanto teclar no trabalho. Quando chego em casa, gosto é de esquentar meu chá, ler um livro e cuidar das plantinhas. Às vezes até quero sair na noite dar uns beijos, mas acabo desistindo.

Só não tem sobrado muito tempo: nem para namoradinhos, namoradinhas, muito menos para as plantinhas. Livros, tenho lido poucos. Devo até me corrigir, pois para ser bem sincera, quando chego em casa coloco as pernas pra cima no sofá, sinto meu corpo relaxando e me entrego ao sono. Aí acordo no meio da madrugada, vejo alguma série e durmo outra vez.

No outro dia, a roda volta. Estou eu aqui, preparadíssima para o trabalho outra vez. Nem sempre tão preparada, mas é a vida, tenho que encará-la. O fluxo segue, os e-mails não param de chegar, e os minutos começam a fugir de mim. Já pensei seriamente em comprar uma poção de fada que me dá umas horinhas a mais no dia. O único medo é que essas horas acabem me rendendo mais um emprego.

— Vou pegar um lanche lá embaixo, já deu nosso intervalo. Bora? — Mari me chama outra vez. Percebo que eu estava quase dormindo sobre

o teclado. Deixo meu sistema em espera, despreocupada, e a acompanho pelo corredor.

O caos não nos persegue fora da torre do RH. Ainda é cedo demais para a escola estar lotada, nessa época do ano os alunos costumam pegar a maior parte das disciplinas a partir do meio-dia, o que nos presenteia com manhãs sem filas no buffet do Instituto. Mari acende um cigarro e me acompanha pelo jardim próximo à entrada do nosso departamento.

— Deixa eu te contar — diz ela, sem pedir permissão de fato, pois logo começa a tagarelar. — Saí com um casal ontem. Foi maravilhoso! Agora a menina tá atrás de mim toda hora no Instagram, não aguento mais.

— Amiga, faz literalmente um dia. Ela tá apaixonada, poxa. Você tem esse efeito nas pessoas. Veja só nós, continuamos na amizade. Ou eu te encho muito o saco? — brinco, com um fundinho de verdade, já tive minha paixonite por Mari.

Ela joga os cabelos para trás, verdes como alga, enquanto nos aproximamos da lanchonete. O carinha atrás do balcão já a vê de longe, hipnotizado.

— Deve ser esse meu charme de Iara. Difícil controlar!

Mari nunca aguenta um cigarro inteiro, fuma mais por pose. Ao passar pela lixeira, ela já joga fora o que sobrou. Em frente à estufa dos quitutes que servem pela manhã no buffet do Instituto, ficamos analisando as opções. Essa mania de funcionário de RH de analisar até comida, só queria ser uma pessoa que escolhe a primeira coisa que vê pela frente.

Hoje tem bolo de goma, bolo frito e uns outros quitutes do Piauí. Conforme a tartaruga gigante que move o Instituto pelos mares desse Brasil muda de região, as comidas à venda também se adaptam. Às vezes a adaptação não é das melhores. Hoje, por exemplo, o restaurante tá cheirando à buchada logo cedo.

— Fala, gente bonita! Vai aquele café preto com bolo hoje? — Tonho, o moço que trabalha no RI, cumprimenta, sempre feliz demais pro meu gosto.

Encosto minha mão na estufa com as guloseimas e vejo o quanto minhas unhas estão horríveis. Saudades uma manicure.

— Acho que se eu tomar mais um gole de café tenho uma parada cardíaca. Me vê uma água com gás, por favor, e uma fatia de bolo de

goma. — Escolho e olho para Mari, ainda indecisa ao meu lado.

Tonho ergue a sobrancelha para ela, dando seu melhor para seduzi-la. Os olhos pretos dele quase brilham, empolgados:

— E você, mais bela flor do jardim?

— Ah, bonitão, hoje não tô muito pra brincadeira. Já teve sua chance! Me vê um guaraná que fica tudo certo — ela responde, recebendo um muxoxo em troca.

Escolhemos uma mesa perto da fonte com uma das centenas de estátuas de figuras brasileiras importantes. Aqui, temos uma de Machado de Assis, toda pomposa. Quem sabe um dia terei nem que seja uma plaquinha de bronze em minha homenagem, embaixo de uma árvore seca — *Jussara Almeida, exímia funcionária, responsável pela contratação dos funcionários que são a cara da nossa escola!*

— Alô? Terra chamando Ju!

Pisco rápido e noto que estava divagando longe com a cara apoiada em minha mão. A água já até está na mesa, e Mari bebe o guaraná gelado. O trabalho tem me deixado cansada demais para permanecer na realidade por muito tempo.

— Ai, amiga, foi mal. Preciso colocar o sono em dia.

— Olha teu celular, mulher. Tá apitando faz hora.

Abro as notificações, e lá está o e-mail.

De: getulio.getulio@gmail.com
Para: jussara.almeida@institutoignoto.com.br

Anexos: CV — Getulio.pdf

Aos cuidados de Jussara Almeida. Oie! Encaminho em anexo meu currículo para análise. Até daqui a pouco! Beijos, Getúlio.

Que intimidade toda esse garoto pensa que tem comigo? Estou começando a achar que essa entrevista não foi uma boa ideia.

Dou uma olhada rápida no PDF anexado à mensagem: ele não coloca sobrenome no currículo, mas tem uma boa experiência em arte indígena, um pouco de teatro, e no final tem uma nota de rodapé avisando para “não me enviar mensagem em qualquer aplicativo”. Esse cara é uma figura. Trabalhar com gente doida deixa tudo ainda mais difícil pro meu lado.

— Que cara feia. Notícia ruim? — Mari puxa o resto do guaraná no canudinho, fazendo aquele barulho insuportável.

— Depende da perspectiva — respondo e dou uma checada na minha pulseira digital. — Hora de voltar.

No caminho, reviso mentalmente o que tenho programado para o dia. Algumas folhas de pagamento para imprimir, pular o almoço para emitir nota fiscal, a entrevista com o maluquinho às 14h. Fica até difícil de me lembrar da última vez em que consegui almoçar *de verdade*. Se o dia tá doido igual hoje, nem como, ou se faço, acaba sendo em pé com o prato na mão, "assim a comida desce mais rápido", como diria minha avó. Isso é outra coisa que tem me deixado exausta. Poxa, um almocinho tranquila todo dia seria tudo de bom.

Subimos as escadas da torre, e dou de cara com um carrinho de metal parado em frente à porta, com um homem de paletó rosa batendo os pés contra o chão. As maçãs de seu rosto estão vermelhas, e encontro raiva naqueles olhos quando ele me entrega uma prancheta:

— Sra. Almeida, as apostilas chegaram. Preciso que assine para que eu possa continuar meu trabalho, se a senhora permitir.

— Ei, eu estava no meu intervalo. Podia pedir pra qualquer um aí de dentro. — Puxo a caneta da prancheta e traço minha rubrica como se pudesse rasgar o papel ao meio. — Pronto. Credo!

— Ninguém atendeu quando apertei a campainha — o rapaz diz, pegando a prancheta de volta e carregando as caixas para dentro do escritório. — A Boto Cor-de-Rosa agradece a preferência.

Assim que abro a porta, quase desmaio. Mari me segura assim que nota meus pés invertidos dando um passinho pra trás.

Nossas mesas foram viradas de ponta cabeça, *literalmente*, enquanto estivemos fora. As janelas escancaradas traziam um vento maldito pra dentro que soprava a papelada para todos os lados. Impressoras caídas, computadores quebrados e tinta de toda cor espalhada pelo piso, pintando-o em uma malha de madeira colorida. Nenhum sinal dos outros colegas do RH.

Levo uma mão à testa, massageando-a. Meus lábios trêmulos só me deixam com mais raiva da situação, detesto parecer desesperada, mas estou e só me resta assumir isso.

— Onde deixo essas caixas? — o atendente da editora Bota Cor-de-Rosa me pergunta. Quase voo em seu pescoço, sorte que Mari está ali

para me manter sã.

— Deixa aí no carrinho e fuja enquanto pode… — ela aconselha, e ele dá o pé dali, escorregando pela tinta fresca no piso.

Foi culpa minha. Assim que meu corpo recobra consciência, lembro-me do portal para o dito professor de artes vir à entrevista. Acho que ele carregou antes do tempo — e eu me ferrei. Deve ser a lei da vida, pra entrar um funcionário novo, outro tem que ser demitido, e já consigo me enxergar na fila para pegar o seguro-desemprego.

— Droga, droga, droga. Agora que minha plaquinha de honra ao mérito não vem mesmo — cochicho, mas Mari me ouve.

— Plaquinha? Tá doida? — Ela começa a juntar os cacos dos vasinhos de suculentas que caíram das nossas mesas. — Que bagunça. Como que você me larga o portal carregando sem supervisão?

Nem sei como respondê-la. É tanto cansaço que os detalhes mais simples da minha função fogem pelos meus dedos, pela mente, nada fica firme e fácil de controlar. Precisava de férias, porém, vai demorar pra eu colocar a cabeça no lugar.

— Espera. Se o portal abriu antes da hora, isso significa que essa tinta toda… — Dou uma olhada ao redor, vejo um rastro de guache verde e amarelo com pegadas marcadas até um armário derrubado.

Sigo o rastro e vejo que estava certa. Atrás da mobília caída em meio à zona do escritório, um rapaz de pernas longas e cabelos vermelhos, no melhor estilo de penteado Pica-Pau possível, está encolhido no canto, com medo da bronca que pode levar.

— Deixa eu adivinhar — digo, puxando-o pela mão. — Sr. Normal?

O rapaz ficou em pé e pude vê-lo melhor. Nos olhos, ele usava lentes de contato vermelhas, trajava um vestido de tecido fino rente ao corpo, por cima de tudo, e cobria-se com uma jaqueta de couro que combinava com os coturnos de salto alto.

— Cheguei cedo demais, prima? — ele me diz, encabulado. Parece ser uma gíria, já ouvi outros por aqui falarem assim. Todo mundo é prima, não importa seu grau de parentesco.

— Foi uma chegada impactante — Mari comenta, ocupada ainda com os vasos de planta, como se não tivéssemos problemas maiores.

Vejo a bolsa de Getúlio com tinta vazando pelo tricô. Artistas e a mania de carregar material de desenho, escrita e qualquer ferramenta de trabalho pra todo lado.

— Negócio é o seguinte: vamos adiantar essa entrevista. Mas preciso dar um jeito nisso. — Meus olhos passeiam pelo ambiente, e minha barriga começa a doer só de pensar demais a respeito. — Amiga, precisamos chamar a Carmelita. Só não quero estar aqui quando ela chegar, então vou com o Sr. Normal até o ateliê.

A secretária do diretor Baltazar é meu terror. Qualquer treta que surge é à Carmelita que recorremos aqui no RH, no Centro Acadêmico e outros departamentos. Se a gente escuta o salto dela batendo pelo corredor, já sabemos que não é coisa boa.

— Ju do céu, ela vai ficar doida.

— Prima, licença. Vocês não tem um estagiário pra botar a culpa não? — Getúlio pergunta enquanto descasca os esmaltes das próprias unhas.

Encaro a mesa do Lucas, o menino da T.I. que demos uma bolsa de estágio há duas semanas. Nem sinal dele:

— Teria, se o portal não tivesse engolido todo mundo. Coitado.

— Tá, deixa que a virginiana aqui cuida da bagunça que você fez e vai entrevistar o menino antes que arranje mais pra cabeça. — Mari me empurra pra fora do escritório, com Getúlio no meu encalço. — Fica esperta nesse celular, vou te ligar assim que a poeira abaixar com Carmelita.

O rapaz me olha de cima abaixo enquanto cruzamos o campus, como ladrões que acabaram de roubar doce da loja:

— Quer fazer uma oração, prima?

— E eu lá acredito em Deus, de certo? Vai ficar tudo bem. No máximo vou ganhar um afastamento, espero. Se eu conseguir te contratar, já tenho pelo menos alguma coisa a meu favor nesse dia. Vamos, anda logo que preciso descobrir se você é boa pessoa.

O ateliê fica escondido em uma gruta logo abaixo das torres abandonadas que antes serviam de sala dos professores, mas agora só reúnem pó e fantasmas. A porta redonda de madeira está sempre aberta, pois aqui a arte é livre, todo aluno pode acessar o lugar para pintar quadros, fazer esculturas e receber orientação do espírito errante de Tarsila do Amaral que de vez em quando dá o ar da graça por essas bandas. Se ela fosse mais presente, eu não precisaria me preocupar com um novo professor para essa disciplina.

— Que lugar *babadeiro*!

A empolgação de Getúlio já faz meus olhos brilharem. Finalmente alguma alegria nesse dia. Sento-me perto de uma das longas mesas e observo os encantos do ateliê. As paredes de pedra com as obras dos alunos penduradas tem seu charme, ainda mais com as luzes das velas coloridas que deixam a gruta mais aconchegante.

Abro o currículo no celular para não passar tanta vergonha e começo, enfim, a tarefa mais importante do dia:

— Primeiro, qual pronome você prefere que eu use contigo?

— Pode usar *ele, dele,* o que achar melhor. *Ela, dela* também. Sem restrições, benzinho.

Adiciono uma nota ao arquivo:

— Então você tem pós em Arte & Dança Performática, especialização em Escultura, já deu aula pra educação infantil e… — As notas de rodapé no currículo me deixam muito em dúvida sobre a seriedade do candidato. — Faz um bom bolo de brigadeiro? Não sei no que isso pode ser vantajoso para o cargo.

— E você, é formada em que?

— Fiz Contabilidade, depois me especializei em Administração de Serviços Mágicos. Trabalhei por cinco anos no Banco Nacional dos Gnomos, estou há oito aqui no Instituto — respondo, notando o quanto estou velha. — Pela Base Nacional Curricular, você precisa ofertar para os alunos um pouquinho de cada área das artes, não somente o que remete ao visual. Precisa de uma pitada de música, dança, essas coisas, intercalados, sabe?

— Ai, prima, você acha que sou pouca coisa. Claro que tenho! Sou cantora, performer, artista completa. A melhor pessoa que pode contratar. Mas vem cá, qual tua parte preferida do *teu* trabalho?

A pergunta me tira um pouco do eixo. Faz tempo que não vejo uma parte preferida. Claro, tem a relação com os amigos, o campus que é uma delícia de estar, mas tenho me sentido mecanizada demais. Com saudade da família de curupiras lá do norte, carente de um namoradinho ou namoradinha. Tudo isso com o que aconteceu hoje não me parece bom. Será que já saturei e só tô vendo agora?

— Essa entrevista é com você, Sr. Normal. Preciso saber mais da sua profissão.

Getúlio chega bem perto do meu rosto, arrumando meu penteado:

— Posso não ter poderes mágico, benzinho, mas filho de cartomante sabe das coisas. Você precisa relaxar! Tirar um sabático. Eu tô jovem e disposto a encarar essa vaga de professor.

— Tá me chamando de velha?

— Não, tô te chamando de estressada!

Velha, louca, estressada. Empregada. Abrir mão do trabalho para ficar tranquila me parece absurdo. Certo, tenho uma graninha guardada, posso viver um tempo sem me preocupar. Mas gosto de trabalhar, pegar o portal todo dia pro Instituto, tomar meu cafezinho.

— Voltando ao que interessa… — Tento me concentrar, só que a pulga agora ficou atrás da orelha. — A carga horária para sua vaga é de 44h semanais, são vários turnos de aula conforme o cronograma semanal que encaminhamos aos alunos. Tem vale-alimentação, vale-transporte, plano odontológico e assistência mágica, pra caso de incidentes dentro do campus.

— É pra hoje! Quando começo?

— Costumo ser meio chata na seleção, mas você é uma boa pessoa. Será um prazer tê-lo conosco no Instituto. Vamos dar um pulinho só na minha sala para eu checar algumas coisas.

Ele me abraça forte, e eu até me assusto, quase recuando. Há quanto tempo não me permito ser abraçada e que não faço o bem, sem pensar em mil logísticas que isso pode envolver? Solto um suspiro, Getúlio me segura nos ombros, e meu peito parece mais leve.

— Só preciso checar uma coisa antes — digo, pegando meu celular e discando para Mari. — Alô? Amiga? Sem sinal da Carmelita? Ah, ainda bem! Seguinte, preciso de um computador. Sei que a situação aí não está das melhores, mas pode ser seu notebook, qualquer coisa com acesso à rede do Instituto. Até celular com tela rachada tá valendo. Leva pra mim ali embaixo da torre. É rápido. Já tô chegando!

Desligo e faço um sinal para o garoto me seguir. Apertamos o passo até chegarmos à torre do RH. Ele está empolgadíssimo, dando saltinhos pelo caminho enquanto eu faço uma prece baixinho para mim mesma. “Não posso dar de cara com a Carmelita, não posso dar de cara com a Carmelita”, repito em meu mantra que está mais para um resmungo de velha coroca.

Vejo uma silhueta baixinha e com pés ágeis escoltada por vários seguranças do Instituto, quase camuflada pelos arbustos que contornam a

área até o meu escritório. Engulo em seco e dou um empurrão em Getúlio para ele se agilizar - e olha que sou eu quem tem pés virados para trás aqui!

Impulsionada pelo desespero, me escondo atrás de uma centenas de árvores do Instituto. Dou uma cutucada no ombro de Getúlio:

— Você sabe assobiar?

Ele me olha estranho depois da pergunta:

— Mulher? E você não sabe?

— Sem tempo para explicar minha falta de habilidade! Vai, assobia pra Mari! — Aponto para minha amiga em frente à porta da torre, abraçada no notebook.

O rapaz solta um assobio, parecendo um canarinho. Mari vê Carmelita vindo de um lado, mas ainda distante o suficiente, depois nos enxerga atrás da árvore e corre ao nosso encontro.

— Jussara Almeida Aparecida dos Santos. — Ela precisava mesmo dizer meu nome completo? — O que faço? Meu Deus! Quer ajuda? O que tá precisando?

— Segue com o plano e vai distrair a secretária. Só preciso disso aqui — pego o notebook e sento-me atrás da árvore. — O resto resolvo sozinha.

Mari sacode os braços, inquieta:

— Ai, não me deixa na mão… Por favor!

— Tô em altura de prometer nada não, mas eu já te ligo assim que terminar o processo seletivo do bonito aqui. Vai lá, vá!

Minha amiga sai, esbaforida, e encontro um Getúlio comportado na minha frente, com a cabeça baixa para Carmelita não ver sua cabeleira arrepiada.

— Certo, menino. Preciso checar algumas referências suas antes de qualquer passo a mais. — Abro o notebook e digito a senha padrão dos computadores do RH, acesso meu e-mail e abro o currículo de Getúlio. — Vejamos, seu último trabalho foi como mediador em no Museu do Piauí, Casa Odilon Nunes, isso?

— Fiquei dois anos lá. Era bom, mas precisava expandir meus horizontes e saí fazer outro curso. Olha pra minha cara, né, de que fica em um lugar só no tempo. Quero falar de futuro, dar ideias doidas pra outras pessoas! — Ele finalmente me parece mais centrado ao contar da própria trajetória.

Pego o número do museu e faço uma ligação para a pessoa de referência, Odília, a diretora atual do departamento de mediação cultural, segundo o currículo. Com um olho em Getúlio e outro na Carmelita adentrando a torre, aguardo a resposta do outro lado da linha.

O som de chamada no telefone dá lugar a uma voz calma:

— Casa Odilon Nunes, Odília, boa tarde! Em que posso ajudar?

— Boa tarde, querida. Aqui quem fala é Jussara, falo do Instituto Ignoto. Estamos implementando algumas matérias tradicionais por aqui e recebi hoje o Getú…

Sou cortada na mesma hora pela diretora:

— Getúlio! Ah, Getulinho! Um doce. Você precisa saber mais do meu menino?

Nossa. Ele realmente é menos doido e mais profissional do que eu imaginava. Disfarço meu impacto, continuando com o tom amigável:

— Pois então, acredito que ele seja um forte candidato para nossa vaga como professor de artes visuais. Como era no museu? Comprometido, pontual? Contamos aqui com pessoas que possam colaborar tanto criativamente, quanto seguindo das normas, entende?

— Tem nem com o que ficar preocupada, *prima*. — A influência de Getúlio gritando do outro lado da linha! — Menino bom, dedicado. Fazia todo mundo rir e ainda era o mais pedido nos atendimentos. Atrasava de vez em quando, coisinha boba de cinco minutos, mas depois compensava ficando mais um pouquinho no final do dia.

— E por que ele saiu? — Vou direto ao ponto para averiguar a situação.

— Sabe como é, peixe às vezes precisa nadar para outros mares. Quando cansa de um lugar, vai para outro, atrás de um oceano mais tranquilo. Ele precisava mostrar a arte de outro jeito. Quem sabe seja aí!

"*Peixe às vezes precisa nadar para outros mares*". Aquela frase acaba servindo mais para mim do que para Getúlio, cai como uma tempestade sobre a minha cabeça. De repente, consigo ver além do horizonte, me vejo nadando para longe.

Retomo o raciocínio, dando um sorriso ao garoto diante de mim:

— É, você tá certa. Tem alguma coisa diferente nele. Espero mesmo que possa fazer um ninho aqui com a gente. Obrigada, viu? Boa semana!

Aperto o botão vermelho na tela do celular e abro minhas mensagens, enviando à Mari um recadinho que me vem na cabeça, antes que eu

esqueça a ideia, antes que eu fique nadando contra a maré.

— E aí? — a ansiedade faz Getúlio perguntar.

— Vou deixar tudo encaminhado para Mari te contratar, ajeitar a papelada. Parabéns e bem-vindo ao Instituto!

Getúlio dá um grito e começa a dançar. Assustada, me levanto e me certifico de que Carmelita e os outros já foram pra dentro do RH. Ele é doido e, na minha próxima vida, se ela existir, quero ser só um pouquinho mais Getúlio do que Jussara.

— Mas escute, por que ela vai fazer o resto da papelada?

Seguro o celular firme nas mãos e olho para a mensagem na tela. "*Amiga, esse peixinho aqui precisa nadar para longe. Passa lá em casa mais tarde para um café com desculpas*".

— Porque é minha vez de achar algo que me faça feliz de verdade. Pela confusão de hoje, eles iam me afastar de qualquer jeito. Você só me impulsionou — confesso, dando uma piscadinha pra ele. Andamos até a torre e deixo o notebook em cima do capacho. — Agora, *primo*, me conte onde estava antes do portal te puxar pra cá.

Getúlio me conta e eu abro um sorriso, leve, como não conseguia dar há tempos.

Um segredo sobre portais programados é que podemos invocá-los de volta dentro de um espaço curto de tempo, sem precisar carregá-lo no mesmo lugar de antes. Tudo isso usando o aplicativo do Instituto para funcionários. O IgnotoAPP serve de agenda eletrônica, carregador de portais e muito mais. Enquanto ainda trabalho aqui, posso usar de um benefício ou outro.

Chamo o portal para dentro do guarda-roupa usado em que guardam os pincéis e potes de tinta do ateliê. Ao abrir a porta do móvel, nos deparamos com um redemoinho multicolorido, gelatinoso. Ele sopra uma corrente de vento forte, cheirando à areia, mar — e liberdade.

Pulamos para dentro do vórtex. Ao passar pelo caminho mágico que conecta o Instituto a outros lugares espalhados pelo Brasil, o corpo do viajante se transforma em partículas de pó brilhantes, como glitter. Nós nos tornamos estrelas por breves segundos, até tudo se condensar outra vez no corpo físico que formamos do outro lado. Fico um pouco tonta quando, de repente, me percebo à beira-mar.

Vejo o sol do meio-dia derramando o calor sobre a areia e deixo-o queimar um pouco a minha pele. Os coqueiros balançam ao fundo, e

Getúlio larga a bolsa com seus pertences próximo a uma das árvores, correndo pra dar um mergulho. Pra mim, é inconcebível diversão em plena segunda-feira. Como ele consegue?

É chegada a hora de eu me desprender também um pouco mais das responsabilidades impostas pelo dia a dia. O Instituto estará em boas mãos, talvez até melhores que as minhas. Aquele é um bom lugar, eu é que não estou bem e preciso me encontrar de novo. Eu não sou velha, sou estressada, como diria o próprio futuro professor de artes.

Deixo meu celular junto à bolsa de Getúlio, tiro meu calçado e começo a deixar minhas pegadas ao contrário na areia. O sol dá vida aos meus cabelos de fogo, e eu me empolgo, correndo em direção ao mar.

Não foi dessa vez que veio minha plaquinha de mérito, ainda mais depois dessa confusão de hoje. Mas quem sabe ela seja de outra pessoa. Até mesmo sua. Vai liberar uma vaga no RH do Instituto, afinal de contas. Que tal continuar o meu legado? Só lembre-se de que a vida não é só trabalhar e, às vezes, uma segunda-feira pode ser mais leve do que a gente pensa.

— Prima, vem logo! — Getúlio me chama.

E eu mergulho, feliz.



Delson Neto é escritor de ficção científica e fantasia, autor do cyberpunk “Diário Simulado” (Plutão Livros, 2019), livro também vencedor do The Wattys 2018. Tem participações em coletâneas da editora Se Liga! e da Agência Magh. Entre muitos empregos e música pop, escreve sobre bugs mentais e narrativas não-lineares. Seu livro “Os Guerreiros de Alquemena” pode ser acompanhado de uma forma imersiva através do DELSONVERSO, sua assinatura no Catarse.

Entre terra e mar

LARISSA USUKI

Às sete horas e cinquenta e três minutos da manhã, Keiko já estava de tênis calçado, em frente ao espelho do banheiro. Parte dela estava ansiosa que o portal não abrisse.

Às oito da manhã, nada aconteceu. O espelho em cima da pia continuava normal como sempre, refletindo a imagem de uma garota de cabelos pretos na altura dos ombros. Assim ela que tocou a superfície, foi sugada direto ao rumo do Instituto Ignoto de Artes Mágicas e, em um piscar de olhos, encontrou-se em uma sala vazia.

Olhando para fora pela janela, a primeira coisa que viu foi o mar. A segunda foi o mostrador do relógio, marcando oito horas e um minuto. As aulas iam começar em exatos vinte e nove minutos.

— Que tal explorar um pouquinho? — disse para si mesma, dando alguns pulinhos de empolgação.

No lado de fora, o céu cintilava no oceano sob a luz da manhã. O lugar parecia ler seus pensamentos, pois ouviu um barulho vindo do mar, quase como se estivesse concordando com suas ideias. Também pode jurar que viu alguma coisa, como uma pata gigante se mexendo na água. *Será que estou vendo coisas?*

Antes que pudesse investigar mais, notou que, de onde estava, os alunos pareciam já estar chegando nas salas de aula. *Melhor voltar para cá só depois.*

O resto da manhã passou voando, e, até então, não havia muita diferença entre as aulas do instituto mágico e as de seu antigo colégio.

As salas de aulas eram todas comuns: com lousa e giz, cadeiras de madeira com apoio para o braço e professores competentes e didáticos.

A diferença estava na variedade de pessoas e criaturas fantásticas que circulava por ali, Keiko notou no tempo em que esperava na fila do bandejão para pegar seu almoço. Não pôde deixar de esboçar um pequeno sorriso de fascinação enquanto observava o grande pátio cheio de conversas animadas entre os mais diversos seres.

***

Com o término da aula de História da Magia Brasileira, Keiko tirou os sapatos e correu direto para a praia. Com vento nos cabelos e areia fofa nos pés, suspirou fundo ao ver o azul e verde do mar à sua frente.

— Que vista maravilhosa! — disse para si mesma, finalmente colocando os pés na água.

— Não é? — respondeu uma voz próxima.

Keiko virou-se para ver uma menina que parecia ter em torno de sua idade. Ela tinha a pele mais escura que a de Keiko, longas tranças cor-de-rosa e estava coberta pela água da cintura para baixo. Os profundos olhos castanhos dela a observavam com curiosidade, e Keiko sentiu as bochechas corarem quando notou que estava a encarando por tempo demais.

A menina sorriu.

— Primeira vez?

— O quê? — Keiko balbuciou.

A menina apontou para o seu redor.

— Você estava olhando pra cá como se nunca tivesse visto o mar.

— Ah, é que eu não moro perto de praia — Keiko respondeu sem jeito, tendo que conter a vontade de se jogar no oceano com roupa e tudo. — Olha só a cor dessa água!

— Você é estudante do Instituto? — A menina apontou para o brasão da camiseta de Keiko. — Primeira vez que a vejo por aqui.

— Hoje foi meu primeiro dia, sou aluna transferida — respondeu. — Corri pra cá assim que acabou a aula.

— Ouvi dizer que chamam este lugar de Praia do Muro Alto… — A menina mexeu nas próprias tranças. — Primeiro dia, é? Está gostando?

— É tudo muito… *incrível.* — Keiko encarou o horizonte. A mudança de cores do céu a fez checar o pulso para conferir a hora em seu relógio, dando-se conta de que já eram quase 17h. — Ai meu deus, olha a hora! Preciso correr ou não consigo mais voltar para casa!

Keiko se abaixou para pegar os sapatos jogados na areia e se pôs a correr em direção ao Instituto. Antes que estivesse longe de vista, a outra menina gritou:

— Ei, você não me disse seu nome!

— Keiko! — gritou de volta.

— E eu sou Cecília!

Keiko apressou o passo em direção à escadaria em frente ao Instituto, e de lá entrou no portal de volta para casa. Era estranho chegar pelo banheiro e não pela porta de entrada como antes, mas o costume de tirar os sapatos assim que chegava em casa continuava.

Deitou-se na cama e olhou o cronograma de aulas para o dia seguinte. Seus olhos percorreram a palavra *Feitiços*, e o coração deu um pulinho de alegria. Mal podia esperar para praticar a magia que fazia seus dedos faiscarem.

E talvez até ver mais um pouquinho do mar no dia seguinte — só talvez.

***

— Keiko Matsuda, café da manhã! — Ouviu sua mãe gritar da cozinha.

— *Hmm,* natô! — Keiko sorriu quando chegou e viu o que havia no prato à sua frente.

— Nunca vi alguém gostar tanto de natô assim. — A mãe de Keiko fez uma careta. — Parece uma obassan, filha.

Keiko deu de ombros e pegou uma boa quantia de natô com seus hashi de sempre. Aquela soja fermentada gosmenta e escorregadia era seu prato favorito, apesar do cheiro e sabor forte.

— Está uma delícia, mãe!

— Tá, mas vai logo pra você não perder a hora. — Sua mãe se aproximou e lhe deu um beijo na testa, enquanto a menina enchia a boca de mais natô. Keiko apertou a mão da mãe para retribuir o gesto de

carinho, pegou a mochila e correu para o banheiro. Inclinou-se sobre a pia e passou pelo portal do espelho no banheiro. Outro dia começava.

Na aula de Geografia, enquanto o professor falava sobre a necessidade de se aprender sobre a humanidade e as mais diversas localizações (já que a escola se locomovia de um canto para outro), Keiko entreouviu a risada de dois garotos, que apontaram para ela.

— Será que o cágado vai nos levar até a China também?

Keiko sabia que não valia a pena brigar, então só revirou os olhos e tentou deixar isso de lado Aproveitou que o sinal havia tocado e foi visitar a biblioteca. O lugar era grande e espaçoso, com mesas para estudo e estantes abarrotadas dos mais diversos livros.

Pegou um exemplar empoeirado que chamou sua atenção na prateleira de feitiços e foi sentar-se em uma das mesas. Não muito tempo depois, os mesmos garotos passaram em sua frente.

— E aí, japa?

— *Eu tenho nome*. — Keiko franziu o cenho com indignação. – E não gosto de ser chamada assim.

— Seu lugar não é aqui. — Um dos garotos fingiu puxar os olhos. — É melhor você voltar para o outro lado do mundo. O que acha?

Uma voz interrompeu a resposta malcriada que Keiko estava pronta para dar.

— É melhor que vocês chispem daqui, se não quiserem uma detenção — disse a bibliotecária, uma mulher com moicano crespo azul e uma expressão determinada no rosto. — *O que acham*?

Os meninos saíram depressa com o alerta. Apesar de parecer intimidadora, Fabiana, como dizia em seu crachá, sorriu e deu uma piscadela para Keiko, que só suspirou e foi embora.

***

A aula de Feitiços que tanto havia esperado foi logo em seguida, mas o ânimo de Keiko diminuiu ainda mais quando viu que os dois garotos estavam ali de novo. Sentou-se no canto mais solitário, do lado direito da sala, e desejou intensamente que a camiseta do colégio viesse com um capuz. Durante a lição, Keiko tentou recitar alguns feitiços, mas estava tão nervosa que só conseguiu transformar sua pedra em sopa (era para

transformar em um sapo). Ouviu algumas risadinhas atrás de si, mas nem precisou se virar para saber de quem eram.

Keiko sentiu os olhos encherem de lágrimas, mas o sinal finalmente tocou. Enfiou as coisas na mochila com pressa e correu em direção à Praia do Muro Alto. Assim que chegou, deu um sorriso surpreso ao encontrar a garota de tranças cor-de-rosa mais uma vez.

— É Cecília, né? — Keiko se aproximou da beira do mar para poder falar melhor com a garota, que estava apenas com a cabeça fora da água.

— E você é Keiko, certo?

As duas concordaram com a cabeça e um sorriso.

Keiko tirou a camiseta, os sapatos e o jeans e entrou na água com o biquíni que havia colocado por debaixo da roupa. Sentiu a água gelada cobri-la até a cintura, nadando para mais perto de Cecília.

— Você vem sempre aqui? – Keiko perguntou sem pensar, sentindo-se enrubescer com sua escolha de palavras.

Cecília deu uma risada, e uma cauda com escamas brilhantes roxas apareceu na superfície da água ao seu lado.

— Eu *moro* aqui.

Keiko arregalou os olhos, tapando a boca aberta com a mão.

— *Você é uma sereia?*

Cecília não respondeu, só apontou para trás com o polegar.

— Quer dar uma volta pela ilha?

Keiko coçou o topo da cabeça, tentando evitar os olhos de Cecília.

— Ah, mas eu não nado muito bem…

— Eu te ajudo.

Keiko nem notou o quanto se distanciaram da praia, pois só conseguia pensar na mão de Cecília na sua, puxando-a para dar uma volta ao redor da ilha. Era como se tudo ao seu redor se tornasse um pouco mais leve e o tempo passasse mais devagar.

Quanto mais se afastavam, mais era possível ter noção da dimensão do Instituto Ignoto. Keiko sabia que o Instituto ficava em uma ilha, mas dali pôde perceber que o lugar inteiro parecia sustentar-se sobre alguma coisa *viva*, só não soube dizer o quê.

— E aí, está gostando das aulas? — Cecília perguntou quando retornaram à parte mais rasa, para que Keiko pudesse fazer pé e descansar um pouco.

Keiko ficou em silêncio alguns segundos antes de responder.

— Está sendo… diferente do que eu imaginava. Bom, *eu* não estou saindo tão bem como esperava. — ela suspirou, tentando não lembrar do fracasso da aula de feitiços.

— Sabe, você tem sorte de poder estudar lá. — Cecília olhou na direção do Instituto. — De poder estudar *magia.* Pode não estar sendo fácil, mas você só tá começando né? Com prática você pega o jeito. Ou ainda não encontrou o que se encaixa com você.

— *Eu* é que pareço não me encaixar aqui. – Antes que Cecília pudesse falar qualquer coisa, Keiko deu mergulhou.

Keiko viu que Cecília havia mergulhado também, a longa cauda roxa serpenteando conforme chegava mais perto dela. A sereia estendeu a mão para Keiko, que aceitou o toque. As duas voltaram a nadar juntas na água cristalina do alto mar, até que emergiram na superfície novamente.

— Quis escapar, não foi? — Cecília deu uma leve cotovelada na outra garota.

Keiko riu.

— *Shhh*, eu só queria mergulhar um pouquinho! — Fechou os olhos, sentindo as ondas do mar chocarem contra seu corpo. — A água aqui é ótima, acho que nunca me cansaria de nadar se morasse aqui.

— Às vezes é cansativo… Tudo é tão azul e tão profundo, nunca tem nada novo. — A sereia virou-se para Keiko. — Agora, você tem tantas possibilidades! Correr. Explorar. *Praticar magia!* Não consigo nem imaginar todas as coisas que eu faria se eu tivesse duas pernas…

— Já eu daria tudo para viver em um lugar como este — Keiko abriu os braços, como se pudesse abraçar o mar. — É tão lindo e tão… pacífico. E as criaturas marinhas! Não consigo imagino quantas espécies diferentes e encantadoras devem existir.

Assim como você, completou para si mesma.

— Mas você pode pisar em terra firme, e isso te dá muito mais oportunidades — Cecília baixou os olhos, tocando nas pontas do cabelo trançado. — E ter pele clara e cabelo liso como o seu devem ajudar muito. Acho que me sentiria… deslocada, mesmo que pudesse.

Keiko ponderou um pouco antes de responder.

— Sim, de fato ajudam. Mas até eu me sinto um pouco deslocada por aqui… — Tentativamente tocou no ombro da outra menina, que retribuiu o toque. — Acho que você se daria bem no instituto… Ao menos teríamos uma à outra.

As duas se olharam sorrindo, como se quisessem dizer algo a mais. Passaram tanto tempo apreciando o momento que Keiko nem percebeu a hora passar.

— Ai, céus! Perdi a hora de novo, o portal já deve estar fechando! – Keiko se apressou para voltar a superfície.

Quando já estava longe, Cecília gritou:

— Te vejo de novo amanhã?

E elas se viram de novo, e de novo, e de novo. Keiko passou a ir ao mar todos os dias assim que o sinal tocava, as frustrações das aulas em terra começando a desaparecer, como se as tardes com Cecília a enchesse de energia. Logo, as duas se tornaram inseparáveis, quase como se não tivesse limite entre terra e mar.

***

— Ceci! — Keiko chamou enquanto se aproximava da água.

— Aqui! — gritou uma voz não muito longe.

A sereia de longas tranças cor-de-rosa estava à espera de Keiko, com o sorriso caloroso que abria sempre que a via.

— E aí, como foram as aulas de hoje?

— Tenho uma coisa para te mostrar!

Keiko fechou os olhos e inspirou fundo, se concentrando. Seus braços se movimentaram como se fosse puxar alguma coisa para fora e, no mesmo instante, uma pequena esfera d’água saiu do mar e levitou em direção às mãos da jovem.

Cecília deu um gritinho de alegria.

— Parece que alguém finalmente encontrou seu chamado!

— Tivemos aula de Magia Elemental hoje! Aparentemente eu sou boa com coisas relacionadas à água — Keiko disse com uma expressão confiante, passando a esfera de uma mão para outra. Animada, transformou a esfera em pequenas ondas que circulam pelo corpo de Cecília.

A sereia bateu palminhas.

— Eu disse que uma hora você pegava o jeito!

As duas deram voltas em torno da água e dançaram com as ondinhas que Keiko fizera. Até que, então, percebeu alguma coisa grande se mexendo na ilha em que ficava o Instituto. A grande rocha que

sustentava a instituição agora mais se parecia como um grande casco, e Keiko pôde ver a cabeça de um cágado gigante emergir da água.

Cecília tapou a boca com a mão, com uma expressão aflita no rosto.

— Ah não! Parece que ele está acordando…

— Então é por isso que o Instituto Ignoto nunca fica no mesmo lugar! — Keiko deu uma risadinha deslumbrada. — A instituição está em cima de um cágado gigante!

Cecília abaixou a cabeça, fazendo algumas tranças taparem seus olhos.

— É… mas se ele se mexer, a gente nunca mais vai se ver…

— Nunca é um testamento definitivo demais para se fazer.

— Você sabe o que eu quis dizer…

O cágado abriu os olhos, olhou ao seu redor e mexeu um pouco as patas. Keiko finalmente entendeu que não faltaria muito para o animal começar a migrar novamente, e talvez elas só tivessem mais um dia juntas.

— Pelo menos temos o aqui e o agora — Keiko abaixou o olhar para os lábios de Cecília — Ceci, eu queria te dizer…

Antes que ela pudesse completar a frase, Cecília se aproximou e a beijou.

Com as testas encostadas uma na outra, as duas se entreolharam e sorriram. Pelo menos elas tinham esse momento. E isso nenhum cágado tiraria delas.

***

No dia seguinte, o cágado parecia estar mais impaciente, então Keiko não perdeu tempo e foi direto para a biblioteca. Precisava encontrar uma maneira para que o bicho permanecesse ali. Ou, se não encontrasse uma maneira, queria fazer algo por Cecília. Um presente de despedida, talvez.

Em uma página de um livro de feitiços avançados, encontrou o encantamento perfeito. Ainda estava se aperfeiçoando na matéria, mas estava tão ansiosa que sentiu que, com um pouco de sorte, talvez fosse conseguir.

Só precisava encontrar uma coisa: um amuleto da Praia do Muro Alto.

***

Depois da aula, Keiko pegou a mochila e foi andando em direção à praia. Em vez de ir para a água ao encontro de Cecília, agachou-se na areia e começou a procurar por uma concha. E não era qualquer concha, mas uma com o tamanho ideal para caber o feitiço que Keiko havia preparado. Depois de um tempinho procurando, achou uma perfeita: era fechada e a lembrava de um casco de caramujo, com pequenos caracóis na ponta.

Pegou o livro de feitiços, respirou fundo e leu exatamente o encantamento que estava escrito. Direcionou o feitiço com as mãos para o interior da conchinha. Não sabia ao certo se funcionaria, mas era o melhor que podia fazer.

— Keiko! Que bom que você veio — Cecília exclamou ao ver Keiko se aproximando da água. — Fiquei com medo de não conseguir me despedir…

Keiko deu um sorriso confiante.

— Se tudo der certo, isso não ter que ser uma despedida.

Cecília franziu as sobrancelhas.

— Como?

— Vem comigo! — Keiko estendeu a mão em direção à sereia, que hesitou em retribuir.

— Eu não posso Keiko, eu não tenho… Você sabe. — disse, em um quase sussurro. — Eu quero, *mas* teria que mudar completamente quem eu sou só pra poder ter a chance de estudar em lugar como esse.

— Você não precisa deixar de ser quem você é. Você é maravilhosa do seu jeitinho, em todos os detalhes. — Keiko entregou um colar com a concha enfeitiçada para a sereia. — Isso aqui é um presente. É só uma ajudinha e é temporário. Acho que tem um jeito de você estudar magia comigo. E fazer tudo que sempre quis.

Cecília sacudiu a cabeça, mas segurou o presente entre as mãos.

— Não sei como seria possível…

— Só usa o colar amanhã! — Keiko insistiu, colocando as mãos ao redor das de Cecília. — E se matricula no Instituto. Ele é aberto a todas as pessoas, inclusive criaturas que tenham habilidade em praticar magia.

— Mas eu não *sei* praticar magia!

— Você não sabe se você sabe! Só, por favor, *tenta*. Não vou me despedir, porque vamos nos ver de novo, eu tenho certeza.

Cecília virou a cabeça para o lado, evitando os olhos de Keiko.

— Keiko, eu só queria te dizer que as últimas semanas têm sido maravilhosas… Só espero que você fique bem. E que seja feliz, e…

— Eu disse que não vou me despedir! Agora preciso ir porque o portal já vai fechar. Te vejo de novo amanhã?

E saiu correndo em disparada à escadaria, sem olhar para trás.

***

— Acho que o cágado já vai ter se movido até amanhã… — Cecília disse para si mesma com um tom tristonho quando Keiko já havia sumido de vista. Continuava segurando o colar de concha nas mãos e demorou alguns instantes para perceber que havia um bilhete dentro. Um bilhete com instruções.

Passou os olhos pelas palavras escritas por Keiko e deu um sorriso.

***

Elas não se viram no dia seguinte, nem no outro e nem no outro após esse, fazendo Keiko começar a perder a esperança.

Na segunda-feira da semana seguinte, Keiko teve a manhã cheia, com aula de Feitiços, Matemática e Geografia, onde não deixou de ouvir as ladainhas de sempre. Estava desanimada, e não era a mesma coisa ir para a praia depois da aula sem ver o rosto radiante de Cecília esperando por ela. Por sorte, a última aula do dia era Magia Elemental: ao menos era algo que ela sabia fazer.

A tarefa do dia era fazer uma semente crescer e se tornar uma pequena árvore, e Keiko encaminhou a água do balde para suas mãos com destreza. Com um movimento da mão esquerda, fez a água cair em cima da terra e, com a outra, fez o crescimento da semente acelerar até que brotasse um caule e uma folhinha, pequenos mas saudáveis.

— Excelente! — a professora exclamou quando passou por sua mesa, anotando algo no caderno de avaliações. — Parece que a senhorita domina a terra tão bem quanto a água.

Keiko respondeu com um sorriso triste.

Assim que a aula acabou, Keiko levantou-se para sair da sala quando uma mão tocou seu ombro por trás.

— Acho que vai ter que me ajudar com isso depois, hein?

Keiko nem precisava se virar para saber de quem era aquela voz. Cecília estava lá: havia tirado as tranças e agora usava seu cabelo crespo natural. *Lindo*, pensou Keiko. A sereia abriu um largo sorriso, como se pudesse ler a sua mente. Ela era como o Sol, irradiando luz por onde passava.

— Pensei que não viria mais! — Keiko deu um abraço apertado em Cecília.

A sereia retribuiu o gesto, afundando o rosto no pescoço da menina. Só se desvencilhou para responder:

— Pensou que se livraria fácil de mim, é? — Cecília usava o colar de conchas no pescoço, o que a permitia ter duas pernas para ir às aulas.

Duas pernas com escamas, mas ainda assim, duas *pernas*.

— Parece que o feitiço não funcionou como devia… — Keiko baixou o olhar para observar as escamas roxas e reluzentes da sereia.

— Ah, mas eu gosto mais assim. Me lembra que eu não preciso mudar quem eu sou. — Deu uma piscadela para Keiko. — Além do mais, tudo bem feitiços não serem seu forte, isso não muda quem você é também. Afinal, olha só para essa árvore.

Keiko olhou para o brotinho, que parecia continuar crescendo sozinho, como se sua magia continuasse sem precisar de esforço. Do brotinho, olhou para Cecília, que a encarou de volta com um sorriso, e da visão orgulhosa da sereia, olhou para a sala ao seu redor. *Com certeza, esse é meu lugar.* E ninguém poderia lhe dizer o contrário.

As duas saíram da sala de mãos dadas, e Keiko ficou contente que Cecília parecia surpresa e animada ao ver que não era a única aluna negra e repleta de escamas nos corredores do Instituto.

— E então — Keiko perguntou, parando em frente à escadaria — Te vejo de novo amanhã?

— Não — Cecília respondeu com firmeza – Que tal um mergulho?

Keiko abriu um largo sorriso.

— Estava esperando você dizer isso.

E as duas correram para a praia, sabendo que haveria muitos amanhãs para passarem juntas, tanto na terra quanto no mar.



Larissa Usuki é designer gráfica e ilustradora, paulista e tem descendência japonesa. Gosta de dança, espadas, ler e assistir filmes, principalmente os de animação. Já fez diagramação para livros didáticos e capas para livros independentes como Entre Estantes, A Rosa de Isabela e A rota que me levou a você.

Segredos na noite

SOL CHIORO

Filipa amava caminhar à noite pelos arredores de seu antigo colégio. O prédio ficava mais bonito sob a luz do luar, os pios das aves noturnas pareciam ecoar mais alto no escuro, e a brisa fria que circulava por toda ilha quase parecia acolhedora. E o melhor de tudo: como não era sexta-feira, não havia torneio de queimada, ou seja, era quase impossível esbarrar em algum aluno naquele horário.

A última coisa de que Filipa precisava era encontrar alguém que a conhecesse, porque não queria ter que explicar o que estava fazendo no Instituto Ignoto de Artes Mágicas.

Ao ir embora daquela ilha para cursar Pedagogia em São Paulo, ela não imaginava que logo no primeiro semestre haveria uma greve que a faria voltar para casa. Porque sim, apesar do Instituto ter suas esquisitices mágicas que Filipa nunca apreciou, aquele lugar era sua casa, onde Elias, seu pai, havia trabalhado como caseiro a vida toda. Foi ali que ela nasceu, cresceu e estudou, mesmo não tendo aptidão para magia. Foi embora assim que pôde, mas agora não teve escolha senão retornar.

Apesar de tudo, ela achava a ilha um dos lugares mais bonitos que já tinha visto. Nenhum outro lugar tinha árvores tão belas e cheias de cores; não encontraria frutos fluorescentes em nenhum outro canto do mundo; e em qual outra floresta encontraria uma garotinha negra de pele clara sentada numa pedra, usando calça jeans e a camisa do uniforme do Instituto, conversando com alguém que estava fora do campo de visão de Filipa?

Calma, o quê? Aquela garota não deveria estar ali, ainda mais depois do toque de recolher.

— … e não é só isso, Otto! — disse a garotinha com desespero na voz. — Todo mundo tá me achando uma mentirosa, mas eu sei muito bem o que vi! O diretor Baltazar e a Carmelita disseram que vão investigar, mas duvido que estejam acreditando em mim também. Eu não sou mentirosa!

— Irmãzinha, eu não queria ser a pessoa a te dizer isso, mas… talvez achem que você tá mentindo por causa de todas as outras vezes em que você, sabe… mentiu. — As palavras de Otto carregavam certa doçura, apesar de soarem meio falhadas e sem vida.

— Você também não acredita em mim?!

— Eu não disse isso, Otacília! Só estou pontuando os fatos, e você sa… Tem mais alguém aqui com a gente.

Filipa sentiu um frio na barriga na mesma hora. Ela sabia que não havia motivos para ficar nervosa, não estava fazendo nada de errado. As regras para os poucos alunos que viviam no colégio não eram as mesmas para ela. Baltazar nunca impôs o toque de recolher para a garota que nasceu e cresceu na ilha. Então, ao contrário daqueles dois, ela estava no seu direito em caminhar pela floresta durante a noite. Filipa levantou o queixo, dando alguns passos para frente e saindo das sombras entre as árvores.

A menina chamada Otacília tinha cabelos crespos volumosos e a palma de uma das mãos aberta com uma pequena chama flutuando bem ali, os olhos arregalados ao encarar Filipa. Feitiços como aquele eram bem simples, algo que se aprendia ainda no primeiro ano no Instituto, mas o que deixou Filipa intrigada foi perceber que não era um humano que acompanhava a garota. Bem ao lado de Otacília, um pouco azulado, meio esbranquiçado e bastante transparente, estava um fantasma. Filipa já havia visto criaturas como aquela, afinal, fantasma não eram novidade em sua vida cercada de magia, mas nunca havia visto o fantasma de alguém tão jovem, talvez quase de sua idade. O rapaz, Otto, era bastante parecido com Otacília: os mesmos lábios grossos, nariz largo e sobrancelhas espessas. As maiores diferenças eram as tranças curtas que ele usava e, bem, o fato de ele não ter um corpo de carne e osso.

— O que estão fazendo aqui? — Filipa perguntou com a voz mais severa que conseguiu emitir. — Você não devia estar fora do colégio tão

tarde, e *você*… — Ela encarou o fantasma, que estreitou os olhos de um jeito desafiador. — Nem sei ao certo se você poderia sequer *estar* na ilha.

A menina sussurrou uma palavra que fez a chama em sua mão aumentar, iluminando ainda mais o ambiente. Sua expressão se tornou mais suave ao encarar Filipa.

— Você não é a filha do tio Elias? Disseram que você tinha ido embora…

Filipa cruzou os braços, mantendo a pose de superioridade, porque não precisava responder a dúvidas de crianças. Já tinha se formado e não devia nada a ninguém naquele lugar, exceto a seu pai.

— Isso não importa. Não responderam à minha pergunta.

O fantasma, flutuando a alguns centímetros do chão, levantou as mãos num gesto defensivo e disse:

— Não queremos problemas. Já vamos voltar para o dormitório, não se preocupe.

— Você é um fantasma e não estuda aqui. Não deveria ir para os dormitórios. Acho melhor chamar o diretor Baltazar e…

— Não! — os dois gritaram juntos, encarando Filipa em desespero.

Foi a menina quem suspirou fundo e continuou com uma explicação:

— O Otto é meu irmão, veio pra cá comigo. Ele sofreu um acidente um pouco antes de eu receber o convite para frequentar o Instituto, isso no comecinho deste ano. Eu estava muito triste quando cheguei na ilha, e numa noite, sem querer, acabei trazendo a alma dele de volta.

Filipa arregalou os olhos, sabendo o suficiente sobre magia para ter certeza de que esse tipo de feitiço era proibido aos alunos. A menina percebeu sua expressão e logo voltou a falar.

— Eu sei! Eu sei! Não fiz por mal! Olha, eu tava triste e com saudade do meu irmão… nem ao menos tava tentando trazer a alma dele de volta, só… aconteceu.

— E eu tenho estado ao lado da minha irmã durante esses meses, porque nada nem ninguém vai me afastar dela de novo — disse Otto, sustentando um tom frio e deixando claro para Filipa que não confiava nela.

A verdade é que em outro momento ela realmente não seria a melhor pessoa para guardar um segredo assim. O diretor Baltazar sempre foi muito bom com a sua família, e ela odiaria simplesmente esconder algo

tão grande dele, mas… ela não era mais aluna no Instituto. Não tinha obrigação nenhuma de relatar uma infração como essa, certo? Além do mais, ela entendia Otacília. Filipa podia até não ter irmãos, mas sua mãe havia morrido quando ela ainda era muito pequena e sempre sentia saudades dela. Se tivesse a habilidade de trazê-la de volta, não hesitaria. Como poderia julgar a garotinha por fazer o mesmo pelo irmão?

— Eu não vou falar nada pra ninguém, isso é problema de vocês. Só quero saber por que estão aqui a essa hora.

— Viemos provar que eu não sou uma mentirosa.

Otto revirou os olhos e cruzou os braços, gestos naturais em um humano e que eram quase cómicos num fantasma.

— Na verdade, eu só vim acompanhar pra não deixar ela fazer nenhuma bobagem e também aproveitar pra ver se encontro o Arnaldo. Nós temos uma ligação, eu e ele. O melhor cachorro do mundo.

Filipa ignorou o comentário de Otto, focou na menina e perguntou, confusa:

— Como assim?

Otacília voltou a se sentar na pedra antes de começar sua história:

— Bem, tudo começou semana passada quando eu tava voltando do jogo de queimada. Nem queria ter ido depois de… não importa! Eu tava voltando sozinha do jogo, passando por aquela estrada ali — Ela esticou o braço para apontar a trilha de terra que aparecia ao longe entre as árvores — quando vi o professor assistente de Magia de Proteção andando com um aluno, o Dênis, que tá no sexto ano comigo. O menino parecia desesperado e estava pálido, mas continuou andando atrás do assistente. Tenho certeza que ele tava chorando. Os dois logo sumiram, e, no dia seguinte, avisaram que esse mesmo menino tinha ido embora do colégio de repente.

— Não é comum os alunos deixarem o Instituto…

— Exatamente o que eu pensei! — Otacília concordou com Filipa animadamente. — Fui atrás de uns amigos dele, mas ninguém sabia de nada. E então fui atrás do professor assistente, o Bruno, e…

— Bruno? Bruno Montessori?

— Esse mesmo, o com cara de psicopata. Aqueles olhos verdes enormes… Ugh! — O corpo da menina tremeu, e ela fez uma cara de nojo. — Fico toda arrepiada.

Se tinha algo que Filipa conhecia muito bem eram os olhos verdes enormes de Bruno Montessori. Ela havia passado metade do ensino médio completamente apaixonada pelo garoto que era a estrela no time de queimada da turma. Ele assumiu o posto de professor assistente assim que se formou, um ano antes de Filipa, e não demoraria muito para se tornar oficialmente parte do corpo docente. Muitos não gostavam de Bruno, acusavam-no de várias peças que misteriosamente eram pregadas nos professores e alunos e o achavam esnobe, antipático e esquisito por não parar de falar sobre espíritos, mas Filipa nunca pensou nada disso. O rapaz só era introspectivo, quieto e interessado no conhecimento sobrenatural. Todos interpretavam sua introversão do modo errado, exatamente como Otacília estava fazendo.

A paixonite de Filipa não estava mais viva havia um tempo, mas isso não queria dizer que ela pudesse acreditar que Bruno estaria envolvido em qualquer coisa esquisita.

— Mas do que exatamente você quer acusar o Bruno? — ela perguntou.

— *Quer* acusar? — Otto bufou e soltou um riso forçado. — Você não conhece mesmo a minha irmã. Ela não controla a língua que tem e sempre esquece onde enfiou o juízo. A menina nem pensou duas vezes antes de correr até a sala do diretor pra deixar uma acusação registrada.

Otacília pareceu constrangida pelo jeito que o irmão falou de sua atitude impulsiva, mas não abaixou o queixo ao se explicar:

— Eu não podia perder tempo, não sabemos se ele vai fazer algo com outro aluno.

Otto flutuou para mais perto de Filipa e completou:

— E é por isso que essa teimosa tem vindo pra cá toda noite.

— Ele não vai parar só com o Dênis! E eu não vou deixar que ele faça mal pra mais ninguém!

— E o que exatamente você acha que aconteceu? — Filipa perguntou, não acreditando nadinha na desconfiança passional da menina. — Acha que o Bruno matou o moleque?

— Eu não sei exatamente o que ele fez, mas com certeza não foi algo bom. Eu vi o olhar vazio do Dênis e sei o quanto ele amava o Instituto. Duvido que ele iria embora assim… Tem algo estranho, eu *sinto*.

— Você não pode sair acusando pessoas só porque *sentiu* qualquer coisa — Filipa rebateu, começando a perder a paciência. — Se você

controlasse melhor o que *sente*, não teria o fantasma do seu irmão te seguindo por aí.

— Ei! — Otto protestou, enrugando a testa. — Eu não tenho nada com isso.

— Não mesmo, porque você nem deveria estar aqui.

— Mas eu estou e você não tem nada com isso também.

— Ah, não? Eu deveria entregar vocês dois pro diretor Baltazar, ele com certeza saberia como mandar sua alma pro além.

— O além parece um tédio, prefiro ficar aqui mesmo. E você? Não deveria ter ido embora da ilha como disseram por aí?

— Não devo satisfação da minha vida pra fantasmas intrometidos!

— Então faça o favor de devolver a gentileza e vê se não se mete na minha vida e na da minha irmã.

— Como eu vou me meter na sua vida? Você é literalmente um fantasma!

— Sua visão do que é uma vida é limitada demais pra alguém que cresceu aqui.

— Eu nem sei por que ainda tô falando com você — disse Filipa, tentando segurar a frustração de estar discutindo com um fantasma e dar um fim àquela conversa.

— Digo o mesmo. Então pode ir embora e deixar a gente em paz.

— Vocês dois querem parar!? — exclamou Otacília, interrompendo o bate-boca com desespero na voz. — Eu não estou mentindo! E vou provar pra todo mundo que estou certa.

— E como vai fazer isso?

Quase como se estivesse esperando pela pergunta de Filipa, Bruno Montessori surgiu ao longe. Os três ficaram em completo silêncio ao vê-lo descendo a escadaria principal do colégio. Ele se aproximou da floresta, e, na mesma hora, Otacília apagou a chama que ainda flutuava sobre sua palma. Os três foram cobertos pela escuridão da noite e não falaram mais nada enquanto observavam o professor assistente se esgueirar com passos lentos e cautelosos por entre as árvores, indo em direção à estufa do Instituto.

— Vou atrás dele pra ver o que tá acontecendo — anunciou Otacília.

— Eu vou com vocês — disse Filipa, recebendo olhares duvidosos. — O quê? Não vou deixar uma aluna e um fantasma ilegal saírem

sozinho por aí pra seguir o meu ex-colega que *com certeza* não é um feiticeiro do mal. Vou com vocês e vou provar que o Bruno é inocente.

— Ele não é inocente! — rebateu Otacília.

— Tá bem, mas mesmo assim. Além do mais, você precisa de alguém pra te ajudar a te proteger caso seja necessário.

— Ela é minha irmã, posso fazer isso.

Filipa forçou um sorriso e cruzou os braços.

— E como pretende ajudar? Levitando e fazendo *uuuhhhh* até assustar alguém? Você não é corpóreo e não pode tocar objetos. Não vai ser muito útil nem mesmo pra dar sustos, já que a maioria das pessoas nesse lugar já viu algum fantasma ou coisa mais esquisita por aí.

Os três ficaram em silêncio por um tempo, até que Otacília resolveu falar:

— Eu tenho quase certeza de que vi uma aluna hoje mais cedo conversando com as próprias tranças. Elas pareciam se mexer sozinhas. — Tanto Otto quanto Filipa lançaram olhares descrentes para garota. — Tô falando sério! Ninguém nunca acredita em mim, argh. Enfim! O que quero dizer é que, sim, viram coisa mais esquisitas do que um fantasma. A filha do tio Elias tá certa, Otto. Podemos precisar de ajuda.

— E meu nome é Filipa, viu?

— Prazer. E falando nisso… — Otacília enfiou a mão na pochete que carregava na cintura e tirou uma mistura de ervas e alguns pós lá de dentro, espalhando-os na palma da mão enquanto sussurrava algumas palavras. A garota deu de ombros e lançou um sorriso sem graça para Filipa. — Só pra garantir que você não vai mesmo sair por aí falando sobre o Otto…

Filipa estava prestes a perguntar o que ela queria dizer com isso quando a menina assoprou o conteúdo de sua mão e uma nuvem de fumaça amarelada subiu no ar, circulando a cabeça de Filipa e fazendo-a tossir sem parar. Ela tinha experiência o suficiente com alunos de magia para saber que tinha acabado de ser enfeitiçada.

— O que você fez? — ela perguntou, ainda entre tosses.

— Só um encantinho que vai garantir que você guarde segredo. Talvez você sinta sua língua inchar se começar a falar sobre o Otto pra alguém, mas nada demais, o efeito dura só alguns segundos.

Filipa odiava como algumas pessoas que frequentavam o Instituto achavam que podiam sair por aí jogando magia em tudo, sem respeitar a

vontade dos outros. Ela não estava planejando espalhar o segredo dos dois, mas ficou profundamente irritada por não ter escolha.

— Vamos logo antes que ele se afaste demais — disse Otto, passando por entre as duas e fazendo os pelinhos dos braços de Filipa se arrepiarem quando a pele inexistente dele roçou na dela.

Os três foram se esgueirando pelas árvores na direção da estufa. Eles se aproximaram só o suficiente para que Bruno ficasse à vista, mas se mantinham longe do rapaz, as duas caminhando com cuidado enquanto Otto flutuava suavemente ao lado delas. Esperaram que Bruno entrasse na estufa e se aproximaram de uma das janelas para espiar lá dentro. O professor assistente olhou para os lados, certificando-se de que ninguém estava ali, e roubou algumas raízes dos vasos. Não era exatamente proibido fazer uso daquele material, ainda mais não sendo um aluno, mas a forma que ele olhava ao redor sem parar era meio suspeita e deixou Filipa com uma pulga atrás da orelha.

— Isso não parece estranho pra você? — sussurrou Otacília.

— Tá bom, esse comportamento não é normal — respondeu Filipa. — Mas também não quer dizer nada.

— Quer sim! Ele é do mal!

— Só dizer que uma pessoa é do mal não faz isso ser verdade, irmãzinha — disse Otto, nem um pouco preocupado em baixar a voz e recebendo um “shhhh” das duas. Ele revirou os olhos, mas continuou em um tom de voz mais baixo: — Precisamos de mais provas do que isso pra acreditarem em você, ainda mais depois da sua mentirada toda.

Filipa franziu a testa e encarou a menina.

— Que mentirada?

Otacília ficou sem graça, mas não fugiu da pergunta:

— Eu era do time de queimada. Bem, na verdade, eu entrei pro time porque disse que jogava muito bem, o que não era bem verdade…

— Era uma mentira *enorme*. Ela nem sabe jogar uma bola direito.

— Fica quieto, Otto! Enfim, pra ninguém descobrir, eu fui inventando desculpas pra não participar dos jogos. Fingi que tava doente, reprovei numa prova de Levitação de propósito… foram meses assim. Até que descobriram e me tiraram do time. Depois disso, todos acham que sou mentirosa.

— Porque você mentiu — concluiu Otto.

A garota apenas agitou as mãos, ignorando os outros dois e voltando a observar Bruno. Quando ele recolheu tudo o que queria, seguiu em direção à porta, fazendo o trio se encolher para não ser visto. Filipa estava com o coração saltitando na garganta, com a certeza de que Bruno os veria ao voltar para o colégio – mesmo sabendo que ele não estava fazendo nada de errado, ao contrário do que Otacília achava –, mas o professor assistente de Artes Protetoras escolheu um novo destino. Bruno virou para o lado contrário de onde tinha vindo e caminhou até a porta velha de um alçapão que ficava no chão ao lado da estufa, afastando as muitas folhas ressecadas que o cobriam.

Filipa conhecia a ilha como a palma de sua mão e nunca tinha reparado naquele lugar. Bruno abriu as portas e desceu uma escada. Os três se entreolharam, sem saber qual seria o próximo passo.

— Não podemos perdê-lo de vista — disse Otacília, indo atrás de Bruno antes de ouvir o que o irmão ou Filipa tinham a dizer sobre aquele plano.

Relutantes, Otto e Filipa se entreolharam e seguiram a menina mais nova. Eles desceram vagarosamente, com Filipa muito consciente do fato de estarem adentrando o casco do animal que regia toda a ilha. Quando finalmente chegaram ao fim da escada, perceberam um longo túnel mal iluminado por luzes azuis que se abria à direita. Concordaram em caminhar por ele com uma simples troca de olhares e acenos de cabeça, já que não havia outro caminho pelo qual Bruno poderia ter seguido.

Encontraram algo parecido com uma gruta no fim do túnel, com formações rochosas pontiagudas no teto. No centro da gruta estava uma mesa com uma faca e uma jarra, e em frente à mesa estava Bruno, com roupas todas pretas e a pele branca parecendo ainda mais pálida sob as luzes azuladas. Bem próximo à parede estava Dênis, petrificado pelo medo estampado em seu rosto.

Os três se esconderem nas sombras da entrada da gruta, observando o que o professor assistente faria a seguir.

— Me deixa ir, por favor… — murmurou o menino.

— Ah, Dênis, eu adoraria. Mas você é essencial para os meus planos.

O menino continuava parado no mesmo lugar, sem se mexer um milímetro sequer, mas seus olhos arregalados e lacrimejantes mostravam

o quanto ele não queria estar ali. Filipa não precisava ser um gênio para saber que era magia que o prendia onde estava.

— Eu não fiz nada… não sei de nada…

Bruno riu baixinho e pegou a faca, levantando-a até a altura do rosto para encarar o próprio reflexo. Com a mão livre, ele retirou as ervas que estavam no bolso do casaco, as mesmas que havia roubado da estufa, e jogou-as dentro do líquido na jarra.

— Imagino que não saiba mesmo, burro do jeito que é. E, mesmo assim, ainda preciso da sua alma pra completar o meu plano. A última das dez almas que preciso recolher para conseguir um poder inimaginável!

— Minha… alma?

— Sim, Dênis. Apesar de ser um inútil e ter pouquíssima aptidão para magia, você serve de algo! Não fica feliz? — Bruno repuxou os lábios em um sorriso macabro e tirou do bolso da calça um amuleto no formato de sol com aparência muito antiga. — Só preciso recolher dez almas e colocá-las dentro do amuleto para alcançar meu potencial máximo como feiticeiro.

Bruno mergulhou a faca na jarra de vidro, que carregava agora um líquido azul fluorescente, e depois apontou-a para Dênis com uma expressão assustadora no rosto, continuando seu discurso.

— Anime-se, garoto! Você foi escolhido para sacrificar sua vida para isso. Finalmente vai ser útil pra alguma coisa mágica!

— Viu? Eu disse que ele era do mal! — Otacília sussurrou para os outros dois.

Ela encarou Filipa e Otto com um sorriso muito grande para alguém que estava presenciando não só uma ameaça, mas também um possível assassinato prestes a ser cometido.

Filipa não só podia ver, como também estava apavorada com o quanto a lâmina de Bruno estava perto do pescoço de Dênis.

— A gente precisa impedi-lo…

Sem combinar nada antes e tão impulsivo quanto a irmã, Otto saiu flutuando a toda velocidade e se aproximou de Bruno pelas costas. Antes que o professor assistente percebesse que não estava sozinho, o fantasma atravessou seu corpo, causando uma reação esquisita no rapaz, que tremeu por inteiro ao ser transpassado pelo espírito.

— Quem é você? — Bruno perguntou, ainda atordoado.

Enquanto Otto atormentava Bruno, Otacília balançou a cabeça para Filipa e gesticulou para indicar que iria escondida até Dênis para fazer um contrafeitiço que o tirasse do estado de imobilização. Mas não sem antes apontar para Filipa e em seguida para Otto, pedindo que ela ajudasse o irmão a distrair Bruno.

Esperando ter entendido o plano e com o coração batendo forte no peito, Filipa correu até o antigo colega e gritou:

— Bruno, para com isso agora!

Ele pareceu genuinamente confuso ao vê-la. Filipa conseguia entender o sentimento: ninguém esperaria que a filha do caseiro se metesse numa encrenca como aquela. Nem a própria Filipa.

Bruno olhou para ela com atenção por um segundo e em seguida soltou uma gargalhada. Então se aproximou da jovem com um sorriso assustador:

— O que uma humana inútil e sem conhecimentos como você pode fazer, Filipa? — ele perguntou num tom de voz ainda mais apavorante do que o usado para falar com Dênis. — Aliás, achei que você finalmente tivesse percebido que aqui não é o seu lugar e estivesse fazendo aquela faculdade idiota normal. O que houve? Nem isso você conseguiu fazer?

— E você? — respondeu Filipa com raiva. — Sempre se fazendo de quietinho, mas todos estavam certos! É um grande mau caráter! Deixa o Dênis em paz!

— Ah, por favor, esse garoto não vai fazer falta pra ninguém.

— *Você* não faz falta pra ninguém! — gritou Otto, mais uma vez atravessando o corpo de Bruno e fazendo-o estremecer.

Otto também não parecia estar na sua melhor forma depois do ato, ficando um pouco mais transparente e aparentando fraqueza, e foi se aproveitando desse instante que Bruno, ao se recompor, levantou o amuleto que carregava consigo na direção do fantasma.

— Bom, eu só preciso de uma alma, não precisa ser a do Dênis.

— NÃOOOO! — Filipa gritou, mas antes que ela pudesse fazer algo, Bruno lançou uma magia que a fez voar para longe.

Foi aquele o momento que o vira-lata caramelo escolheu para interrompê-los. Arnaldo era tão parte do Instituto quanto qualquer um deles, sempre rondando o terreno do colégio e aparecendo quando necessário. Ele latiu algumas vezes, chamando a atenção de todos para o

corredor de onde vinha, e Filipa aproveitou a distração para levantar o punho e o lançou com força bem no nariz de Bruno. O rapaz caiu no chão, desconcertado, com sangue escorrendo pelo rosto.

Filipa massageou os dedos doloridos e gritou:

— Meu Deus, como eu gostei de você um dia!?

— É, você tem um gosto horrível mesmo — Otto concordou, surgindo de repente ao lado dela com um sorriso divertido no rosto e os braços fantasmagóricos cruzados. — Já o Arnaldo sempre gostou de mim.

Bruno, ainda meio desnorteado, tentou se levantar, mas Otacília pulou bem ao lado dele e tirou algumas de suas próprias ervas e pó mágicos da pochete, esfregando-as na palma da mão e assoprando uma nuvem esverdeada sobre o professor assistente. Demorou apenas alguns segundos para Bruno começar a levitar e ir parar no teto da gruta, o corpo preso pelo feitiço mesmo em meio a seus protestos.

— Dênis, corre! Vai chamar o diretor! — Otacília gritou para o menino assustado, agora liberto, e então se voltou para o fantasma do irmão. — E você, se quiser continuar comigo, é melhor dar o fora daqui agora mesmo.

Ainda meio confuso e apavorado, Dênis balançou a cabeça e saiu correndo pelo caminho que o trio havia vindo. Otto, visivelmente frustrado por não poder colher os frutos da vitória com a irmã, sumiu com tanta facilidade quanto antes.

O diretor Baltazar e Carmelita se fizeram presentes em menos de dez minutos, revertendo o feitiço de Otacília e jogando um novo sobre Bruno para mantê-lo sob controle. Dênis explicou que havia sido enfeitiçado pelo professor e estava preso ali há dias, e que Bruno tinha decidido que naquela noite finalmente acabaria com a vida do garoto e tomaria os poderes da linhagem dele para si. Durante todo o relato, Otacília pareceu muito orgulhosa de si mesma por ter estado certa desde o começo.

Baltazar agradeceu a ajuda dos jovens, mas pediu que não contassem nada a ninguém e mandou-os de volta ao colégio. Os três saíram de lá em silêncio, mas Otacília e Filipa decidiram que era cedo demais para voltar à normalidade, então se despediram de Dênis e caminharam até o campo de queimada. Lá, as duas se sentaram no gramado, encarando a floresta que rodeava parte do campo e esperando Otto resolver aparecer.

Filipa estava prestes a virar o rosto para se desculpar por duvidar de Otacília, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, recebeu uma fumaça amarelada na cara, soprada pela menina.

— Você realmente precisa parar de fazer isso com as pessoas — repreendeu o recém-chegado Otto.

Filipa começou a tossir sem parar, sentindo os pulmões serem tomados pela nuvem de poeira mágica.

— Eu só queria desfazer o feitiço de antes, poxa — explicou Otacília ao irmão, então se voltou para Filipa: — Não acho que precisamos nos preocupar com você contando que eu trouxe a alma do meu irmão de volta.

Filipa encarou o jovem fantasma, e ele apenas deu de ombros, dizendo:

— Não olha pra mim. Eu ainda não gosto muito de você.

Otacília deu uma cotovelada no braço de Otto, o cotovelo obviamente passando direto por sua forma incorpórea, mas o gesto fez o fantasma revirar os olhos pela milésima vez naquela noite.

— Tudo bem, obrigado por ajudar minha irmã hoje. Você não é tão péssima assim.

— Digo o mesmo.

Otacília sorriu como se aquele fosse a melhor troca de elogios que já tinha ouvido.

— Sabe o que também não é tão ruim? — Ela apontou para longe, e os dois olharam na direção que ela indicava. — Mágica.

O vento batia contra as árvores, convidando os galhos para dançar, e os frutos brilhantes e amarelos em cada galho balançavam, soltando ruídos baixos que se pareciam muito com risadas.

Era uma cena bonita de ver, e Filipa mal percebeu um sorriso se abrindo em seu rosto. Não podia discordar de Otacília. A filha do caseiro poderia nunca entender ou amar mágica como todos os outros alunos do Instituto Ignoto, mas não dava para negar que nem tudo sobre ela era tão ruim assim.

Contra todos os indícios, aparentemente Filipa conseguia encontrar um pouco de felicidade no Instituto, mesmo que fosse entre uma garotinha mágica sabichona e seu irmão fantasma.



Sol Chioro é da baixada santista, mora em São Paulo e se formou em Letras – Português/Latim pela UNESP. Além de escritora, trabalha como revisora e tradutora. É autora de contos publicados nas coletâneas “Quatro minutos para a meia-noite” e “Cantigas no escuro”. Escreve histórias de romance como Solaine Chioro.

Filho de Ossain

CAMILA CERDEIRA

Sete da manhã, e já estou xingando quem achou que ter aula num horário desses seria minimamente aceitável. Sei que minhas melhores amigas já estão esperando por mim na escadaria da entrada do Instituto, e ainda bem que até dormindo consigo fazer o trajeto do meu portal até onde elas estão, pois estou no piloto automático.

— Não quero saber, Bina. Vocês sempre furam meus jogos, mas dessa vez vamos enfrentar nosso arqui-inimigo! — Ravena parecia estar brigando com Sabina, mas conheço as duas bem o suficiente para saber que isso nada mais era que o tom normal dela. — Chegou a margarida! Comecei a achar que tu ia faltar hoje.

— Meu portal tava estranho, parecia que não queria abrir.

— Ouvi alguns professores comentando que alguns portais simplesmente pararam de funcionar hoje mais cedo. Pode ser sério.

— Ai, Sabina, você se preocupa demais. O importante é que Noah veio e vai ficar para os jogos das Caiporas hoje, não vai? — A pergunta da Ravena era mais um ultimato que qualquer outra coisa, e Sabina me olhou com o canto do olho.

— Vamos pra sala. Não quero atrasar, o professor de Física é um inferno — desconversei.

Não queria ter que explicar porque ficar para além do horário da aula era complicado. Meus pais não gostavam que eu ficasse fora de casa por muito tempo, e eu precisaria ter trazido uma muda de roupa, já que ainda uso *binder*. Meus pais querem que eu espere até ter 18 para fazer a mastectomia, já que a recuperação é longa e não querem que eu perca

aulas. Sério, eles estão *perfeitamente* bem tendo um filho trans, desde que ele tenha excelentes notas e passe numa boa faculdade. A expectativa é que, assim como muitos filhos de Ossain, eu seja médico.

Honestamente, eu quero estudar botânica, mas vai dizer isso para eles.

— Merda, esqueci dos exercícios de Física. Bina, tu me empresta?

— Pela milésima vez, eu não empresto meus exercícios para ninguém copiar.

— Vai, Bina, só dessa vez… Cinco anos de amizade, e você vai me deixar tomar bronca?

— Oxe, claro. Cê merece.

E assim as duas foram discutindo até a gente chegar na sala de Física.

Sabina e Ravena continuaram brigadas pelo resto da manhã. Adoraria dizer que essa foi a primeira vez, mas acho que elas param de se falar pelo menos duas vezes por semana. Não que chegue a durar muito: elas nunca vão assumir, mas se amam como irmãs, e boas irmãs sempre brigam.

— Esse jogo é importante, *eu juro*. A gente vai jogar contra os Araras Douradas e finalmente revidar a final do campeonato de carimba de 2018.

— Não foram as Caiporas que ganharam no ano passado? — Sabina responde por cima de um livro.

— Ai, voltou a falar comigo, foi?

— Ravena, não força — eu imploro. — Vamos só almoçar em paz.

— Ganhamos, mas a gente não jogou contra eles — Ravena retoma o assunto do carimba. — Os Araras foram eliminados no meio do caminho sem termos chance de revanche, o que significa que esse é o jogo mais importante de todos. E que vocês *vão* assistir. Preciso ter alguém torcendo por mim.

— Sua namorada não vai assistir ao jogo? — perguntei com tom inocente.

— Elas terminaram semana passada. — Sabina tentou segurar a risada. Tínhamos uma aposta de quanto tempo os romances de Ravena durariam, e dessa vez ela venceu.

— Aí, aquela garota queria me controlar. Não, não nasci pra ser presa por ninguém. — Ravena gesticulava de forma exagerada, como fazia quando estava nervosa e queria disfarçar. — Além disso, tô em outra.

Tem essa menina do Rio, ela é um ano mais nova que a gente, bem bonitinha. Cabelo num *black power*, olho cor de mel, boca linda… E tem esse boyzinho da minha rua, mais velho, barbudo, baterista numa banda… Enfim, tenho opções.

— Ravena e suas mil paqueras. — Sabina balançou a cabeça e riu.

— Não tenho culpa se sou pan e as pessoas são bonitas.

As meninas ainda estão comendo quando eu me levanto para juntar minhas coisas.

— Epa, garotão, tá indo pra onde? — Ravena tenta segurar meu braço.

— Biblioteca — gaguejo. — Aquele trabalho de História da Magia Africana.

— Tu ainda não terminou? Tu tá o mês inteiro na biblioteca pesquisando isso.

Eu agradeço que ninguém consegue me ver ficar envergonhado, já que minha pele escura consegue prevenir isso com perfeição.

O primeiro motivo que me levou à biblioteca no intervalo do almoço *foi* o trabalho, pois queria pesquisar um pouco sobre a magia mais comum na Nigéria, então fui pedir recomendações de livros para Fabiana.

Foi aí que ele apareceu. Ainda não sei o nome dele — aparenta estar no terceirão como eu, mas deve ser de outra turma. Ele é um garoto mais baixo que meus 1,73m. É algo que já estou acostumado, um cearense acima de 1,70 é um gigante. A pele dele é linda, marrom e uniforme, um pouco mais claro que a minha, e tem cabelos cacheados abertos, daqueles que você quer enrolar os dedos e bagunçar o tempo todo.

Tenho voltado à biblioteca na hora do almoço para ver se o encontro desde então. Ele está lá todo dia na mesma mesa, com seus fones de ouvido, lendo algum quadrinho. Ainda não tive coragem de puxar conversa, mas comecei a sentar na frente dele para ler também.

Ficamos lendo na companhia um do outro, nunca trocamos uma palavra, só alguns sorrisos.

— Nigéria. Magia nigeriana — eu me engasgo nas palavras. Nunca soube mentir ou disfarçar nada, então começo a enrolar. — Realmente fascinante. Quanto mais você pesquisa, mais questões aparecem. É um universo fascinante, que traz tanto de ancestralidade pra pessoas como eu e Bina. Apesar de que eles usam elementos externos também, igual a

Ravena. — Eu e Sabina temos uma fonte de magia diferente da de Ravena: crescemos em terreiros, nossa magia é ancestral e vem de nossos Orixás guias. É um poder que nos conecta e também nos liga aos que vieram antes de nós. — Enfim, preciso ir, pouco tempo e muito estudo!

Passo correndo pela bibliotecária Fabiana, mas ignoro seus chamados e vou direto para o local de sempre, onde me deparo com uma mesa vazia.

Onde está o garoto de sorriso bonito, que chamo de "meu" mesmo sem ter trocado duas palavras com ele?

— Terra chamando Noah. — Fabiana me desperta do meu devaneio. — O menino que tu fica encarando deixou uma coisa pra ti. O nome dele é Caleb.

— Quando que você descobriu o nome dele?

— Eu *sempre* soube o nome dele. Sei tudo que entra e sai dessa biblioteca. Pegue. — Ela me passa uma caixa de presente quadrada, um pouco menor que o meu caderno. Dentro tinha uma camisa amarela e um bilhete.

Parece que Ravena conseguiu o que queria; eu *vou* ficar para ver o jogo. Só acho que ela não vai *gostar* do motivo que me fez ficar.

***

— Não tem a menor condição, Noah! — Ravena reagiu exatamente do jeito que eu esperava que ela reagisse. Mandei uma mensagem para minha mãe pedindo que colocasse uma muda de roupa no meu armário no horário que eu normalmente voltava. Ravena gritava na porta do vestiário, de frente para mim. Eu tentava pedir ajuda a Sabina em meio aos gritos, mas minha melhor amiga me ignorava.

Eu e Sabina éramos amigos desde os 4 anos de idade, crescemos com nossos pais indo no mesmo terreiro. Cobrei dela um favor para que eu não precisasse ficar sozinho durante o jogo, já que odiava ficar só em multidões.

E aqui estávamos nós, nos terrenos do Instituto depois de escurecer. O bilhete que Caleb deixou dizia que ele tinha treino no horário do almoço, mas gostaria de saber se eu não queria ver o jogo da noite e

depois tomar alguma coisa. Só tinha uma condição: eu precisava assistir ao jogo com o uniforme dele.

Uma camisa amarela dos Araras Douradas, número 3.

— O primeiro jogo meu que tu finalmente vai assistir e tu vem com a roupa do time rival?!

— É culpa de um garoto — Sabina falou sem emoção, sentada num banco na frente do vestiário que as Caiporas estavam usando, e, como mágica, essas palavras pareceram acalmar a fera.

— Garoto? Nosso menino finalmente desencantou?

— Ravena, você estava aos berros comigo por causa dos Araras, mas aparentemente posso namorar um cara do time rival?

— Vocês já estão namorando? — Ela tenta me dar um abraço, o que na linguagem da Ravena significa jogar minha cabeça contra os enormes peitos dela.— Chega, Ravena. — Eu me afasto e tento arrumar o cabelo em vão, os fios crespos já cresceram a ponto de perder a forma. Preciso cortar, com urgência. — Ninguém tá namorando. Eu conheci o Caleb na biblioteca e a gente lê juntos no horário do almoço todo dia. Hoje ele me convidou para ver o jogo e me deu a blusa dele. Então não, não tem ninguém namorando.

— Meu bombozinho de coco, você tá usando a camisa dele pra um jogo, vocês estão praticamente noivos!

— Eu nem sei como é o som da voz dele.

— *Quê*? — as duas soltam ao mesmo tempo.

— A gente se encara e troca uns sorrisos. Só.

***

Carimba (ou queimada, como alguns do colégio chamam) é realmente um esporte incrível. A regra principal é simples: dois times, um de cada lado, elimina os jogadores rivais ao acertar com uma bola neles. Um certo nível de magia é permitido, mas nada que coloque a vida de ninguém em risco. No jogo, existem os conjuradores, que ficam responsáveis por lançar feitiços nas bolas que são arremessadas no time adversário; os barreiristas, que criam campos de proteção em seus colegas para que eles não sejam atingidos; e os elementais, pessoas mágicas que têm a capacidade muito rara de controlar algum elemento da natureza e usam isso a seu favor como podem.

Ravena é uma das barreiristas, e uma excelente, diga-se de passagem. Ela precisa de elementos externos para canalizar suas invocações. No jogo, usa uma ametista nas mãos para criar um campo de força em quem apontar, ou um fio de cobre, onde cria uma parede rígida de metal…

Quem me surpreendeu foi Caleb, que é elemental. Ele se move tão ágil e silenciosamente que é completamente impossível atingi-lo. Caminhar no ar como se houvesse escadas de pedra sob seus pés e move o vento para reverter a direção da bola. Ele deve ser uma das estrelas do time, e o jogo está acirrado.

Havia dez jogadores de cada lado no começo, mas agora estava empatado com cinco jogadores restantes. Os Araras tomaram posse da bola. Dandara, uma filha de Oxum dois anos mais nova que a gente, estava controlando as águas para tentar auxiliar Ravena na proteção das Caiporas quando ouvimos a primeira explosão.

É normal ter explosões em jogos de carimba? Sim, mas essa veio do prédio principal do colégio. Pela primeira vez desde que o começo da partida, a bola foi paralisada, enquanto todos nos entreolhamos, tentando entender o que havia acontecido.

Foi aí que aconteceu a segunda explosão, e o caos se instalou. Professores se dividiram entre correr para descobrir o que estava acontecendo e tentar controlar os estudantes desesperados, que começaram a fugir por tudo que é lado. Só havia um problema: os portais que levavam os alunos de volta para casa ficavam no prédio principal.

Estávamos presos.

— Noah? — uma voz doce gritou meu nome. Caleb levitava na minha frente, estendendo a mão. — Os vestiários são nossa melhor opção agora. Vem!

— Sabina precisa vir conosco!

— Noah, vai com ele, eu tenho como descer das arquibancadas. — Sabina era filha de Nanã e tinha um poder muito forte escondido sob toda aquela calmaria. Talvez fosse a bruxa mais poderosa que eu conhecia, mas se alguém olhasse para ela, veria apenas uma garota negra de aparência indefesa. Ela puxou sua guia que, como eu, deixava escondida por segurança, beijou as contas e começou a entoar. — *Emi A Wa Kiyà Onile Ki Ile*.

A terra começou a se mover pelas ordens de Sabina. Uma escada se formou ao lado da arquibancada, e ela desceu como se nada tivesse acontecido. Dei a mão para Caleb, e ele me puxou para junto de si. Era impressionante como ele conseguia controlar os ventos bem o suficiente para chegarmos ao chão em um voo leve, e não como um grande saco de batata caindo com a gravidade.

— Vocês estão bem? — Ravena apareceu correndo, segurando uma obsidiana. — A gente precisa chegar aos portais! É o único caminho pra fora da escola.

— Tá louca? As explosões vieram de lá! — respondi.

— Concordo. Eu não gosto da energia que estou sentindo aqui. — Se Sabina estava sentindo alguma energia rondando o terreno do Instituto, boa coisa não era. Nanã não era apenas Orixá da Terra, mas também servia como ponte para a passagem dos mortos. Da terra viemos e a ela retornaremos.

— E se os invasores explodiram os portais pra prender a gente aqui? — Caleb perguntou em um tom agudo, um sinal de seu nervosismo. Em outra situação, teria achado isso fofo, mas agora eu só queria achar uma saída dali.

— Eu não gosto nada da opção de ficar aqui parada esperando algo acontecer — falou Ravena. — Caleb, acho que a gente consegue chegar até lá, mas você precisa me dar cobertura pelo ar. Noah, Bina, vocês conseguem se proteger?

— Você sabe que eu só sou útil em circunstâncias que não queremos que aconteçam.

— Vamos ficar bem. Qual é o plano? — Sabina falou com firmeza.

Estávamos no meio do campo de carimba, e dava para ver professores ajudando alunos a descerem das arquibancadas. Os que conseguiam descer sozinhos estavam no meio do campo, assim como nós. Olhei para Caleb, que me respondeu com um sorriso.

— Esse não é exatamente o primeiro encontro que eu tinha em mente, mas pelo menos estamos juntos, certo? — Ele me deu um beijo no rosto, e minhas bochechas ficam quentes de vergonha. Antes que eu possa responder, Caleb já está pelos ares, esperando o sinal de Ravena para corremos.

— Prontos? — ela chamou. Todos sinalizamos que sim com a cabeça. — *Corram*!

Sair do estádio foi a parte fácil. Os alunos mais novos faziam volume tentando chegar aos vestiários, e isso garantiu distração suficiente para que ninguém tentasse impedir que nós fôssemos na direção oposta. Mas correr não seria o suficiente, agora que estávamos fora e podíamos entender o que estava acontecendo: havia lobos gigantes, que formavam uma matilha diversa. Os maiores passavam de 2 metros com tranquilidade, e a pelagem deles era densa, nas cores cinza, marrom e preto. Eles lutavam contra professores e atacavam estudantes que tinham saído correndo como o nosso grupo. As garras e dentes dos lobos conseguiam cortar carne humana como faca em manteiga.

As mãos de Ravena se moviam com agilidade e precisão, enquanto sua boca murmurava algum cântico que eu desconhecia. Um campo se formou nas mãos dela, e, com uma combinação de movimentos, longas linhas de chamas vermelhas surgiram em seus dedos. O fogo afastou um lobo gigante de um garoto da turma de Caleb.

— Mas que merda é essa? — Ravena gritou, revoltada. — Não é lua cheia pra ter lobisomens!

— Isso não é nada bom, esses lobisomens são desgarrados. — Caleb aterrissou do nosso lado. — Ouvi numa aula que alguns não completam os rituais necessários e ficam presos na forma de lobo para sempre. Lobisomens são os protetores das cidades, mas esses daí perderam qualquer respeito por regras e apenas se preocupam com eles mesmos.

— Recebemos um carregamento de pedras da lua pra umas aulas avançadas de conjuração. Será que tem algo a ver com isso? — Ravena perguntou.

— Merda! — Caleb xingou. — As pedras são a única coisa que permitem que os desgarrados controlem as transformações. Mas como eles chegaram aqui? As proteções mágicas deveriam manter eles longe.

— Os portais! — Sabina parecia ter acabado de chegar a uma conclusão. — Os portais estavam dando problemas de manhã.

— Mas lobisomens não conseguem gerar magia… E, se alguém manipulou os portais, deve estar a serviço deles ou ter feito algum acordo.

— Tá, bonitão, a gente entendeu que você é bom nas aulas de Entidades Mágicas, mas a gente faz o quê agora? Manda eles rolarem e fingirem de morto?

Enquanto eles falavam, eu me dei conta de que sabia exatamente o que fazer:

— *Alase Ewé. Osanyin*!

Chamei meu pai Ossain, senhor das folhas, e seu poder intercedeu por mim, trazendo as ervas que eu precisava. Eram ramos de uma planta com flores que lembravam vários fantasminhas amarelos: *Aconitum*, mais popularmente conhecido como erva de lobo.

— Se a gente pulverizar isso e jogar o pó nos lobos, a gente consegue tempo o suficiente para passar.

Caleb parecia incrédulo.

— Você faz flores levitarem até você?

— Ele é filho de Ossain, invoca qualquer planta que precisar — Sabina respondeu como quem diz que são sete da noite. — São domínios do Orixá dele.

— Ravena, alguma ideia de como conseguir um pilão ou algo parecido?

— Deixa que eu resolvo. — Ravena não precisou falar duas vezes: com os ramos em mãos, começou seus murmúrios, e um brilho arroxeado surgiu entre as palmas. Em segundos, tínhamos pó o suficiente para quatro lobos. — É só jogar neles?

— Se eles aspirarem esse pó, vão ficar paralisados. Não é muito, mas é o melhor que consigo pensar.

— Como a gente vai fazer isso? Pedindo por favor? — Ravena debochou para encobrir o medo. Não estava funcionando. — Não dá mais para fugir se eles mexeram nos portais.

— Mas dá para segurar eles o máximo de tempo possível. Os professores vão precisar de toda a ajuda que puderem até colocarem as pedras da lua em segurança — disse Sabina. — Ravena, quanto impacto aqueles campos de proteção que você gera aguentam?

— Bastante.

— Caleb, certo? — Sabina olhou para o garoto. — Pegue o pó de erva de lobo e se prepare pra soprar na direção deles. Eu vou servir de isca, e Ravena vai me proteger com a barreira.

Fiquei desesperado com a ideia.

— Enlouqueceu, Sabina? E se a barreira não for o suficiente?

— Então eu tenho você. Vai ficar tudo bem no final.

— Você ficou maluca? Eu nunca usei…

— Tenho confiança em você, filho de Ossain — Sabina me interrompeu, e eu não tinha contra-argumentos. Odiava quando ela fazia isso comigo.

Nervosa, Ravena tremia enquanto manuseava o quartzo rosa em seu bolso. Apesar de tudo, a conjuração se manteve boa. Uma camada rosa cobriu Sabina, que saiu correndo imediatamente, afastando-se de vez do campo dos jogos de carimba. Os lobisomens estavam entre a gente e os degraus da entrada do prédio principal. Sabina repetia orikis em iorubá, convocando os poderes de Nanã e controlando a terra ao nosso redor.

Os domínios de Nanã são complexos. Ela está ligada à terra, que é de onde viemos e para onde vamos voltar. Isso faz com que tenha domínio sobre o outro mundo, para onde os mortos se encaminham, e é Nanã quem auxilia nessa passagem. Eu sei que Sabina consegue acionar o poder sobre os mortos, mas ela odeia essa habilidade.

— Escuta aqui. — Virei para Caleb. — Você é muito charmoso, mas aquela menina é a pessoa mais importante da minha vida.

— Mesmo que ela não fosse, eu não deixaria ninguém se machucar na minha frente. Agora me vê esse pó mágico, e vamos enfrentar uns lobos.

Caleb se afastou de mim e caminhou elegantemente por escadas invisíveis no ar, o exato oposto dos movimentos de Sabina, que puxava a terra e atacava os lobos de forma rígida e firme. Era como se ela própria fosse a rocha que estava controlando. A barreira de Ravena se mantinha firme e forte, e ela continuava concentrada, repetindo as evocações.

Sabina conseguiu chamar a atenção de três lobos, o que fez meu coração ficar prestes a sair pela boca, mas eu não podia distraí-los. Em minha mente, eu repetia uma oração para Oxalá que mamãe havia me ensinado quando ainda era criança.

Sabina correu, criando paredes de terra e fazendo surgir pilastras, que atingiam os lobos sem aviso. A proteção de Ravena era perfeita, e Caleb já havia nocauteado o primeiro lobo quando tudo deu errado.

Foi um daqueles instantes terríveis em que o mundo todo parece ficar em câmera lenta, e você só consegue gritar. Eu começava a acreditar que tudo iria dar certo quando um grupo de torcedores passou correndo e arrastou Ravena, o suficiente para ela perder a concentração e a barreira de defesa arrebentar.

Sabina não pareceu perceber e correu na direção de um lobo para ajudar Caleb, e eu sai correndo na direção deles.

Não sabia mais por quem estava gritando. Vi um lobo de dois metros de altura abrir a mandíbula, e Sabina e Caleb voaram na direção dele. Ravena berrou, e minha visão escureceu.

***

— Noah? Noah? Por favor, acorda — a voz nervosa de Ravena me chamava. Parecia distante, e minha vista ainda estava turva entre uma piscada e outra. — Bina, ele tá acordando, acho que ele tá acordando!

Percebi que estava no chão. Ravena me segurava pelos ombros, e ao meu lado estava o corpo ensanguentado de Caleb. Como eu, ele estava desacordado, mas conseguia sentir que ainda havia vida nele. Muito pouco, mas havia.

— O que aconteceu? Cadê a Sabina?

De pé, e quase sem conseguir se sustentar, estava Sabina, controlando um verdadeiro batalhão de eguns que lutavam contra os lobisomens, para nos proteger.

— Sabina! — gritei. — Há quanto tempo você invocou eles? Você sabe que não pode segurar por muito tempo, que é perigoso, e…

— Vou segurar quanto tempo for preciso. Agora você, Filho de Ossain, faça o que é destinado a fazer.

— Sabina, eu não…

— Eu sou uma filha de Nanã, a que traz a memória do mundo, e vigia o portal entre a vida e a morte! — ela bradou. — Os eguns me obedecerão até que eu não precise mais deles. Agora vá e faça o que apenas um filho de Ossain pode fazer. *SALUBA*, *NANÃ*!

A força e energia que um filho de Nanã é capaz é impossível de contrariar; era como ir contra a própria mãe. Engatinhei até Caleb, o sopro de vida nele estava cada vez mais frágil. Nunca havia feito isso, apenas tinha aprendido que era uma das habilidades que podíamos herdar e que, com sorte, nunca iríamos precisar.

Eu não tive sorte.

— *Agba axé, Ogun ta gie-gie*. — Invoquei os poderes de cura de meu Orixá, sentindo como se o axé da terra corresse por mim e eu pudesse moldá-lo à minha necessidade. Minhas mãos sabiam

perfeitamente o que fazer mesmo antes de ter feito. Sentia o vento em meus ouvidos e sabia que era Ossain me contando. A energia vital de Caleb aumentava, o corte no ombro dele não sangrava mais. Eu podia senti-lo cicatrizando até que a cor voltou a seu rosto e seus olhos se abriram.

Minhas mãos se moviam sozinhas, e eu repetia versos em iorubá que não sabia como conhecia, encarando o castanho escuro do olhar de Caleb.

— Todos os anjos têm olhos verdes assim?

— Quê? — A fala de Caleb tirou meu foco.

— Estou tentando fazer uma cantada funcionar aqui. O que aconteceu? — perguntou Caleb, desnorteado. — E Sabina? — ele gritou, parecendo se lembrar do que havia acontecido.

— Controlando um exército de espíritos logo ali.

— Ravena! São eguns — repreendi minha amiga. — Eles estão salvando nossas vidas, o mínimo seria você tratar eles com algum respeito. — Viro-me para Caleb, que está desesperado, tentando ficar de pé. — Você consegue se levantar?

— Consigo, só vou precisar um pouco de ajuda.

— Ótimo! Vocês dois, se preparem. A Sabina não vai segurar por muito mais tempo, preciso que me mantenham seguro até que eu consiga acordá-la. — falei com uma coragem que não sabia de onde havia surgido.— A gente segura isso aqui, junto — Caleb respondeu, apoiando-se em mim para ficar de pé. Eu sorri para ele.

— Não é muito, mas é o que a gente pode fazer.

— Antes que eu me esqueça — Caleb sussurrou para mim. — Se sairmos vivos dessa, você me deve um sorvete no nosso segundo encontro.

Agora eu tenho uma razão excelente para derrotar lobisomens.



Camila Cerdeira trabalha com escrita, fotografia e teatro. Nerd por criação, negra, não binário e feminista mora em Fortaleza. Autor do conto de fantasia urbana “A Noite Cai” e o conto contemporâneo “Física do Amor”.

Ecos

CAROLINA CASSIANO

A rotina no Instituto começava agitada com o barulho das crianças chegando e indo para as salas de aula. Enquanto os sons viajavam pelos corredores, ele repetia mecanicamente o caminho para o bandejão.

Lá, já esperava ser recebido pelo olhar acusatório que agora o encarava da cozinha com a cara fechada. Miro, ou Valdemiro, seu ex. Ignorou-o e foi se sentar em uma das mesas do canto enquanto esperava a comoção da criançada diminuir para ir atrás de alguma coisa para se alimentar, porém só precisou esperar alguns minutos para ver Miro se aproximar de sua mesa com um copo grande na mão. Sorriu.

— Ainda está enjoado? — Miro já puxava uma cadeira para se sentar, ignorando o tumulto na cozinha do outro lado do refeitório.

— *Hm-Hm* — negou. — Ainda estou sem apetite. — aceitou o copo e provou um pouco. Caldo de cana, docinho, descia-lhe estranho. Bebeu apenas a metade para agradar a Miro, que mesmo irado ainda era gentil o suficiente para se preocupar com sua alimentação. — Só resolvi aparecer porque o Diretor Baltazar vai começar a reclamar se eu continuar sumindo. É mais fácil lembrar que ainda estou vivo se eu aparecer durante as refeições.

A verdade, no entanto, era que havia um buraco estranho em seu estômago, crescendo há algum tempo, que ele não conseguia fechar e que o fazia continuar rondando o bandejão como um abutre. Miro, que de nada sabia, concordou, brincando com o resto do líquido no copo sem prestar total atenção ou o olhar nos olhos. Não podia culpá-lo. A briga da noite anterior mostrou o lado monstruoso de ambos, atacando as feridas

mais delicadas de cada um, descobertas ao longo dos dez anos do relacionamento acabado. Eles tentavam há anos manter o mínimo de civilidade por trabalhar no mesmo local. Ali era a casa de ambos e não podiam ou queriam partir de verdade.

— É impressão minha ou todos os professores resolveram atrasar hoje? — ele mesmo conseguia admitir que essa era uma tentativa fraca de puxar assunto para quebrar o clima tenso. Era estranho que os alunos já ocupassem todo o bandejão e nenhum professor estivesse presente, mas ele não se importava tanto com a rotina dos docentes do Instituto; seu trabalho era outro. Miro aceitou a tentativa de conversa.

— É porque você não para pra conversar com os alunos. Todos estão animados com a recepção de um mago de São Paulo especializado em comunicação com animais. Vai dar palestras para todas as turmas, as crianças não param de falar disso a semana toda.

Ah. Isso sim foi descuido. Certas questões internas da rotina do Instituto não lhe interessavam, mas a entrada e saída de qualquer pessoa ou coisa daquela ilha sim, já que era responsável pela segurança do lugar.

— Eles vão aparecer por aqui mais tarde — completou Miro, como se lesse pensamentos.

E como se tivessem sido evocados, eles realmente apareceram. Um grupo era guiado pelo próprio Diretor Baltazar, com a secretária Carmelita em seus calcanhares. Os professores faziam caminho para mesas ligeiramente afastadas, e um estranho os seguia, sob olhares curiosos dos alunos.

O avistou a mesa em que estava sentado com Miro de longe e, junto com o estranho, veio em sua direção. O passo dele era rápido e seguro e assim que chegou à mesa, prontamente se pôs a apresentar as partes. O cuidado do diretor para usar uma linguagem neutra era sempre reconfortante, visto que não se falavam há alguns dias, e Baltazar ainda não sabia que pronome ele estava usando hoje.

Apresentou-se ao homem como zelador do Instituto e pôs-se à disposição caso houvesse dúvidas ou precisasse de ajuda com os animais.

O homem se apresentou como professor Leopoldo e foi muito gentil. Trocaram um aperto de mão firme, mas a expressão do professor mudou quando as mãos tocaram. As do professor estavam cobertas por uma fina

luva branca, então seu primeiro pensamento foi retrair as suas, com medo de tê-las sujado, porém o professor manteve firme o aperto e virou o dorso para cima.

Apesar do gesto aparentemente rude, conseguia entender o espanto de Leopoldo: algumas partes de seu corpo ainda estavam cobertas por algumas escamas grandes e transparentes da última vez que precisou cuidar do quintal. Não seria de se estranhar se parte de sua mão estivesse coberta por elas também. Sempre esquecia como isso não era normal para todas as pessoas. Uma das escamas se soltou, e o professor a pegou, oferecendo-a de volta após encarar por alguns segundos.

Não sabia como responder, então sinalizou para que o professor a jogasse fora. O olhar do homem permaneceu fixo no seu por alguns instantes antes de atender ao solicitado.

Durante o resto da conversa, Leopoldo foi discreto e rápido e prontamente retornou com o diretor pelo caminho que vieram, rumo à mesa onde os outros professores os esperavam.

Acompanhou com os olhos as figuras se afastarem. Algo o incomodava, mas não conseguia apontar diretamente o que era. Parecia ser uma preocupação apenas sua, tendo em vista a confiança do diretor e a conversa animada que agora o professor visitante trocava com os professores do Instituto. O problema é que tinha a impressão de que todos eram ingênuos demais para julgar as pessoas, inclusive Baltazar. Sabia que estava sendo um pouco condescendente, mas não conseguia parar de pensar assim. Podia sentir o olhar de Miro cravado em seu rosto.

Esse foi exatamente o problema que desencadeou o término com o rapaz cinco anos atrás. Eles haviam se aproximado de início por experienciar gênero de uma maneira similar. Foi Miro quem o ensinou que a forma que ambos se identificavam tinha nome hoje em dia: agênero. Ao longo dos anos, a amizade evoluiu, e continuaram se vendo e se aproximando pela personalidade acolhedora de Miro. Namoraram por dez anos, mas no fim ele não conseguia deixar de considerar o cozinheiro como alguém ingênuo que confiava demais nas pessoas.

— Ele me passa uma sensação esquisita, não consigo apontar o porquê — tentou. Não podiam continuar brigando para sempre, talvez pudessem tentar confiar um pouco no outro.

Miro até o momento o encarava com a cara fechada, avaliando-o. Quando ouviu essa confissão tão rara, seus olhos se estreitaram, e permaneceu calado durante uns segundos.

— Se eles vão passar a semana, você vai ter bastante tempo. Podemos ficar de olho daqui da cozinha também — Miro ofereceu. — Eventualmente, se não for suficiente ou você achar alguma coisa, podemos montar tocaia.

A tensão habitava o espaço entre eles como um campo de batalha em que os dois se enfrentavam. Estava sendo pressionado. Miro sabia que ele sempre estava de vigia durante a noite, então oferecer companhia era ao mesmo tempo um pedido de confiança e uma tentativa de testar terreno. Ver até que ponto podia ir, até que ponto ele deixava Miro se aproximar.

Resolveu aceitar a tentativa e assentiu.

***

Acabou saindo da rotina para observar o visitante, mas não conseguia encontrar nada sólido que pudesse comprovar as suspeitas. Durante todos os dias, ele se ocupava com as tarefas esperadas da visita, recolhendo-se também ao anoitecer, no fim das aulas, e aparecendo novamente só com o raiar do dia.

Em compensação, apesar dos avisos do diretor, a agitação ainda mais fora do normal do que o esperado, porém as movimentações anormais eram suas. Andava mais distraído e esquecido que de costume, perdendo com facilidade coisas do dia a dia como, por exemplo, o pente garfo. E a energia que lhe restava também estava mais baixa. Sentia um cansaço estranho após um dia pouco movimentado, o que fazia com que não conseguisse acompanhar todos os passos do professor durante grande parte do tempo.

Chegou ao ápice do desconforto quando encontrou Leopoldo, um pouco antes do horário de dormir, pelos corredores. Havia algo estranho no homem, algo que não conseguia tocar. A diferença não era física, tirando a pele levemente mais bronzeada e o cabelo, antes reto, mais ondulado pelo banho. Isso era esperado pelos dias que passava ao sol com as crianças. Não. A diferença era outra. Algo no jeito que ele se portava era tão familiar que lhe causava estranheza.

Leopoldo já estava dando aulas no Instituto há cinco dias, portanto, restavam poucas turmas. Logo ele iria embora. Se quisesse tomar alguma ação contra o professor, teria de ser logo. Decidiu procurar Miro para fazer uso da proposta que lhe foi feita no início da semana.

***

Prometeram se encontrar às 20h, e quando o horário chegou, o Instituto ainda estava, sem surpresa nenhuma, cheio. A brincadeira de queimada já estava ficando um pouco violenta, então alguém logo colocaria um fim na bagunça. Na última vez que isso aconteceu, uma das crianças abriu uma fenda espacial com a bola, e foi ele quem teve que passar a noite toda recolhendo os monstros que passaram por ela e o resto do final de semana descobrindo para onde enviá-los de volta. Adorava as crianças e não se importava tanto com a bagunça, mas o Diretor Baltazar ficou bastante irritado com a destruição do prédio. Portanto, com as regras mais severas, não teria com o que se preocupar. Logo todas aquelas crianças estariam em casa.

Esperou por Miro por mais uma hora e meia. Durante esse meio tempo, Arnaldo foi lhe fazer companhia. O vira-lata era, depois dele, uma das criaturas mais velhas no Instituto. De uma forma estranha, era o único a quem conseguiu demonstrar carinho de forma aberta, pois sabia que o animal vivia, assim como ele, em um ritmo diferente dos outros daquele lugar. Até os mais velhos como o diretor eram ainda bebês para ele. Antes que pudessem passar dessa fase, já se via perdendo-os. As crianças em si, que saíam do Instituto lá para os 18, nem se fala. Quando sentiu Miro se aproximar, ele ainda estava sentado no chão fazendo carinho nas orelhas do animal.

Ouvia os ecos melódicos dos passos do cozinheiro de longe, mas só olhou quando ele já estava bem perto. Odiava ver Miro se aproximar e caminhar até ele, seu coração dava uns pulos estranhos. E não foi diferente dessa vez, olhando de baixo para o cozinheiro que o encarava com uma expressão séria e pensamentos ilegíveis. Carregava uma aparência cansada, mas as rugas nos cantos dos olhos davam a Miro um charme a mais. Ao mesmo tempo, eram o lembrete de algo que ele nunca teria o prazer de conhecer: o envelhecimento do corpo.

— Desculpa pela demora, o jantar de hoje foi movimentado. Você devia ter vindo, tivemos tacacá. Com bastante jambu. Você disse que sentia saudades da comida de casa — parou uns instantes — Não achei que fosse me esperar.

Seus músculos faciais o traíram deixando escapar um sorriso. Balançou negativamente a cabeça.

— Tá tudo bem. As crianças se aquietaram há pouco tempo também.

Quando Miro assentiu, ele se pôs de pé devagar, limpando qualquer pó que pudesse ter permanecido, como desculpa para evitar que seus olhos se encontrassem. Puseram-se a andar devagar, passando pelos depressivos corredores de azul cerúleo que, sem a presença das crianças, perdiam o ar de luxo e pareciam mais um azul mofado. Desceram pelo antes deslumbrante tapete vermelho da grande escadaria branca principal até o corredor de paredes amarelas do primeiro andar. Tudo parecia insosso. Também não gostava como o teto alto evidenciava o silêncio entre eles, os ecos de seus passos gritando a solidão naquele prédio tão antigo. Roubou uma olhadela para Miro, que parecia manter o olhar fixo no chão.

Passaram pelo pátio, agora vazio, para chegar à área dos aposentos dos hóspedes. Era de se supor que, por ter passado o dia dando palestras para os alunos, o visitante já se preparava para recolher suas coisas e sair. Então, não encararam com surpresa o silêncio que encontraram ao se aproximarem.

A ausência de som se estendia por todo o bloco, passando inclusive pela parte onde estava localizada a sala dos professores. E a do diretor, o que deixava evidente o problema. O Diretor Baltazar era um homem rígido, mas extremamente sério e capaz. Sempre acabava deixando a escola depois dos outros funcionários, ficando até tarde para resolver os assuntos do Instituto, então passar pelo escritório dele antes das 22h e encontrar silêncio era alarmante. Bastou apenas uma troca rápida de olhares com Miro para que ambos corressem em direção às salas, batendo sem obter resposta. Decidiram, então, forçar entrada, constatando, ao abrir, que Baltazar estava em um sono profundo apoiado em sua mesa.

Ambos ouviram ao mesmo tempo dois ruídos distintos: um estridente estalo de vidro se quebrando vindo dos fundos do prédio e um baque

seco vindo do andar de cima. Miro foi o primeiro a reagir, correndo para o segundo andar.

Observou o outro se afastar sem se preocupar. O problema da maioria dos invasores do Instituto é que achavam que os professores, por serem os magos responsáveis pela instrução dos alunos, eram os seres mais fortes da escola. Isso já aconteceu diversas vezes. E todos os ataques direcionavam suas forças para os professores e deixavam os outros funcionários de lado. Estavam enganados. Apesar da força real de alguns docentes, o que os tornava aptos para o cargo era a competência para ensinar. Os outros funcionários apenas possuíam aptidões e competências diferentes, e ele, especificamente, era o responsável para lidar com esse tipo de problema.

Correu até os fundos do prédio e não encontrou nada. A porta dos fundos estava aberta. Hesitou.

Ainda não sabia o que Leopoldo queria. Fez algo contra os professores? Roubou alguma coisa? Sequer estava na ilha? O casco do cágado onde a escola estava localizada era enorme, mas ainda finito. E, ao contrário do que a maioria das pessoas acreditava, não era tão difícil entrar e sair da ilha conhecendo os meios. Decidiu persegui-lo pela mata. Deixaria a cargo de Miro pedir o socorro para os professores, e eles lidariam com as outras partes do problema. Só teria de capturá-lo.

Retirou os sapatos e enfiou os pés na lama. Respirou fundo para controlar os batimentos cardíacos e aguçar os instintos. Outro erro do visitante. Se queria brincar ali, ele teria todo o prazer de aceitar. Era seu habitat, afinal. Adentrou nas águas turvas do brejo.

***

Em uma de suas primeiras memórias, já estava na água. Navegava por ela nas entranhas podres de um monstro de madeira, rodeado de sofrimento e morte por onde quer que olhasse.

Outras lembranças da época envolviam fuga, árvores, separação da mãe. Um caminho que parecia sem fim com um grupo cada vez menor.

Sua primeira casa foi um rio de águas escuras, muito tempo depois. Um rio que abraçou sua magia como a dele própria, servindo de berçário e incubadora para outros seres que ali viviam. Desenvolveu-se e se adaptou naquele lugar, séculos depois tendo a forma adaptada ao seu

novo lar, muito diferente de como originalmente parecia. Durante esse tempo, povos iam e vinham vivendo em simbiose com o rio e suas criaturas, cada uma de forma singular. Aprendeu a se comunicar com diversos seres, tanto os que viviam na água quanto os que viviam na terra. Algum tempo depois, porém, comunicar-se com os da terra se tornou uma tarefa difícil: eles haviam mudado, tanto na aparência quanto na forma com que se relacionavam com o rio e os seres que ali viviam. Permanecer se tornou complicado, mas os séculos ali não o ensinaram a pensar na possibilidade de arrumar outra casa.

Essa possibilidade só surgiu quando um dos seres da terra se aproximou. Apresentou-se como diretora de algo que chamava de Instituto. Para crianças como você, explicara. Não conhecia seres como ele há séculos, e a casa dele não era mais como antes, por isso aceitou partir. Foi assim que veio parar no Instituto. Naquela época, ao ser introduzido, a diretora o apresentou aos alunos, explicando como sua identidade não estava alinhada a muitas coisas que conheciam. Mais tarde, ele aprendeu que isso não era comum para a época, e esse cuidado lhe deu liberdade para se expressar de diversas formas ao longo de todos os anos que passou no Instituto. Testando nomes e pronomes diferentes, tentou navegar pela cultura que não conhecia e acabou aceitando-a como seu verdadeiro lar. Mas isso foi há muito tempo atrás.

***

Conforme avançava entre a água e as árvores, começava a sentir o cheiro do invasor. Conhecia cada parte do Instituto como conhecia seu próprio corpo, principalmente durante a noite, e ambos costumavam mudar com certa frequência. Saiu da água e escondeu-se atrás de uma árvore, ao perceber que estava perto da presença estranha. Então, o que viu sob a luz da lua minguante fez um arrepio correr pela espinha: no colo de Leopoldo estava o Diretor Baltazar.

A primeira coisa que lhe passou pela cabeça naquele momento foi o nome de Miro. Se o diretor está aqui, quem estava na diretoria alguns momentos atrás? Deveria voltar? Os segundos de hesitação foram suficientes para que os olhos de Leopoldo encontrassem os seus.

O primeiro instinto de seu corpo foi tentar se recolher, por algum motivo. Não deveria ter medo de monstros, estava acostumado a lidar

com eles na rotina. Não tinha medo de monstros! Mas aquele homem à sua frente fazia seus instintos explodirem avisos de perigo e pedidos para se afastar e fugir.

Ele estava paralisado.

Leopoldo deixou o corpo de Baltazar cair no chão e começou a caminhar em sua direção. Parou tão perto que ambos conseguiam sentir a respiração um do outro, e mesmo assim não conseguia se mover. O homem aproximou a mão de seu cabelo e arrancou um chumaço com força. Mesmo com a dor, não conseguia sair do lugar.

O homem imediatamente levou a mecha de cabelo até a boca e começou a comê-la, sem quebrar contato visual. Em poucos segundos, mudanças já podiam ser observadas nele: sua pele, antes um branco pálido que parecia nunca ter visto o sol, agora ganhava tons terrosos. Os lábios, antes finos, ganharam carne e brilho. Os olhos, antes da cor do céu em um dia quente, agora ganharam toques de mel.

— Você já consegue me reconhecer? — Leopoldo perguntava sorrindo. — Achei engraçado como no almoço você parecia não notar nada.

Ele tinha uma vaga ideia agora, sim.

— Como veio parar aqui? O que pretende fazer… — uma pausa, não tinha certeza de como continuar. — … com eles?

Leopoldo olhou para trás por alguns segundos, parecendo considerar Baltazar, ainda caído na grama. A postura confiante do professor era de alguém que não se sentia ameaçado, mesmo tendo sido descoberto.

— O que eu pretendia… O que *nós* pretendíamos você já deve imaginar. Até achar você aqui. — Gesticulava com desdém.

Agora seus sentimentos faziam sentido. Ele sentia medo de Leopoldo porque eram do mesmo *tipo*. Saber disso o deixava mais paralisado que capaz de lutar contra os avisos de seu próprio corpo. Não deveriam permanecer no mesmo lugar. Não o faziam há séculos. E se Leopoldo (ou qualquer que fosse o nome que estivesse usando antes de ter devorado e assumido a identidade desse mago pobre coitado) estava aqui, então os outros poderiam estar também.

O buraco no seu estômago voltou a doer.

Leopoldo não tirava o sorriso petulante do rosto.

— Ninguém sabia onde você tinha ido parar por todo esse tempo. Nunca iríamos imaginar que você estava em uma escola. Com humanos.

Eles sabem o que você é? Meu Deus, há quanto tempo você não se alimenta?

Pensou em dizer que se alimentava bem todos os dias, mas a petulância no sorriso de Leopoldo o fez ficar calado. Era o olhar de alguém que conseguia ver através de suas mentiras. O medo, que antes havia se alojado em seu estômago, começou a subir borbulhante em forma de ira. Fez um esforço descomunal para levantar o braço e apertar o pescoço de Leopoldo. Este, por sua vez, não se moveu.

— Não me culpe por mostrar como você fez uma escolha errada. Nós não fazemos as coisas assim, também não permanecemos nesses lugares.

Apertou mais forte, para impedir que ele falasse. Seus dedos formigavam.

— Eu não preciso ser como vocês. Posso viver do meu jeito, me alimentar como quiser para sobreviver.

Nem ele mesmo conseguia acreditar nas palavras que lhe saíam da boca, apesar de serem seu maior desejo. Devia estar parecendo patético para Leopoldo. Ele saiu, rompeu o contato, achou outra casa. Tentou mudar o que era durante diversos séculos, mas sentia que a qualquer deslize podia voltar. Não queria ser o monstro, queria conseguir proteger sua nova casa.

— Você está morrendo de fome, não é?

Ele avançou. Imediatamente reconheceu o gosto, um que há muito tempo havia decidido abandonar como tentativa de recuperar um pouco da humanidade que perdeu em troca da sua imortalidade. Depois da primeira mordida, porém, já era tarde demais.

Ouvia gritos e risadas, era empurrado e arranhado, mas agora estava mais rápido e mais forte. Tudo descia em seu estômago naturalmente. Era o que estava sentindo falta, o que seu corpo pedia. Quando começou, não conseguia mais parar.

Uma eternidade depois, sentiu o próprio corpo acalmar, e a mão de Miro massageando seu ombro. Olhou para trás e o viu, encarando-o espantado junto a secretária Carmelita. O Diretor Baltazar estava sentado mais ao fundo, encarando-o pensativo.

— Eles estavam invadindo a escola… — começou.

— Nós sabemos. Conseguimos capturar o outro. Ele… está morto? — Baltazar sinalizou para o que sobrou de Leopoldo no chão. Ainda se movia.

— *Eles* não morrem assim.

Miro assentiu, tentando oferecer conforto através de uma massagem. Perguntou:

— Você quer falar sobre isso?

Ele só negou. Pensaria depois no que fazer quando Leopoldo acordasse. Tudo o que menos queria agora era ter que lidar com a compreensão de que o outro não estava tão errado.

Não sentia mais o buraco lhe incomodando. Havia saciado sua fome.



Carolina Cassiano é uma psicóloga rondoniense que escreve sobre protagonismo trans em histórias fantásticas. Passa seu tempo livre no Twitter falando de raça e fandom e postando fotos feias de seus 8 gatos.

~~Madalena do 8º B~~
~~A invenção do muito~~

Destinos trançados

LAVÍNIA ROCHA

Ainda não entendi por que escolheram essa história para mim. Uma narradora iniciante não deveria pegar um caso tão destrambelhado! Mas como os boletos continuam chegando… Ei, não me olha assim, foi só uma piada, todo mundo sabe que narradores oniscientes não são pessoas, portanto não têm boletos, era só um meme! Afe, agora que eu expliquei, sinto-me uma tola *(cortar essa parte na revisão antes de enviar para a editora)*.

Pois bem, a história que caiu em minhas mãos se passa no Instituto Ignoto de Artes Mágicas e tem como protagonista nossa querida Madalena do 8º B. Madá, como todos costumam chamá-la, é uma menina tímida e introvertida à primeira vista, mas enquanto eu a estudava para contar esta história, percebi que quanto mais quieta Madá está, maior é a encrenca em que se mete.

Suas tranças são vermelhas e há anéis dourados em várias delas, dando um aspecto iluminado à garota. Quando sorri, tudo fica ainda mais brilhante; seus lábios grossos se estendem pelo rosto e fazem qualquer um sorrir também – e eu queria poder contar isso a ela, já que Madá no geral economiza seu sorriso e estica os lábios com moderação, privando o mundo de seu encanto.

Principalmente quando estamos falando de *Duda*, a garota mais inteligente da turma, que impede Madá de focar nas aulas. Ela nunca soube dizer o que a atraía mais: se era o jeito que Duda mordia a ponta da língua quando estava muito atenta; o fato de saber as respostas a todas as perguntas dos professores, mas nem sempre respondia para não chamar tanta atenção; a pele, ainda mais escura que a sua, que parecia

brilhar quando o sol a encontrava; as tranças boxeadoras que deixavam seu cabelo crespo cair pelas costas; os óculos redondos que lhe concediam um aspecto ainda mais intelectual; aquele espaço entre os dentes, formando a diastema mais linda que Madá já tinha visto; ou até o jeito que ela erguia a mão para fazer uma pergunta. Sim, a mão com *todos* os dedos esticados, não apenas o dedo indicador, como o resto da sala fazia.

Madá achava que esticar a mão era algo que talvez alunos do Ensino Médio fizessem, enquanto aos do Fundamental restava aquele gesto infantil de esticar o indicador, tal como no jardim. Mas Duda não, ela parecia já estar em outra fase da vida, acima de todo o 8º ano – e isso também fazia Madá suspirar.

— Cuidado pra não babar. — Carol se virou e tocou no queixo da amiga, de brincadeira.

— O quê? — Madá se fez de desentendida.

A dupla era inseparável desde que as duas entraram no Instituto Ignoto. A pele de Carol era mais clara que a de Madá, e seus cabelos castanhos volumosos eram repicados, com as mechas cacheadas mais longas batendo no queixo. As duas melhores amigas sempre se sentavam no fundo, onde tinham uma visão privilegiada de tudo o que acontecia – especialmente o que acontecia no outro lado da sala, onde Duda se sentava.

— Tá dando muita bandeira, Madalena! — Carol cochichou, na tentativa de evitar a atenção dos colegas por perto.

— Mas você há de convir que ela tá ainda mais linda hoje… — A garota deu um sorrisinho contido enquanto se esforçava ao máximo para dar uma espiadinha discreta.

— No ano passado, quando nós duas tínhamos *crush* no Bernardo e ficávamos repetindo o quanto ele estava bonito de minuto em minuto, eu achava tudo muito coerente. Mas agora que você tá sozinha nessa paixão platônica, eu vejo o quanto estar apaixonada é ridículo. — Carol colocou um de seus cachos castanhos atrás da orelha e revirou os olhos.

Eu achava engraçado que toda reação da menina envolvia mexer nos cabelos de algum modo, como se aquilo fosse necessário para deixar evidente todo o drama que era a vida de uma adolescente do 8º ano. *(Rever essa parte na revisão para não deixar leitores jovens ofendidos).*

— Você precisa falar com ela! — Carol continuou quando percebeu que Madá não tinha dado a mínima para sua crítica às paixões, porque nem sequer a tinha ouvido.

Perguntei-me qual teria sido sua resposta se tivesse prestado atenção e levantei algumas alternativas: era possível que Madá fizesse um comentário brincalhão sobre a heterossexualidade de Carol – se sua melhor amiga também fosse bissexual, talvez pudessem compartilhar mais uma paixonite, e Carol estaria tão derretida quanto ela. Mas também havia o risco de Madalena ficar envergonhada com a possibilidade de estar se ridicularizando na frente de Duda e acabar mudando seu comportamento! Isso seria o meu fim, já que esse tipo de material brega é o que constrói uma boa história!

— Como? Não tenho coragem!

— Eu sei que você é tímida, Madá, e não tô dizendo que magicamente vai conseguir deixar de ser, mas acho que deveria tentar mesmo assim.

Carol jogou os cachos para o lado esquerdo e fez uma expressão desafiadora, com a certeza de que sua frase motivacional atingiria a amiga. Mal sabia ela que Madá havia parado de ouvi-la no instante em que Carol disse a palavra “magicamente”.

E foi aí, caro leitor, que a nossa história desandou.

***

O fardo de ser uma narradora onisciente é saber com precisão o que se passa na cabeça dos personagens, mas não poder intervir. Bastou Carol fazer um comentário inofensivo para a mente de Madá viajar pelas possibilidades e, por fim, decidir que, no auge dos seus treze anos, já tinha assistido a aulas de Magia suficientes para fazer um feitiço que colocasse doses de coragem em sua consciência para, enfim, conseguir conversar com Duda.

Exatamente, leitor, você não leu errado *(revisar o parágrafo anterior e excluir qualquer chance de ambiguidade)*. Nossa querida Madalena achou por bem se arriscar em algo que ainda não tinha capacidade – ou permissão – e passou os dois dias seguintes enfiada na biblioteca, tentando encontrar algum livro de feitiços com o que desejava.

Fabiana, a bibliotecária, lançava vários olhares desconfiados a Madá, e, embora eu saiba que uma narradora deva ser imparcial, devo confessar que torci para que Fabiana descobrisse os planos da garota e colocasse algum juízo em sua cabeça.

Quando a bibliotecária mexeu em seu *piercing* no septo, ajeitou o moicano azul e começou a andar em direção à Madalena, eu pensei: é agora! Mas um aluno entrou no meio do caminho, pedindo ajuda para encontrar uma coleção, e fez com que os planos de Fabiana se alterassem. Nesse mesmo instante, Madá encontrou o que precisava: um feitiço de virtudes, e então eu soube que aquela história ainda ganharia alguns capítulos.

Assim que tirou uma foto das instruções, Madá fechou o livro e se levantou da mesa com um sorrisinho vitorioso. Dois segundos depois, uma expressão assustada tomou conta de seu rosto, e o motivo foi ninguém mais, ninguém menos do que Maria Eduarda do 8º B, que entrava na biblioteca carregando uma pilha de romances. Madá jogou o livro de volta na mesa, sentou-se correndo e tentou elaborar sua melhor expressão natural, que envolvia abrir a obra que consultava segundos antes, apoiar o rosto na mão e semicerrar os olhos para parecer intelectual. Em sua cabeça, ela era a versão viva da escultura de Rodin, *O Pensador*, mas qualquer um que a visse de fora acharia que Madá estava com dor de barriga enquanto se dava um soco na boca.

Mas quem liga para o que os outros pensam, não é mesmo?

Bom, a Madá liga. Principalmente se a pessoa for do 8º B e responder pelo nome de Maria Eduarda.

— Ei, Madá, tá tudo bem? — Duda se aproximou com uma expressão preocupada, colocando a mão no ombro da colega.

Os olhos de Madá se voltaram para a região do contato, e ela jurou a si mesma nunca mais lavar aquela blusa.

— Sim — foi o que ela conseguiu responder.

— Hmmm… É porque você tava com uma cara estranha enquanto olhava esse livro… de cabeça pra baixo? — Duda terminou a frase com uma expressão confusa no rosto.

— Eu tenho que ir. — Madá aumentou o tom de voz para impedir que Duda escutasse as batidas eufóricas de seu coração e saiu correndo da biblioteca.

A expressão de Duda ficou ainda mais confusa. Ela não conseguia entender o que tinha falado de errado. Enquanto isso, Madá queria cavar um grande buraco para se esconder do mundo depois de uma interação tão desajeitada quanto aquela. Onde estava com a cabeça? Por que tinha que ser tão atrapalhada?

Mas aquilo estava prestes a mudar! Madá garantiu que faria o possível e o impossível para o feitiço dar certo e reverter aquela cena constrangedora na biblioteca. Para isso, ela passou a hora do almoço no bandejão planejando como seguir cada um dos passos das instruções na foto:

1. *Encha um copo transparente até a metade de água;*
2. *Acrescente um pouco da terra onde esteja plantada uma árvore grande de raízes profundas;*
3. *Coloque nessa mistura um fio de seu cabelo;*
4. *Diga em voz alta a virtude desejada;*
5. *Em um pedaço de papel vermelho, escreva a virtude sete vezes com uma pena e tinta preta;*
6. *Derrame o líquido no papel.*

Madá repetiu a si mesma várias vezes que o feitiço era *muito* simples e não havia chance de algo dar errado. Ela já tinha em mente até qual árvore do Instituto atenderia ao requisito de maneira exemplar, além de saber que conseguiria facilmente um papel vermelho no almoxarifado e uma pena em seu próprio material.

— Madalena! Você não tá prestando atenção em nada do que eu tô falando! — Carol colocou um cacho atrás da orelha, indignada pela amiga não ter escutado todo o seu monólogo sobre as diferentes espécies de pássaros que chegavam à ilha, agora que o cágado cujo casco servia de base para o Instituto havia se movimentado mais para o norte da costa brasileira.

(Ou seja, não há como culpar Madá.)

— Desculpa.

A garota largou os talheres e mordeu o lábio, sabendo que não havia como escapar da acusação.

— No que você tava pensando? — perguntou Carol, dando-se por vencida.

— Em maneiras de seguir o seu conselho e finalmente falar com a Duda.

Carol enrolou uma mecha no dedo e abriu a boca em uma expressão empolgada, esquecendo-se completamente dos pássaros (ainda bem, porque eu não estava prestando atenção e não saberia reproduzir para você, leitor).

— Amiga, é literalmente uma questão de ir falar com ela, não tem mistério!

— Não é tão simples assim, Carol! Eu nem sei se ela gosta de meninas!

— Sabe sim, Madalena! A prima dela é da sala da minha irmã, já te falei! Para de enrolar que essa informação eu já consegui pra você.

— Afe, mas…

— Não tem "mas" — Carol interrompeu a amiga.

— Tá bom, eu vou dar um jeito de criar coragem — Madá respondeu.

Carol não fazia a menor ideia do quão literal tinha sido a frase de sua amiga.

— Só espero que isso seja antes da nossa formatura do Ensino Médio.

— Vai ser em breve! — prometeu Madá.

Carol jogou o cabelo de lado e voltou a se concentrar na comida, deixando óbvio que não acreditava nas palavras que tinha acabado de ouvir. Ela achava mais fácil a amiga trocar de *crush* do que finalmente enfrentar a timidez.

***

Madá havia conseguido quase tudo de que precisava e, na hora do recreio do turno da tarde, foi até o lugar perfeito para pegar a terra. A árvore daquele pátio era a maior do Instituto e certamente tinha raízes profundas o suficiente para deixá-la corajosa o bastante. Madá não sabia muito bem como funcionava aquele feitiço (tal qual uma aluna do 8º ano), mas lhe ocorreu que se dependesse do tamanho da raiz, teria coragem para o resto da vida.

Ela conferiu mais uma vez as instruções do feitiço, e estava tudo ali: o copo transparente com água até a metade, o papel vermelho com a

palavra “coragem” escrita sete vezes por uma pena e tinta preta e o pedaço de uma de suas tranças vermelhas. Na verdade, Madá tinha ficado em dúvida nessa última parte, o feitiço pedia um fio de cabelo, mas como estava trançado, achou que tudo bem substituir por um pedaço de sua trança. Isso acabou deixando uma menor que as outras e fez com que ela precisasse amarrá-la com látex e queimar a pontinha outra vez. Mas nenhum esforço parecia grande demais quando Madá pensava na recompensa.

O próximo passo era pegar a terra, colocar no copo, falar “coragem” em voz alta e derramar o conteúdo no papel vermelho. Simples, não havia erro. Por isso, ela segurou o copo com a mão esquerda e se abaixou para pegar a terra com a mão direita.

— Madá, desculpa, mas é que eu fiquei pensando no que aconteceu na biblioteca. Você não parecia bem e por isso eu…

Aquela voz rouquinha que fazia as pernas de Madá tremerem e seu coração saltitar não falhou, e a garota se desestabilizou dos pés à cabeça.

— Duda! — Madá gritou, desesperada com a hipótese de a colega descobrir todos os seus planos, e se levantou de uma só vez para esconder o papel. E foi com esse ato desajeitado que o líquido cheio de terra e um pedaço de trança vermelha caiu em Duda, sujando o uniforme da garota. — Ai, meu Deus!

— O que é isso? — Duda fez uma expressão de asco ao encarar o líquido marrom.

Mas Madá não conseguiu nem pensar em uma boa explicação, visto que a expressão de Duda começou a dar indícios de tonteira, elevando seu desespero a níveis estratosféricos.

— O que foi? Você tá bem? — Madá perguntou, quase atropelando as próprias palavras.

— Eu tô meio esquisi… — foi o que Duda conseguiu dizer antes de dar um passo em falso e se apoiar sem forças sobre a colega.

Madá reservou um décimo de segundo para se empolgar com o contato, mas logo a racionalidade tomou conta de seus pensamentos, obrigando-a a arquitetar alguma estratégia urgente.

Sem pensar muito, ela levou Duda apoiada em seus ombros para atrás da estufa do Instituto, um lugar livre de grandes atenções, onde poderia analisar qual era a extensão da besteira que havia feito.

— Duda, fala comigo, o que você tem? — Madá insistiu quando conseguiu sentá-la na grama.

— Eu… — Duda embolou a língua sem conseguir dizer mais nada, até finalmente fechar os olhos.

— Duda, você não pode morrer! — Madá gritou, desesperada, enquanto tentava encontrar a pulsação dela.

O problema é que nos filmes aquilo parecia fácil mas, na vida real, especialmente no meio de tanto desespero, encontrar o raio da pulsação era quase impossível. Depois do pulso, ela procurou no pescoço, mas foi só no peito que Madá foi bem-sucedida, ouvindo o coração de Duda bater. Ela, enfim, respirou aliviada.

Madalena do 8º B soube naquele momento, enquanto encarava a colega estirada no chão, que havia passado de *todos* os limites. Duda estava desmaiada, e ela não fazia a menor ideia de como resolver aquele imbróglio.

Madá passou a mão pelo rosto e olhou para o mar no horizonte. Ela sempre gostou de admirar a vista da ilha, mas por mais que estivesse um dia lindo e ensolarado, nem a imagem que tanto amava foi capaz de lhe trazer algum conforto.

— O que aconteceu? — Duda perguntou, confusa.

— Ai, graças a Deus! — Madá comemorou ao ouvir a voz da colega, mas o sorriso rapidamente sumiu de seus lábios ao virar para o lado e ver a mesma imagem de Duda desmaiada no chão. — Pera, será que eu tô delirando e ouvindo vozes?

— Não, eu tô falando com você, mesmo! — Duda respondeu impaciente.

Madá levou a mão à boca, chocada. Como aquilo era possível? Era sim a voz rouquinha de Duda, mas ela estava *vendo* a colega deitada com a boca imóvel! O que estava acontecendo?

— Du… da…? — Madá gaguejou com muito medo, dando um passo para trás.

— Eu tô aqui, ô, nas suas tranças! O que foi que você fez?!

Madá tremia enquanto pegava o telefone no bolso e ligava a câmera. Ela apontou para si mesma e quando viu as tranças se mexerem sozinhas, quase desmaiou ao lado do corpo de Duda.

— Como é que você foi parar nas minhas tranças?

— Eu que te pergunto! O que é que eu tô fazendo aqui?! — Duda perguntou, desesperada.

— Eu… eu não sei!

— O que tinha naquele copo?

— Era só terra e água! — Madá tentou esconder os detalhes do feitiço. Se ela revelasse do que se tratava, então teria que explicar o motivo, e isso seria o fim.

— Madá… — Duda falou em um tom ameaçador, deixando claro que sabia que aquela não era toda a verdade.

— Tá, era um feitiço para conseguir coragem, mas não era pra ter caído em você!

— Coragem pra quê?!

— Eu precisava resolver uma coisa pessoal — Madá se enrolou pra responder.

— E você precisava de coragem para si mesma ou pras suas tranças?

Madá viu duas tranças se enrolarem e imaginou que Duda estivesse querendo cruzar os braços, impaciente.

— Era pra mim! O feitiço pedia um fio de cabelo, mas como estava tudo trançado, coloquei um pedaço da trança no lugar e…

Pelo tom do fim da frase, estava óbvio que Madalena do 8º B tinha entendido seu erro, o que não significava que Duda iria deixá-lo passar.

— Não é assim que a magia funciona, Madalena! — gritou Duda, e as tranças de Madá se agitaram. — E nós nem temos autorização para esse tipo de coisa, você perdeu a razão?!

Madá achou bonitinho o jeito que Duda a tinha repreendido. Que adolescente diria “você perdeu a razão”? Nenhum! Só Duda.

— Eu achei que fosse um feitiço tão simples que nada poderia dar errado!

— É o que 100% das pessoas dizem depois de algo dar errado! — Duda suspirou, o que fez as tranças relaxarem. — Tá, e agora?

— Precisamos de um contrafeitiço.

— Você tem aí?

— Não, mas posso consultar o livro! — Madá respondeu, empolgada por ter conseguido pensar em como resolver a situação.

— E você vai deixar meu corpo aqui jogado?

As tranças se cruzaram de novo, e Madá voltou a encarar a colega desmaiada.

— Vou pedir à Carol, então!

— Eu só espero que isso funcione, não quero problemas com o diretor Baltazar, eu não sei mentir!

— Ninguém vai saber de nada, vamos conseguir o contrafeitiço, e vai ficar tudo bem.

— E você nunca mais vai mexer com magia na ilegalidade! — Uma trança tocou duas vezes a bochecha de Madá, e ela imaginou que Duda a estivesse cutucando para reforçar o aviso.

— Ok, eu prometo!

Madá enviou uma mensagem para a amiga com o nome do livro de que precisava e várias exclamações para deixar evidente a urgência. Ficou encarando o celular, aguardando por uma resposta de Carol, mas ela não veio.

— Não é possível! A Carol desbloqueia o celular por *hobby*, mas agora que preciso que leia minha mensagem, ela não olha!

Madá tentou ligar, mas ninguém atendeu. Então ela se jogou na grama, ao lado do corpo da colega. No momento em que se deu conta que teria que esperar por Carol, Madá percebeu que não tinha nada em que se concentrar, a não ser no fato de que a consciência da garota por quem era apaixonada estava ali, bem nas suas tranças. Seu coração deu altos galopes, e ela tentou se acalmar.

— Desculpa te meter nisso — foi a única coisa que conseguiu pensar em dizer para Duda.

— Desculpo se você me contar por que precisava de coragem.

Todo o esforço para controlar as batidas de seu coração foram para o ralo com aquela frase. Como ela poderia responder sem entregar a verdade?

— Hmmm… Você promete não rir? — Madá tentou enrolar enquanto ainda pensava em uma boa desculpa.

— Prometo tentar — ela respondeu com uma voz curiosa.

— Eu tava precisando de coragem pra… — Madá ainda não tinha conseguido elaborar uma boa razão, e seu cérebro parecia travado. — Falar com a menina que eu gosto.

No momento em que a verdade escapou de seus lábios, ela se arrependeu amargamente e quis poder recolher as palavras de volta.

— Mas você precisava de magia pra isso?

— Você me viu apresentando o trabalho de Português na semana passada? Eu não consigo falar nada quando fico nervosa!

— E o que essa menina tem de tão especial que você só conseguiria falar com ela sob efeito de magia?

— Ah… Ela é… muito inteligente, muito bonita, muito acima de qualquer aluno desse Instituto. Muita areia pro meu caminhãozinho, em resumo.

— Uau, são muitos "muito" na mesma frase.

— Ela basicamente inventou essa palavra — Madá disse com um suspiro bobo e apaixonado.

— E por que isso te impede de ir falar com ela? Se ela é tão legal, acho que vale a pena.

— Olha pra mim, Duda, eu fiz um feitiço simples acabar *nisso*. — Madá suspirou, derrotada.

— Tem razão.

— Tenho?! — Madá arregalou os olhos, atingida pela sinceridade cortante da colega.

Duda riu.

— É claro que não, Madá! Você é superlegal e divertida, todo mundo gosta de você. Lembra quando estávamos no laboratório tentando um feitiço novo na aula de Magia e você fez aparecer um arco-íris enorme no ar? A turma te ovacionou.

— Mas foi sem querer.

— Então! Você é divertida sem fazer esforço, todo mundo gosta disso. Acho que não tem chance de a garota que você gosta não valorizar a sua companhia — Duda concluiu, e as tranças roçaram levemente o rosto de Madá em um carinho reconfortante.

Madá estava eufórica por escutar aquelas frases. Ela sentia como se realmente estivesse se declarando para Duda e recebendo uma boa resposta. Agora Madá só precisava dizer que aquela garota era ela. Mas como? Quais eram as palavras certas para a dona de tantos "muitos"? E se desse errado? Duda estava presa nas suas tranças, não tinha exatamente como Madá fugir como havia feito na biblioteca.

Então prometeu a si mesma que assim que tudo estivesse resolvido, iria abrir o jogo. Não continuaria sendo esse poço de insegurança ambulante. Não se importaria se recebesse uma resposta negativa, Madá só precisava colocar para fora seus sentimentos.

***

O recreio já tinha acabado há algum tempo quando Carol finalmente chegou com a salvação. Duda e Madá já estavam aflitas, com medo de darem pela falta delas nas aulas. (Na verdade, essa era a aflição de Duda. Madá, como bem sabem, tinha aflições maiores para se preocupar.)

— Ai, Carol, que demora!

— Foi um custo para achar o livro e ainda encontrar todos os ingredientes do contrafeitiço! Ainda levei uma bronca da Fabiana porque você deixou o livro largado na mesa em vez de devolver pro balcão. O que você aprontou agora, Madalena? — Ela jogou o cabelo para a esquerda enquanto colocava a mão direita na cintura.

— É que eu…

— Ai, meu Deus! — Carol gritou desesperada ao ver o corpo de Duda no chão. — Madá! Você usou um feitiço contra ela?! Não acredito! Quando eu falei para dar um jeito e criar coragem pra se declarar pra Duda, eu não quis dizer pra você usar magia!

O queixo de Madá caiu, e seu corpo começou a tremer tanto que ela não soube como responder.

— Carol, não… — ela gaguejou enquanto tentava decidir se cortar as próprias tranças e fugir seria uma boa opção.

— Não, já chega! Eu sou sua melhor amiga, e isso significa que também preciso puxar a sua orelha! Você podia muito bem ter virado pra ela e dito: “Oi, Duda, eu gosto de você, fico a aula inteira babando em você, suspiro a cada frase que sai da sua boca, te acho tão incrível que minha melhor amiga já não aguenta mais ouvir o seu nome e me manda falar logo com você todo santo dia, mas eu sou uma covarde!”. Que cara é essa? Tá, você não precisava falar desse jeito exatamente, era só você contar de uma vez pra Duda que você gosta dela. O que foi, Madá? Parece que viu fantasma! Não é como se eu tivesse dito algo diferente do que falo há meses!

— Ch-chega, Carol! — Madá conseguiu dizer em meio à tremedeira sem fim. Ela só queria encontrar um jeito de fazer Carol fechar o bico, embora soubesse que àquela altura do campeonato já estava tudo perdido. — Eu fiz um feitiço pra mim, não tinha nada a ver com ela, mas daí sem querer caiu na Duda, e a consciência dela veio parar nas minhas tranças!

— Oi — disse Duda, e uma trança de Madá se ergueu e fez um movimento de aceno.

Carol levou as mãos ao rosto, num misto de susto e arrependimento. Madá iria matá-la, com toda a certeza do mundo.

— Vamos logo preparar o contrafeitiço? Tô com saudade de viver no meu próprio corpo — Duda disse, quebrando um silêncio desconfortável.

Durante os momentos seguintes, enquanto o contrafeitiço era preparado, Madalena não soltou uma palavra fora do necessário, e Carol soube o quanto ela estava nervosa.

— Aqui está. Confere só.

Carol mostrou a Madá a foto que havia tirado de uma das páginas do livro:

1. Encha um copo escuro de água até o topo;
2. Acrescente uma folha do alto da árvore utilizada para o feitiço;
3. Em um pedaço de papel verde, escreva “contrafeitiço” quatorze vezes com uma pena e tinta branca;
4. Acrescente o papel no copo com água;
5. Diga em voz alta “contrafeitiço”;
6. Beba o líquido.

— Peguei a tinta branca e a pena com a Fernanda, lembra de devolver depois. A folha da árvore foi a mais alta que consegui, e a água é filtrada, fica tranquila — ela tentou brincar para aliviar o clima, mas Madá estava focada demais, de modo que não hesitou em colocar em prática cada uma das instruções.

— Contrafeitiço! — Madá quase gritou, impulsionada pela vontade de colocar fim àquela situação logo.

Enquanto bebia o líquido, pediu aos deuses de todas as religiões existentes no planeta Terra que a ajudassem e, em troca, ela ficaria longe de qualquer confusão. Mas os deuses pareceram ignorar a promessa, visto que o corpo de Duda permanecia imóvel, e as tranças ainda falavam e se mexiam.

— O que será que deu errado? — Duda perguntou, decepcionada.

— O copo é escuro e estava cheio de água. A folha foi a mais alta que alcancei. O papel é verde e a tinta da pena, branca. Não é possível!

— Só se… — Madá começou a dizer quando algo lhe ocorreu. — Eu deveria ter colocado um fio de cabelo no feitiço, mas coloquei um pedaço da trança, o que acabou alterando o rumo das coisas. Será que temos que fazer o contrafeitiço diferente também?

Carol suspirou aliviada não só por soar como uma boa hipótese, mas por ver a amiga falando frases maiores. Isso era um sinal de que talvez estivesse se recuperando do choque.

— E se você jogasse o líquido nas tranças? — Duda sugeriu.

Os olhos de Madá brilharam, e elas repetiram todas as instruções, encharcando as linhas vermelhas no final.

Ninguém disse uma única palavra, mas a expectativa gritava no ambiente. A mente ansiosa de Madá começou a trabalhar com todas as possibilidades: se não desse certo, qual seria a solução? Pedir ajuda a um adulto e sofrer as consequências? E se desse, como ela se comportaria diante do fato de que Duda agora sabia sobre sua paixão?

No momento em que o corpo de Duda começou a se mexer e seus olhos se abriram, Madalena suspirou de alívio, para em seguida voltar a tremer de nervosismo. Agora teria que enfrentar um segundo desafio.

— Ai, que bom que deu certo! — Carol passou as mãos pelos cachos, aliviada. — Então eu vou ali… hmmm… devolver a pena e a tinta pra você, tá, Madá? Como uma ótima amiga que sou.

Madá quis responder uma sequência de impropérios, mas Carol já tinha desaparecido, deixando a amiga frente a frente com Duda.

— É… hmmm… me desculpa por isso tudo — Madá gaguejou. — Não foi de propósito e tal.

Duda deu um sorrisinho, mostrando a diastema que Madá tanto amava.

— O importante é que ficou tudo bem.

Duda se aproximou da garota e movimentou a mão direita como que para sinalizar que a situação já tinha ficado no passado. O passo dela fez com que o sol encontrasse sua pele escura, e as pernas de Madá tremeram quando ela viu aquela imagem se aproximar.

— Sabe que isso tudo que aconteceu não foi tão ruim assim? Gostei de saber que tenho tantos “muitos”, que basicamente inventei o termo. Uau. — Duda sorriu mais, sabendo que estava entrando em um território delicado.

Madá pensou que suas pernas não seriam mais capazes de sustentá-la a qualquer minuto, fazendo com que pagasse um mico ainda maior. Pensando bem, talvez fosse melhor fingir um desmaio e evitar tudo aquilo.

— E, olha, eu não menti. A sua companhia é mesmo muito agradável, Madá. Mas a gente podia tentar conversar de outro jeito, tipo cara a cara, sem essa coisa de tranças ou feitiços — ela sugeriu com um sorriso. — Topa almoçar comigo amanhã?

— C-claro — Madá conseguiu dizer em meio ao caos que estava seu corpo.

Duda se aproximou, chegando tão perto que Madá podia sentir o calor de seu corpo. Ela colou os lábios nas bochechas de Madá e depois apontou para o prédio principal.

— Acho que agora a gente tem que voltar pra aula ou vamos ter problemas.

Madá continuou insegura, sem saber se seu corpo obedeceria aos comandos para se movimentar, mas quando a colega começou a andar em direção à sala, ela decidiu que era melhor arriscar do que ficar longe de Duda.

Dentro dela parecia estourar uma série fogos de artifício, e com isso Madá percebeu que Duda criava “muitos” ao seu redor também. Madá estava não só *muito* nervosa com toda a última interação, como também *muito* feliz e *muito* apaixonada (muito mais, se é que era possível). Só esperava que o almoço do dia seguinte não demorasse muito a chegar.

***

(Para a revisão final: refletir se devo continuar a história, contando sobre o almoço e o que as duas viveram em seguida, para não deixar o leitor curioso.)



Lavínia Rocha é escritora, palestrante e graduada em História pela UFMG. Começou a escrever aos 11 anos e é autora de “O mistério da sala secreta”, “De olhos fechados” e da trilogia “Entre 3 mundos”, além de fazer parte de coletâneas. Ministra palestras sobre sua carreira, feminismo e protagonismo negro em escolas e eventos literários e considera o vínculo com o ambiente escolar um dos maiores presentes que a carreira de escritora lhe deu.

Justiça

LOUISE MATOS

— Tem certeza de que não é melhor só ir à diretoria? — a professora perguntou. Bárbara ensinava Encantamentos Extraordinariamente Especiais (EEE) e era famosa no Instituto Ignoto por ser considerada a mais caótica entre o corpo docente da instituição. Não foi à toa que Amanda a procurou por ajuda. — Eu pessoalmente não sou contra a ideia de você resolver o problema por conta própria, mas vou me sentir bem culpada se no final a senhorita se machucar e acabar sobrando uma bronca pra mim por encorajar esse comportamento.

— Eu já fui — Amanda explicou. — Preenchi uns mil formulários e denunciei a Rebeca mais de uma vez, mas só disseram um bocado de besteira sobre não poder fazer nada contra ela se eu não tiver provas. Tô cansada de ser ignorada e tô cansada da Rebeca enchendo minha paciência e ameaçando me bater.

— Você já tentou convidá-la para um duelo?

— Ela repetiu um ano, professora. Ela é maior e mais forte.

— Me refiro a um duelo *mágico*. Você é minha melhor aluna em EEE.

— E a senhora acha que a Rebeca só vai ficar lá parada me vendo usar um encantamento de batalha nela, é? Não, poxa. Eu vim aqui pedir ajuda porque tô sem ideias sobre o que fazer e queria saber se tem algum encantamento mais sutil pra me ajudar com isso.

Bárbara ficou em silêncio por um momento.

Todos os alunos, exceto Amanda, já tinham chispado da sala depois da aula de EEE. Ainda assim, a professora correu até a porta e fechou-a

antes de retornar para a sua escrivaninha e retomar a conversa.

— Você sabe que magias que interferem no livre arbítrio dos estudantes são proibidas no Instituto, certo? — Bárbara perguntou. Amanda confirmou com a cabeça. — Ótimo. Então… Alguns meses atrás, estava de bobeira em casa e criei algo que faz exatamente isso. Para usar em casos de emergências, óbvio. Nunca se sabe.

— Isso seria bem útil pra mim.

— Exato, mas… Entenda, você é minha melhor aluna, e eu tenho total interesse em vê-la livre de quaisquer valentões que estejam a importunando, mas o que eu criei não é algo que o diretor ou a Dona Carmelita aprovariam. Preciso que me prometa não abusar disso e usá-lo apenas para resolver seu problema com Rebeca. E preciso que mantenha isso em segredo, óbvio.

Amanda podia guardar um segredo.

— O que a senhora criou?

Bárbara retirou um saquinho fechado de uma das gavetas da escrivaninha.

— Eu encantei esse pó com um feitiço de submissão mental. Você engole uma pequena quantia, e, então, todas as próximas pessoas que inspirarem ou ingerirem do mesmo pó vão ser obrigadas a obedecer seus comandos por alguns dias. Imagino que seja o suficiente pra resolver seu problema com a Rebeca. Assopre um pouco do pó na cara dela e faça ela confessar o que fez para a diretoria.

Aquilo era…

Aquilo era *perfeito.*

Amanda aceitou o pó encantado e, após garantir mais uma vez para a professora que o usaria com sabedoria, correu para fora da sala e foi até o corredor escuro onde Rebeca costumava a emboscar; era uma parte mais isolada do Instituto Ignoto, longe do bandejão e das salas de aulas mais movimentadas. Ninguém aparecia por ali quando Amanda precisava de ajuda, e ela duvidava que alguém aparecesse naquele dia também. Aproveitando o momento, abriu o saquinho e ingeriu um pouco do pó mágico. Tinha um gosto engraçadinho, e ela teve vontade de engolir um pouco mais, porém o bom senso falou mais alto.

Cinco minutos depois, Amanda ouviu passos.

— Acho que essa é a primeira que tu aparece aqui antes de mim.

Amanda olhou para o final do corredor e viu Rebeca se aproximando de braços cruzados. Ela era uma garota alta, forte, com um longo cabelo bagunçado e pintado de rosa, e seu uniforme precisava urgentemente de uma limpeza.

— Eu decidi te ajudar — Amanda mentiu. — Eu sei que tu colocou na cabeça de que eu só tiro notas boas porque os professores me dão as respostas das provas e eu já falei que isso não é verdade, mas…

— Ninguém é tão inteligente, Dinha — Rebeca a interrompeu.

— ***MAS*** — Amanda disse mais alto — eu fiquei de saco cheio de lidar contigo e acabei indo atrás de um professor. Consegui as benditas respostas de algumas das próximas provas. Vai que assim cê me deixa em paz finalmente, né.

Rebeca arregalou os olhos e encarou Amanda.

— Tu fez mesmo isso?

— Fiz porque era isso ou levar uma surra, né. Vem aqui perto, tá tudo na minha mochila e é bem pesado. Muito papel e tal.

Sem pensar duas vezes, Rebeca se aproximou de sua vítima.

E sem hesitar, Amanda ergueu sua mão já com um punhado do pó encantado e o assoprou diretamente na cara da outra garota, que começou a tossir e coçar os olhos violentamente.

— QUE TU FEZ COMIGO?

— Uma coisinha chamada ‘justiça’ — Amanda falou satisfeita. — Certo… Vamos ver se isso funciona. Começa a sapatear!

Ainda tossindo e com os olhos cheios de lágrimas por causa do pó, os pés de Rebeca se moverem por conta própria e iniciaram um intenso número musical onde tudo que a garota pôde fazer foi observar horrorizada enquanto seu corpo se movia contra a vontade dela.

— FAZ! ISSO! PARAR!

— Pare de sapatear — Amanda falou. Imediatamente, os pés de Rebeca ficaram imóveis. — Cacete, funciona mesmo.

— Sabe o que funciona também? A surra que eu vou…

— Pare de se mover e falar! — Amanda disse apressada assim que viu a valentona indo em sua direção com o punho erguido. — Usar isso deve tá quebrando umas dez regras diferentes do Instituto. O que diabos ela tinha na cabeça pra me… — Amanda suspirou e tentou se acalmar. Não seria uma boa ideia dizer em voz alta onde ela conseguiu o pó encantado. — Bem, a parte mais difícil já foi. Agora eu só preciso te

obrigar a ir até a diretoria e falar tudo que vem fazendo comigo… E obviamente te proibir também de comentar sobre eu tá te controlando. Ah, tu pode falar de novo.

— *Dinha, que tu fez comigo?!*

— A única coisa que eu podia fazer pra ficar em paz. E para de drama, o efeito não dura pra sempre. Eu só quero te fazer confessar o que fez pra diretoria e nunca mais ter que me meter contigo de novo.

— Porra, entre ser a escrava mental de alguém e levar umas detenções, eu super prefiro ser punida pela diretoria e ser livre. Eu vou falar com a Dona Carmelita agora se tu prometer parar de mexer com a minha cabeça.

Amanda quase sugeriu que elas fizessem isso mesmo, mas pensou melhor.

— Hoje não — ela falou. — O portal que leva pra minha casa vai abrir daqui a pouco, e eu sei que se a gente for pra diretoria resolver isso agora vai demorar um bocado pra me liberarem. Amanhã, no almoço. A gente se encontra embaixo da escadaria que dá pro jardim, tudo bem?

Rebeca pareceu estar se segurando para não avançar contra a outra garota e acertá-la com um soco. Talvez ela já houvesse entendido que não adiantava tentar aquilo enquanto estivesse sob o efeito do pó encantado.

— Tá bem — Rebeca falou, dando as costas para Amanda e indo embora.

— Ah! E você tá proibida de contar pra alguém sobre tudo isso!

— ***Tá bem.***

***

Quando Amanda chegou à parte escura do jardim que ficava embaixo da escadaria, Rebeca já estava lá de braços cruzados.

— Você é sempre tão pontual?

— Não — Rebeca respondeu irritada. — Tu falou pra gente se encontrar no almoço, então assim que o sinal tocou, eu fui obrigada a parar tudo que tava fazendo e vir até aqui te esperar. Eu odeio essa merda de controle mental. Vamo logo pra diretoria e acabar com isso de vez.

— Espera um pouco — Amanda disse antes que a outra garota começasse a andar. — Eu passei a noite pensando sobre isso e tive umas ideias.

— Oi? Ideias? Eu não quero saber sobre tuas ideias, Dinha. A gente combinou de que se eu fosse pra diretoria, tu ia parar de mexer na minha cabeça.

— Eu tecnicamente não prometi nada ainda.

— Olha aqui sua…

— Pare de falar! — Rebeca fechou a boca e encarou Amanda com raiva. — Não aja como se eu te devesse alguma coisa. Eu só tô usando esse controle mental porque tu passou mais de um mês ameaçando me bater caso eu não te entregasse as respostas dos testes que *eu nem tenho!* Eu só estudo bastante, como uma pessoa normal. Você devia experimentar. Aliás, por que tu tá tão desesperada pelas respostas das próximas provas? E já pode falar de novo.

Rebeca precisou de um momento antes de responder.

— Eu não quero reprovar de ano de novo — ela confessou.

— Por que você só não estudou mais?

— Não é tão fácil, tá bem? Ano passado a culpa foi minha, eu relaxei muito, mas… Início desse ano eu tentei de verdade, só que as coisas em casa mudaram muito, e eu não tenho mais paz pra estudar. Se eu não tirar nota máxima nas próximas provas, vou reprovar de novo.

Amanda sentiu um pouco de pena da garota.

Porém ela lembrou do último mês e aquela sensação passou.

— E aí tua solução foi presumir que a garota mais inteligente da sala estava trapaceando e, então, ameaçá-la para lhe dar as respostas?

— Tu é boa demais, achei estranho.

— Porque eu *estudo* — Amanda disse com raiva e se sentindo um pouco culpada também. Ela não podia falar aquilo como se Rebeca fosse responsável por sua falta de estudo. A garota ao menos tinha tentado. — Ugh, que droga. Por que você só não me pediu ajuda? Eu podia ter feito um cronograma e reservado algumas horas em uma sala de estudo para te preparar pras provas.

— Tu teria feito isso por uma estranha? — Rebeca perguntou, surpresa.

— É, eu teria. Se chama não ser uma escrota.

— Tu ainda faria isso por mim?

— *Sem chance!* — Amanda falou em um tom mais alto do que pretendia. — Se dependesse de mim, tu podia ser atropelada por um cágado maior do que esse carregando o Instituto, e eu não iria me importar nem um pouco. Depois de semanas ameaçando me bater, eu não sou contra te ver levando uma surra merecida. Aliás, é sobre isso que eu quero falar agora.

— Tu quer usar teu controle mental pra me atropelar com um cágado gigante?

— Não, idiota — Amanda suspirou. — Eu tô tentando maximizar o uso do encantamento de controle mental. Ele claramente é poderoso demais pra eu só te obrigar a ir confessar e nunca mais usar. Eu quero tentar fazer mais com ele.

— Dinha…

— Eu quero ajudar outras pessoas sofrendo bullying no Instituto Ignoto. Tu obviamente não é a única valentona aqui. Eu considerei sair controlando todos os valentões, mas… Isso daria um pouco de trabalho. Aí eu pensei melhor, e é aí que tu entra no meu plano.

— Tu quer me usar pra dar uma surra nos outros valentões.

— Isso! Tu é maior, mais forte e com mais experiência em encantamentos de combates. Eu não me importo muito em te ver se machucar, mas acho que seria bem fácil pra ti ir atrás dos outros valentões e obrigá-los a parar de importunar outros alunos. Que tal?

— Eu acho que quem devia levar uma surra aqui é tu.

— Bem hipócrita, considerando o que você fez.

— Eu ameacei de bater, Dinha. Eu não bati. Já tu, decidiu partir direto pro controle mental em cima de mim e agora quer me usar pra realmente bater em outras pessoas. Não vem me falar que não é pior.

Amanda suspirou. Aquela não era uma conversa que ela queria ter.

— Eu já preparei o primeiro teste — ela falou.

— Teste?

— De manhã, antes da primeira aula, eu deixei um pedaço de papel na bolsa de um dos valentões mais populares e falei pra ele vir até o jardim na hora do almoço. Botei um bocado de bobagem lá falando que ia ter uma surpresa irresistível pra ele e tal.

— Tu preparou uma armadilha pra dar uma surra em alguém? Há, quem é a valentona agora?

— *Ele merece* — Amanda protestou. — Esse cara bateu em alguns dos meus amigos. E tu também merece ser castigada, então botar vocês pra lutarem é juntar o útil com o agradável.

— Eu não vou bater em um cara que não conheço, e você não… Ah, droga.

— É — Amanda disse com um sorriso perverso.

— Eu te odeio.

— Eu também. Agora… Rebeca, vem comigo. Hora de um pouco de justiça.

Vinte minutes depois, Amanda e Rebeca estavam de volta ao ponto de encontro nas sombras por baixo da escadaria do jardim. Enquanto a primeira garota permanecia com a mesma aparência de antes, Rebeca estava coberta de machucados e com o uniforme sujo; mais sujo que o de costume.

As duas estavam sem fôlego, pois correram até ali com medo de serem seguidas.

— Isso foi muito errado, Dinha.

— Olha quem fala — Amanda respondeu, sentando-se no gramado escuro para descansar e respirando fundo. — Ele fez muita gente sofrer aqui no Instituto. Quem liga se hoje levou um encantamento na cara que fez alguns dos dentes dele caírem?

— Tu não pode justificar isso tudo só porque o cara era um babaca.

— E tu não pode fingir ser a dona da moral e boa ética, Rebeca.

— Eu não sou.

— Aham, tá certo.

— Quando eu te ameaçava, eu sabia que tava errada. Eu tinha minhas justificativas ruins pra fazer aquilo e até me sentia meio poderosa também, botando medo em uma pessoa mais fraca, mas de novo, eu sabia que tava errada. O que tu tá fazendo é bem pior.

— *O que eu fiz*, Rebeca, vai fazer muita gente poder respirar aliviada por uns dias, sem medo daquele idiota que eu te fiz dar uma surra. O que tu prefere? Que eu só fique quieta vendo os outros estudantes passando pelo que eu passei contigo? Consegui uma solução pro meu problema e tô tentando compartilhar com o resto do Instituto, e você não tem o direito de falar o que eu posso e não posso fazer!

— E-Ei. Calma, ok? — Rebeca deu um passo para trás. Amanda soube pela primeira vez como era ser assustadora e não achou tão ruim

assim. O encantamento de controle mental provavelmente estava ajudando com o fator do medo. — Eu vou parar de falar sobre o que é certo e errado. Tu tá certa, eu não tenho moral pra isso. Tu quer virar uma heroína louca que vive acima das leis? De boa, mas eu queria que tu não me envolvesse nisso. Eu errei quando te ameacei, agora só me deixa confessar tudo na diretoria e ser punida de uma forma menos lunática, pode ser?

Amanda estava prestes a responder quando percebeu algo no canto de sua visão.

Um cachorro caramelo estava encarando as duas garotas.

— Arnaldo? — Amanda disse, após reconhecer o mascote do Instituto. O cachorro estava sentado no gramado e observando as duas em silêncio. — O que ele tá… Ugh, é verdade, ele fica rondando por aí. Rebeca, desde quando ele tá parado ali?

— Sei lá — ela falou em um tom nada convincente.

— Fale a verdade.

— Ele viu eu batendo no outro cara e seguiu a gente até aqui — Rebeca disse de imediato. — Droga de encantamento.

O coração de Amanda saltou uma batida.

Ela teve tanto cuidado para atrair o outro valentão para uma parte isolada do jardim e colocá-lo para lutar contra Rebeca sem que ninguém visse o que estava acontecendo… Ela devia ter prestado mais atenção e notado a presença do cachorro ali!

Se bem que… Era só um cachorro, não era?

— Tu parece que viu um fantasma — Rebeca falou.

— Eu tô preocupada com alguém descobrir o que tô fazendo — Amanda confessou. — Hoje deu tudo certo, mas o Arnaldo viu a gente. Imagina se em vez dele tivesse sido outro estudante? Ainda bem que ele é só um cachorro.

— O Arnaldo sabe falar — Rebeca afirmou, e o coração de Amanda saltou outra vez. — Não é, Arnaldo? Fala pra ela que esse plano é idiota e que a gente só devia ir pra diretoria e acabar com isso de vez.

Arnaldo encarou as duas garotas em silêncio e foi embora dali.

Amanda respirou aliviada.

— Ele é só um cachorro, Rebeca.

— Mas… Eu juro que tinha visto ele falando com um professor uma vez…

— Tu deve ter imaginado. Enfim, nas próximas vezes que eu te colocar pra lutar contra outro valentão, seria bom mais alguém ficar de vigia.

— Tu falou que não ia controlar mais pessoas.

— Eu pensei melhor. Vai dar um trabalho horrível, mas é por uma boa causa.

— Dinha, tu já tava louca antes, e agora tá ficando paranoica.

— Não te perguntei.

— Já chega, Dinha. Eu tô indo na diretoria agora e…

— Você tá proibida de falar sobre isso com pessoas do corpo docente — Amanda disse antes que a outra fosse embora, e Rebeca parou de se mover e falar imediatamente após ouvir o comando. — Até eu terminar de bolar o meu plano sobre como começar a atrair os valentões pra armadilhas, você vai me encontrar aqui no horário do almoço todos os dias, tá entendendo? Isso não é algo que você pode opinar, é sua punição.

Rebeca não respondeu e apenas concordou com a cabeça. Meio minuto depois, Amanda dispensou sua ex *bully* e atual capanga e retornou para as aulas da tarde. Ela mal conseguiu prestar atenção nas lições, estava concentrada em listar mentalmente todos os valentões que conhecia ou suspeitava e pensar em como atraí-los para locais isolados e usar o pó encantado. Quando reunisse pessoas o suficiente, voltaria a usar Rebeca para castigar os *bullys* restantes do Instituto Ignoto.

Estava tudo finalmente encaixando.

Nada podia dar errado.

E, é claro, tudo deu errado quando na manhã seguinte ela passou pelo portal de sua casa e chegou ao jardim do Instituto, pois Dona Carmelita e Rebeca estavam esperando por Amanda de braços cruzados. Arnaldo, pelo visto, não só falava como era bem próximo dos professores e havia dedurado tudo o que viu.

***

— A senhorita perdeu completamente o juízo? — Dona Carmelita perguntou para Amanda. A secretária do diretor havia levado as duas garotas para sua sala particular e estava furiosa após ouvir o que elas tinham para falar. — Como se controlar mentalmente uma aluna já não

fosse ruim o suficiente… Usá-la para brigar com outros valentões? O que você estava pensando?

— *Toma* — Rebeca falou baixinho.

— Eu ouvi isso — Carmelita disse, lançando um olhar gelado para outra garota. — Não pense que você é só uma vítima aqui, Rebeca. Eu não esqueci o pequeno detalhe de que você atormentou Amanda por semanas e ameaçou ela com agressão física também. Vocês duas tão com sorte de eu não chamar o diretor pra resolver esse problema, ou as coisas seriam bem piores. Certo… — Carmelita massageou a têmpora e respirou fundo. — Amanda?

Ela precisou de um segundo para reunir coragem antes de falar.

— Eu… Eu tava tentando ajudar o Instituto.

— Escravizando e agredindo outros estudantes?

— Estudantes ruins, que fazem mal pros outros.

— Punir estudantes ruins é o *meu* trabalho, garota. Eu não sei como você conseguiu esse pó encantado, isso é algo que iremos conversar depois, mas ele não lhe dá o direito de virar uma ditadora que pode decidir por conta própria o que acontece e com quem. Nós temos regras no Instituto Ignoto, Amanda.

— A senhora não tava fazendo seu trabalho direito.

— *Como é que é?*

— É que tipo… — Amanda hesitou antes de continuar. — Eu denunciei a Rebeca pra diretoria, mas nunca resolveram meu problema porque não tinham como ter certeza se o que eu tava falando era verdade. E eu não tinha como provar.

— Você entende que isso não é uma justificativa pro que fez, não é?

— Sim.

— Se a senhorita fica incomodada com a forma que membros do corpo docente lidam com alguma coisa, você vem falar comigo. E se isso não resolver o problema, o Diretor Baltazar é uma opção também.

— E enquanto isso mais pessoas vão tá levando surra dos outros valentões.

Carmelita suspirou.

— Existe um sistema de regras nessa instituição, Amanda, e nós o obedecemos exatamente para evitar que as pessoas saiam por aí fazendo o que bem quiserem, como você fez. Eu sei que a senhorita deve estar se vendo como uma heroína da justiça na própria cabeça, indo atrás dos

valentões para ameaçar e provocar agressões entre eles até que concordem em parar de incomodar os outros. Parece uma ótima ideia, até você perceber a contradição e entender que isso não a tornaria diferente deles.

Amanda ouviu as palavras da mulher e arregalou os olhos.

Ela já tinha escutado aquilo de Rebeca, mas… ouvir uma adulta falando que ela era igual aos outros que cometiam *bullying* e batiam em seus amigos era algo difícil de aceitar. Ela sentiu os olhos se enchendo de lágrimas e abaixou a cabeça.

— Nosso sistema não é perfeito, mas poucas coisas nesse mundo são — Carmelita continuou. — Se você tem uma reclamação formal sobre o Instituto Ignoto não estar lidando com o *bullying* adequadamente, eu posso me sentar com você para pensarmos em como resolver isso. Infelizmente, primeiro tenho que pensar em como puni-la. E você também, Rebeca. Eu quero que as duas esperem do lado de fora da minha sala por dez minutos enquanto penso em algo e depois entrem uma por vez. Vou resolver isso o quanto antes pra que possam assistir ao resto das aulas do dia.

As duas se retiraram do aposento, de cabeça baixa, e passaram os próximos minutos em silêncio no corredor, ocasionalmente trocando olhares cheios de culpa e remorso. Amanda foi a primeira a entrar, e depois de uma longa bronca, ela saiu da sala e deixou que Rebeca a substituísse.

Amanda, tecnicamente, já podia ir embora, mas…

Vinte minutos depois, Rebeca voltou para o corredor e encarou a outra garota com olhos arregalados; arregalados e vermelhos, como alguém que havia acabado de chorar pouco tempo atrás.

— Você ainda tá aqui.

— Tô.

— Por quê?

Amanda deu ombros. Ela também não sabia explicar.

— Como foi? — Amanda perguntou.

— Bem ruim — Rebeca respondeu após limpar o rosto na blusa. — E tu?

— Suspensão por uma semana, detenções por dois meses, trabalhar no bandejão até o fim do ano e consultas obrigatórias com o psicólogo do Instituto — Amanda falou relaxada. Depois de uns bons minutos

hiperventilando sozinha sobre o tamanho de sua punição, ela chegou à conclusão de que Carmelita tinha sido bem razoável, considerando a gravidade do que Amanda fez. — A Dona Carmelita também vai falar com meus pais, então provavelmente vou ficar de castigo e sem poder sair de casa também.

— Cacete, Dinha… Isso foi bem pior que o meu. A Dona Carmelita só me mandou ir pro psicólogo do Instituto e me entupiu de detenção até o pescoço. Já tava difícil estudar antes, agora então… Ah, e é, vão falar com minha mãe também. Lá em casa vai ficar um inferno.

— Desculpa.

— De boa. A culpa disso não é tua, eu também fiz besteira. Não besteira no nível 'vou tentar controlar mentalmente os valentões e virar uma ditadora do bem', mas quase isso.

— Olha, em minha defesa eu achava que essa era uma ótima ideia na hora.

— E esse era o problema, sua anta — Rebeca riu do próprio comentário. — Nenhuma pessoa com a cabeça no lugar ia ter feito o que tu fez. Aliás, onde foi que tu conseguiu o tal do pó?

— Ah, eu ganhei de uma professora. Bárbara do EEE.

— *O quê?!* A Carmelita ficou sabendo disso?

— Não, e nem vai saber — Amanda respondeu, baixando a voz antes de continuar a falar. — Eu menti e disse que achei o saquinho do pó no jardim. Carmelita falou que ia tentar investigar mais sobre o assunto, só que duvido que dê em alguma coisa.

— Mas o que a Bárbara fez não é, tipo, ilegal?

— É, mas consegue imaginar o tamanho do problema que isso ia virar se soubessem de uma adulta no Instituto criando um pó que pode escravizar alunos?

— Ah. Nossa.

— Pois é.

— Pelo menos a Dona Carmelita desfez o encantamento na minha cabeça e tomou o pó, então a vida de todo mundo vai voltar ao normal. O meu normal é uma bosta, mas melhor que nada.

Amanda teve uma ideia e torceu para não se arrepender dos próximos segundos.

— Tu quer ajuda pra estudar?

Rebeca foi pega de surpresa pelo pedido.

— Vai me ajudar mesmo depois do que eu fiz contigo?

— Tecnicamente eu fiz coisa pior, então, sei lá, elas se cancelam?

— Dinha, eu não acho que funciona assim, mas… — Rebeca considerou a proposta por um momento, e um sorriso surgiu em seu rosto. — Vamo fazer assim, tu me ajuda a estudar como pedido de desculpa pelo controle mental, e sei lá, eu te pago um sorvete?

— Ok, isso não parece meio proporcional. Te ensinar tudo antes das provas dá muito mais trabalho que pagar por um sorvete, e eu nem sei quando eu vou poder sair de…

— Tá, tá! Se não quer, é só falar!

Amanda riu e observou o rosto da garota que havia a atormentado no passado.

— Tudo bem — ela disse. — Um sorvete seria ótimo.



L.V. Matos, ou **Louise Matos**, é uma autora trans, lésbica, nordestina, que já tentou música, teatro, mídias digitais, direito, estatística, mas foi na escrita que encontrou sua vocação. Tendo criado suas próprias histórias desde que tinha 13 anos e possuindo grande paixão por obras fantásticas (livros, jogos, séries), decidiu não só criar seu próprio universo em uma saga original de fantasia, mas agora também embarcar no mundo da criação de contos.

Fora d’água

WALDSON SOUZA

Pratique, transmute à vontade com lealdade e sinceridade.
Seja atento e assíduo, porque a qualquer hora, a qualquer momento, pode estar nascendo o amor.

(*Luz polarizada*, Jorge Ben Jor)

Os últimos dias estavam tão cansativos que comecei a chegar em casa agradecendo pela prova final do curso de Alquimia estar cada vez mais próxima. Por mais que uma parte minha se preocupasse com o dia em questão, a outra só queria se livrar logo daquilo. Era uma fase muito importante da minha vida; estava terminando o Ensino Médio e mais perto de me tornar um alquimista habilitado, então eu sentia medo e ansiedade toda vez que parava para pensar no futuro.

Naquele dia, fui teletransportado de volta do Instituto Ignoto e dei de cara com o clima seco de Goiás. Não bastava ter sofrido com o calor o dia inteiro, agora teria de enfrentar a baixa umidade do cerrado. E antes que eu culpasse o trabalho do meu pai por ter nos obrigado a mudar de cidade, precisava lembrar que na anterior as coisas não eram muito diferentes. O problema mesmo era estar em terra firme. E o máximo que eu podia fazer no dia a dia para tentar enganar meu corpo era esvaziar uma infinidade de garrafinhas d’água, ficar molhando o rosto e tomar banhos gelados e demorados quando possível. E era isto que ajudaria a me livrar daquela sensação de tontura que, geralmente, se intensificava mais para o fim da tarde.

Joguei a mochila em um canto e liguei o notebook para ouvir música, seguindo meu ritual de todos os dias. Abri o YouTube, coloquei um clipe que estava vendo muito na última semana e deixei o algoritmo cuidar dos seguintes. Fiquei feliz ao ver na aba de recomendações um vídeo

novo de um dos meus canais preferidos. Era de um rapaz meio *ẹja* que, diferente de mim, crescera em um dos reinos no fundo do oceano e só começara a viver em terra firme depois de adulto. Contando sobre suas experiências fora e dentro d'água, ele me ensinou muito sobre nossa cultura, sobre a vida. Ele nem imaginava como seu trabalho fazia com que eu me sentisse menos solitário. Às vezes, por influência dele, eu até me esforçava para sair sem esconder minhas brânquias.

Tirei a roupa e me preparei para o banho. Foi um alívio me livrar das duas camisas: a do uniforme e uma polo que usei por baixo para cobrir o pescoço com a gola. Isso me deixava com mais calor e me fazia desidratar mais rápido. Era por isso que meu corpo estava todo ressecado e com as escamas mais aparentes, mesmo que elas tivessem quase o mesmo tom negro da minha pele. Minhas escamas não se espalhavam por todo o corpo, concentravam-se mais nas pernas e em algumas partes do peito e das costas.

Senti-me muito mais disposto depois do banho. Água era a solução para obter qualquer melhora física. Seria incrível se pudéssemos ter uma piscina. Eu passaria horas dentro dela, mergulhando sem me preocupar com ter que emergir para respirar. Eu estava com tanta saudade de nadar.

Quando voltei para o quarto, uma notificação pipocou no celular. Sorri quando vi a foto que Felipe me enviou. Era uma *selfie* dele deitado no sofá. Ele mandou uma mensagem em seguida dizendo que estava muito cansado. Selecionei a imagem para respondê-la com um *emoji* com olhos de coração, mas mudei de ideia e preferi só dizer algo sobre a prova já ser na próxima semana.

Ainda era estranho estar passando tanto tempo com Felipe. Começou de um jeito inesperado: ele simplesmente chamou meu nome no final de uma aula e compartilhou a brilhante ideia de estudarmos juntos para os exames finais. E eu digo "brilhante" sem ironia. Por mais que tivesse imaginado isso por muito tempo, sequer passou pela minha cabeça fazer essa sugestão. O melhor disso tudo é que não foi algo que partiu de mim. Caso contrário, eu ficaria pensando que era uma desculpa para nos vermos. Mas o objetivo dele era outro: só queria nossos cérebros funcionando em conjunto para terminar o curso com boas notas.

De qualquer forma, foi ele que sugeriu, usando meu nome, propondo dias e horários e dizendo a importância de estudarmos juntos. Concordei

com tudo, porque, independentemente dos meus sentimentos secretos, estaríamos aumentando nossa chance de conseguir uma nota maior.

Aproveitei que estava com o celular e fui ver algumas notificações que ignorara durante a tarde. Uma delas chamou minha atenção, porque eu não costumava receber e-mails. Era uma mensagem da embaixada *ẹja* brasileira, e eu não fazia a menor ideia do que podiam querer comigo. Eles mantinham registro de todos os *ẹja* em território nacional, mas não era comum entrarem em contato diretamente conosco. Bom, pelo menos nunca tinham entrado em contato comigo.

Ler o e-mail me deixou tão sem reação que fiquei parado no meio do quarto, em pé, por alguns minutos. Reli umas duas vezes. Não que fosse difícil de entender o conteúdo, mas era muita informação para processar. Não sabia como me sentir. Queria chorar, talvez. Eu *deveria* chorar?

O barulho do meu pai entrando pela porta da sala me fez guardar o celular e me mexer. Ele era o único com quem eu podia conversar sobre aquilo, então foi bom ele ter chegado. Era o único que a conhecera minimamente.

Caminhei com passos lentos até a cozinha, onde meu pai guardava algumas coisas que havia comprado no supermercado.

— Oi, filho. Como foi seu dia? — perguntou ele, sem me olhar.

Não respondi, fiquei encarando o chão. Meu pai virou para mim e percebeu que algo estava errado. Ele se aproximou e tocou meu ombro.

— Renan, o que aconteceu?

— Ela faleceu.

O nome dela não precisava ser dito. Acho que meu pai nunca chegou a saber, ele sempre a chamava de “sua mãe”. Já eu, incapaz de me sentir filho de alguém que nunca vi, nem mesmo por foto, costumava chamá-la apenas de “ela”. Por que *ela* não quis me criar? Por que *ela* nunca veio me visitar? *Ela* lembra que eu existo?

Perguntas que eu costumava fazer quando era mais novo. Era estranho, não me sentia triste por ela ter morrido, afinal, não nos conhecíamos. A única imagem dela que eu tinha na mente foi criada pela descrição que meu pai fez de quando eles se conheceram. Ele era muito jovem, ainda estava na marinha. Tiveram alguns encontros na época, mas ela parou de visitá-lo de repente. Meses depois apareceu só para entregar um bebê recém-nascido. Os dois nunca conversaram, já que

falavam línguas diferentes, mas meu pai não demorou a entender que eu era filho dele e que minha mãe queria que ele ficasse comigo.

— Filho, senta aqui — disse meu pai, puxando uma cadeira.

Ele encheu dois copos com o suco que havíamos feito para o jantar da noite anterior.

— A embaixada me mandou um e-mail — contei, pegando o celular. — Disseram que ela já estava muito velha. — Passei o celular para meu pai. — Aqui.

Durante a leitura, ele perguntou:

— Seus irmãos decidiram entrar em contato?

— Aparentemente, sim.

— Você viu o vídeo? — perguntou meu pai quando terminou de ler e chegou ao arquivo anexado.

— Ainda não.

No corpo do e-mail, a embaixada não detalhou qual era o conteúdo do vídeo, apenas avisou que havia sido legendado. O que era bom, pois o pouco que aprendi da língua *ẹja* foi por conta própria no YouTube — e não havia muito material disponível. Eu não entenderia sem ajuda.

— Você não precisa ver agora — sugeriu meu pai.

— Estou curioso, mas ao mesmo tempo… Sei lá. Foi muito tempo sem receber notícia deles. Eu não esperava por isso.

— Sei que viver comigo te impediu de… — meu pai começou a dizer já com os olhos marejados.

— Pai, não é…

— Calma, deixa eu terminar — pediu ele. — Sei que viver comigo te impediu de conhecer sua família materna e muitos aspectos da sua identidade. Mas você não é menos *ẹja* ou menos digno por causa disso. Deve ter um bom motivo pra decidirem falar com você agora. Talvez seja o momento certo.

Não respondi.

— Eu…

Tentei falar, mas não consegui.

— Você não precisa ver agora — repetiu meu pai. — Não hoje. Sei que está estressado por causa da prova. Descansa, amanhã é outro dia.

Balancei a cabeça, concordando.

Eu gostava de como meu pai era prático. E ele conseguia me deixar calmo, estava sempre disposto a conversar comigo.

Depois da nossa conversa, mais tranquilo, voltei ao meu quarto enquanto meu pai preparava o jantar. Fiquei ouvindo algumas músicas lentas, que soaram ainda mais tristes. Tudo no meu quarto parecia estranho, meio sem cor. Fiquei olhando para o teto sem realmente ver nada, só pensando na minha mãe. As lágrimas acabaram vindo e quando chegaram, foi com um fluxo inesperado. Não consegui, entretanto, saber se chorava mais pela morte dela ou por causa da saudade que sentia desde muito novo. Dor, frustração e inconformidade atenuavam uma saudade que jamais poderia ser reparada. Não somente pelo fim, mas por nunca ter havido um início. Os laços que desejei construir com ela, mesmo sabendo da improbabilidade, agora eram impossíveis.

***

Na manhã seguinte, olhei-me no espelho antes de sair de casa. Usava apenas a camisa do uniforme com o brasão do Instituto. Conforme respirava, o ar entrava e saía dos pulmões pelo meu nariz e pelas brânquias em ambos os lados do pescoço. Fiquei um tempo ali só respirando, olhando meus olhos no reflexo e percebendo aquele corpo no qual eu tentava me sentir mais confortável.

Como ainda restava um tempo até o portal abrir, decidi assistir ao vídeo. Não queria deixar para fazer isso no Instituto ou ter de esperar até o fim do dia. Concluí que não fazia sentido evitar aquele momento esperando que eu me sentisse melhor. A angústia e o nó na garganta me acompanhariam pelos próximos dias. Apertei o *play* me sentindo estranho, mas disposto a passar logo por aquilo. Era a primeira vez que eu veria alguém da minha família materna.

O vídeo foi gravado de um ponto fixo, em uma região com corais e a escuridão do fundo do mar em segundo plano. Um homem e uma mulher ficaram parados por um momento diante da câmera. Ambos eram negros, com peles escamadas e caudas de peixe se formando da cintura para baixo. A água fazia os longos cabelos crespos deles flutuarem. Poucos segundos depois, começaram a realizar uma espécie de dança, movendo-se de forma graciosa. A língua *ẹja* tem duas variações: uma por meio dos movimentos corporais, sempre em dupla; e outra, também em dupla ou grupos menores, feita por transmissão de ondas sonoras. Esse segundo caso só acontece em contextos específicos de relações

familiares ou de maior intimidade. Reconheci algumas palavras do pouco que aprendi sozinho na internet, mas não teria entendido nem metade sem a legenda.

Ele se apresentaram como meus irmãos, lamentaram aparecer naquele contexto e contaram brevemente como nossa mãe faleceu. Pediram para que eu a perdoasse, pois, de acordo com eles, ela não teve escolha, foi obrigada a me deixar por questões políticas que eles poderiam me explicar melhor pessoalmente. Entretanto, todo *ẹja*, antes de morrer, pode fazer um último desejo. E o dela foi revogar a lei que proibia a minha entrada no reino. No final do vídeo, eles diziam que eu era bem-vindo para ir visitá-los um dia, mas que entenderiam se não quisesse contato.

Eu não sabia o que pensar. Saber que ela não teve escolha me permitia ter uma nova percepção de tudo, mas ao mesmo tempo não mudava como me sentia. A sensação de abandono permanecia. De qualquer forma, eu tinha uma resposta, mais reconfortante do que várias que imaginei. Eu poderia voltar lá, se quisesse. Entretanto, ir embora significava não só deixar meu pai, mas também mudar todos os planos profissionais que fiz para o futuro. Terminar os estudos e dar um novo passo em um caminho que eu vinha trilhando já era assustador o bastante, imagina começar tudo do zero em um lugar desconhecido. Mas ao mesmo tempo o convite era sedutor no que dizia respeito a abandonar a superfície terrestre, deixando nela alguns dos meus problemas. Alguns. Eu teria que desenvolver vários novos hábitos e aprender uma nova língua, nada garantia que eu também não fosse me sentir deslocado vivendo com os *ẹja*.

Acabei colocando o vídeo uma segunda vez, para ter certeza de que não havia deixado passar nenhuma informação importante. Isso gastou o restante do meu tempo. O portal se abriu e precisei me posicionar na frente do espelho. A superfície deixou de ser rígida para permitir minha passagem, como se houvesse se transformado em água, e fui levado para o Instituto.

Chegando lá, juntei-me à aglomeração de alunos que se encaminhava para as aulas do ensino regular. Aquele último bimestre do terceiro ano seguia em um ritmo lento. Eu já tinha nota para ser aprovado e continuava indo apenas para não ter muitas faltas no boletim. Minha maior preocupação era com a prova final de Alquimia na semana

seguinte. O e-mail da embaixada tinha que chegar justo em um momento tão crucial da minha vida?

As duas primeiras aulas foram de Química, mas não consegui prestar atenção no que a professora falava. Não parava de pensar na minha mãe e na possibilidade de ir morar com meus irmãos. Havia tanta coisa que eu não sabia sobre eles. Havia tanta coisa que eu não sabia sobre ela. Nos meus quase 18 anos, poucas vezes passou pela minha cabeça que minha mãe não teve escolha ao me deixar com meu pai. Ou que poderia ter se arrependido. Não tinha como saber de toda a história. E quanto mais eu pensava, mais perguntas surgiam.

Depois do almoço, fui esperar Felipe em um lugar isolado. Estávamos estudando juntos para a prova sempre que possível. Ele não frequentava o ensino regular, então geralmente só estava no Instituto pela tarde e nos dias do curso de Alquimia. Fiquei sentado na grama e encostado em uma das muitas árvores espalhadas pelo campus. Ao longo daqueles três anos, eu aprendi a me fechar e não interagir muito com os outros alunos, principalmente por causa das chateações e comentários maldosos recorrentes que começaram no primeiro ano e só diminuíram no segundo. Aos poucos, as pessoas foram deixando de verbalizar seus incômodos com a minha presença. Hoje só um grupinho parecia disposto a chegar até a formatura sem se permitir mudar a mentalidade — mas deles eu já estava acostumado a desviar o caminho ou simplesmente ignorar.

Uma vez que a maioria se acostumou com a minha presença, foi fácil me fingir de invisível. Quanto mais longe dos outros estudantes, melhor. Sei que não devia me isolar desse jeito, mas era o último ano — não seria agora que eu faria amizades.

Esperei por Felipe ouvindo música. Não adiantaria tentar ler ou fazer qualquer coisa que exigisse minha concentração. Não só por causa do conflito que acontecia dentro de mim, mas também por causa do calor, que já começava a me incomodar. A escola já estava parada no litoral do Nordeste há duas semanas, e não tinha nada que fizesse o bicho estúpido ir para outro lugar menos quente. Se eu continuasse bebendo água naquele ritmo, logo precisaria encher a garrafinha de novo.

Felipe não se atrasou. Quando o avistei vindo em minha direção, ele começou a sorrir para mim e só parou de fazer isso quando estava perto e pôde me cumprimentar. Ele sempre fazia isso, ou pelo menos fez

nesses últimos dias em que nos encontramos. Abria aquele sorriso que deixava o nariz mais largo e todo o rosto ainda mais bonito. Ele bloqueava o sol por um instante, ou talvez fossem meus olhos ignorando todo o resto enquanto eu sorria de volta.

— Nossa, eu quase perdi o portal — comentou ele, sentando-se ao meu lado. Parecia mesmo ofegante.

— Que bom que você não perdeu — eu disse —, aquele símbolo de destilação não vai se resolver sozinho.

— Ah não, Renan, nem me lembre daquilo. Eu quero matar quem fez aquela receita.

— Bom, o livro foi escrito há uns três séculos, e nenhum dos autores conseguiu o Elixir da Vida, então você não vai precisar se preocupar com isso.

Felipe riu, bloqueando o sol mais uma vez só para mim.

— Você tem água? — ele perguntou. — Esqueci minha garrafinha.

Entreguei-lhe a garrafa, e começamos a ir para a biblioteca.

A bibliotecária Fabiana nos recebeu com a mesma cara mal-humorada de sempre. Ela tinha um moicano crespo pintado de azul e sempre usava uma roupa preta, deixando à mostra as tatuagens do antebraço. Apesar do ar nada receptivo, ela me indicava bons livros quando eu estava com dúvida a respeito da próxima leitura. Com certeza eu era o aluno do Instituto Ignoto que mais frequentava a biblioteca. Fiz isso principalmente no primeiro ano, quando queria evitar os outros garotos.

Nós já tínhamos todo o material que precisávamos, então fomos para uma das cabines de estudos em grupo, onde poderíamos conversar. Na primeira meia hora, revisamos alguns tópicos e depois seguimos para a receita que havia dado trabalho no dia anterior. Por vinte minutos, ficamos tentando entender por que haviam colocado um símbolo de destilação no meio do processo. Dividindo o mesmo livro, eu estava próximo o bastante para sentir o cheiro dos cabelos de Felipe.

— Eu desisto — falei, jogando o corpo para trás e ficando numa postura nada correta, mas estranhamente confortável. — Não estou me sentindo muito bem, preciso beber água.

A garrafa estava vazia há algum tempo, eu não podia mais ficar enrolando.

— Vamos fazer uma pausa — disse Felipe. — Também quero esticar as pernas.

Deixamos nosso material na cabine e fomos procurar um bebedouro. Depois de saciar minha sede e encher a garrafa, passei no banheiro para molhar o rosto. Felipe ficou esperando do lado de fora. Estava acostumado com minhas pausas para poder me hidratar, mas quando saí do banheiro, ele disse:

— Você está bem mesmo? Tô te achando meio estranho hoje.

Não imaginei que meu estado emocional estava assim tão óbvio. Meu primeiro impulso foi negar, dizer que estava tudo bem, que a culpa era do calor, que não havia nada com o que se preocupar. Mas eu tinha ali uma oportunidade de colocar para fora um pouco daqueles sentimentos.

— Ontem eu recebi um uma mensagem da minha família *ẹja*. Dos meus irmãos, pra ser mais específico. Eles precisaram me contar sobre o último desejo da minha mãe.

— Último?

— Sim, ela faleceu.

— Nossa, sinto muito — ele disse, colocando a mão no meu ombro.

Reparei que, mesmo colocando a mão perto do meu pescoço, ele não encarou minhas brânquias como a maioria das pessoas fazia.

— Eu não conheci ela… — Ficamos em silêncio por um momento. — Bom, posso te contar a história melhor, caso você queira ouvir.

— Eu adoraria.

Procuramos um banco para nos sentarmos. Felipe se acomodou ao meu lado, ficando de frente para mim, e pela primeira vez compartilhei uma história pessoal com outra pessoa. Expliquei como foi crescer sem contato com minha mãe e outros *ẹja* e como fiquei surpreso ao descobrir que agora eu poderia retornar.

— E você já decidiu se vai visitá-los? — perguntou Felipe quando terminei de falar.

— Não sei. Digo, me preocupa o fato de ter existido uma lei proibindo minha entrada no reino.

— Uau! Um reino. Você deve ser príncipe lá. Isso é incrível!

Olhei para baixo.

— Não tem nada de incrível nessa história — eu disse. — Sou só um esquisito que nunca conheceu a mãe.

— Pra falar a verdade, sempre te achei muito interessante.

Não tive certeza se o comentário escapou ou foi intencional, mas Felipe não pareceu arrependido. Se estivesse, acho que teria desviado o olhar, mas ele continuou me encarando.

— Interessante e bonito — completou ele.

Engoli em seco. Era quase como se ele estivesse me desafiando a falar algo, ou pior, fazer alguma coisa. Diante da minha incapacidade de aceitar que ele queria o que eu queria, sustentei o olhar, acreditando que isso deveria valer como resposta.

Não havia nenhum símbolo alquímico capaz de transmutar o tempo, mas tudo pareceu congelado naquele momento. Qual seria a troca equivalente para entender aquele sentimento fazendo meu coração bater tão forte? Não sei de onde tirei coragem. Mas sabe aquela inclinação mínima que uma das pessoas precisa fazer para que a outra complete o caminho? Eu fui o primeiro a me inclinar para frente, o resto foi com ele e com a sensação do beijo.

***

Na semana seguinte, eu esperava Felipe no fim do corredor onde, em uma das salas, estava acontecendo a prova final do curso de Alquimia. Quanto mais ele demorava para terminar, mais eu achava que tinha ido mal. Deveria ter aproveitado mais! Saí uma hora antes do horário de término. Mas isso não queria dizer nada, eu esperava, outras pessoas saíram antes de mim, sem falar no tanto que tinha estudado nas últimas semanas. Apesar da insegurança, sabia que dera o meu melhor. Só me restava esperar o resultado.

Guardei o caderno de provas na mochila e peguei um livro para tentar ocupar a mente enquanto esperava. Eu estava louco para comentar sobre a prova com Felipe. Nesse meio tempo, um grupo de quatro rapazes também do terceiro ano passou por mim. Eram os mesmos que, desde o primeiro ano, sempre faziam alguma piadinha quando me viam. E daquela vez não foi diferente.

— Curte só — disse um cutucando um dos amigos. — A Pequena Sereia tá mostrando as barbatanas agora.

Os quatro olharam para mim e riram. Normalmente, eu teria continuado olhando para o livro, torcendo para que desaparecessem

logo. Três anos.

— São brânquias, seu burro.

Eu também fiquei surpreso ao me perceber dizendo isso.

— Do que você me chamou? — Os quatro começaram a fechar um círculo ao redor de mim. Eles só queriam um motivo.

— De burro — repeti mais alto. — Mas acho que chega a ser um elogio pra você.

Eu não sabia por que estava agindo daquele jeito. Talvez só estivesse cansado. Foram três longos anos.

Felipe chegou bem em tempo, antes que o pior pudesse acontecer.

— Você não vai querer que eu encoste este símbolo no chão — disse Felipe, colocando-se entre os valentões e eu. Ele estava com a palma da mão aberta. — Se derem mais um passo, vou fazer o chão engolir vocês. Ou talvez seja mais prático derreter alguns braços.

Eu não vi qual símbolo estava desenhado na mão de Felipe, mas não era daquele jeito que funcionava.

— Não podemos usar magia nos corredores.

— Talvez o Diretor Baltazar não nos expulse se eu disser que foi legítima defesa.

O blefe funcionou, os rapazes se afastaram resmungando algo sobre eu ter dado sorte. As pessoas em volta pararam de olhar quando viram que não aconteceria nada mais emocionante.

Felipe girou o corpo e me olhou.

— Obrigado — eu disse. — Não sei onde estava com a cabeça.

— Foi por pouco — ele me mostrou a palma da mão.

O máximo que aquele símbolo faria seria transmutar alguma substância em água.

Sorrindo, eu disse:

— Ainda bem que funcionou.

Começamos a andar.

— Bom, qualquer coisa a gente partia pra cima deles.

— Eu nunca briguei.

— Jura? — Felipe fingiu surpresa. — Vamos, é melhor a gente sair daqui.

Caminhamos até atravessar o *hall* que ficava à frente da diretoria. Quadros de ex-alunos, como Machado de Assis e Jorge Ben Jor, estavam espalhados pela parede. Falávamos sem parar sobre a prova, e isso foi

me deixando mais tranquilo. Quando passamos pelo busto de Dandara dos Palmares, Felipe disse:

— Eu tenho treino de queimada amanhã. Já que a gente não precisa mais estudar, bem que você podia ir me vê treinando. Podemos fazer algo depois. Bom, só se você quiser passar mais tempo comigo.

Se eu queria?

— Não sabia que você era do time.

— Pois é. Tem muita coisa que a gente não sabe sobre o outro, né?

— É verdade.

— Mas pode falar mais sobre você — ele disse. — Não quero ser o único tagarelando.

Eu poderia ouvi-lo falar pelo resto da tarde.

— Não sei o que dizer — admiti.

— Ah, então vou fazer perguntas… Deixa eu pensar. Como você se imagina daqui a cinco anos?

Pensei por um momento.

— Se você tivesse me perguntado isso semana passada, eu diria que só quero terminar o curso de Alquimia e prestar algum concurso público no ano que vem. Mas agora talvez eu precise mesmo passar um tempo com o meu povo.

— É isso que você quer? — ele perguntou.

— Confesso que não pensei muito a respeito, aproveitei que estava com a cabeça cheia por causa da prova.

— Nossa, nem me fale. Finalmente acabou.

Eu não sabia o que esperar em relação ao futuro. Antes, eu só pensava em terminar o Ensino Médio e me tornar um alquimista habilitado. De repente, surgiu a possibilidade de conhecer minha família. Não conseguia imaginar como isso funcionaria, mas sabia que teria um monte de coisas para aprender. Ao mesmo tempo, Felipe correspondeu a um sentimento que eu pensava ser unilateral. Duas coisas que pareciam impossíveis, mas acabaram acontecendo. Só foi preciso ter paciência. E mais desse sentimento seria necessário para entender que eu não poderia estar com meu pai e minha outra família ao mesmo tempo. Eu sentia que em breve poderia ir embora e me despedir da vida em terra firme. Também sabia que, mesmo recusando o convite dos meus irmãos, eu não ficaria com Felipe para sempre. Morávamos em estados diferentes, e

nosso tempo no Instituto estava acabando. Ele tinha os sonhos dele, eu tinha os meus.

Mas ali estava a vida me mostrando que eu não precisava viver me sentindo indesejado ou me isolando de tudo e de todos. Eu podia apenas viver o momento, aproveitar as coisas boas que apareciam enquanto durassem. Afinal, não adianta saber nadar e continuar sentindo medo do mergulho. E, na vida, há vários oceanos.



Waldson Souza é brasiliense, formado em Letras e mestre em Literatura pela Universidade de Brasília. No mestrado, escreveu dissertação intitulada “Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea.” É autor de “Oceanïc” (Dame Blanche), de “Eletricidade em suas veias”, presente na coletânea Vislumbres de um futuro amargo (Agência Magh) e “Uma esfera para cada feitiço”, publicado na revista Mafagafo.

Desenlaços

NAIR NASCIMENTO

Faltavam dois minutos. Jaciara amarrou o casaco na cintura, caso estivesse frio, e puxou o seu crachá de cima da mesa de madeira. “JACIARA LIMA – PROFESSORA”. Ela estava horrível na foto da identificação, parecia careca: o jogo de luz fez com a linha que separava o rosto avermelhado dos cabelos cor de sangue sumisse por completo. A expressão neutra deixava-a com um ar agressivo. Jaciara esperava que isso fosse o suficiente para assustar alguns alunos folgados.

Apanhou as chaves e aguardou os últimos minutos. O portal abriria pelo espelho às dezessete e quarenta: odiava essas especificidades mágicas, bem como muitas coisas no instituto Ignoto, mas as obedeceria à risca, diferente da última vez.

Respirou fundo.

Um.

Dois.

Três.

Quando o espelho tomou tons de laranja, atravessou a moldura sem pensar duas vezes. O cheiro de terra molhada logo invadiu o nariz dela.

Lá estava o palácio. Com as colunas jônicas, os frisos, as cores terrosas sob um céu cor de chumbo. Dera sorte: o Cágado estava aconchegando-os com um clima similar ao da última vez que visitara Porto Velho, chuvoso o dia inteiro. Eram 20 graus, mas 20 graus em clima úmido eram 10 na sua pele acostumada ao sol litorâneo, então vestiu o casaco.

Havia muitas lembranças abandonadas naquele lugar, uma em especial para resolver. Uma sensação de nostalgia que não esperava ter espalhou-se pelo seu peito. Diversas memórias salpicavam a cada passo que suas botas marrons ressoavam sobre o piso de pedras portuguesas: no corredor de entrada, viu-se pequena e avermelhada, correndo descalça e sendo repreendida. Ao atravessar o pórtico, lembrou-se do dia em que escalou o portal para provar o quanto era capaz de subir. Olhando debaixo, seis metros era bastante coisa. Principalmente para escorregar, mergulhar no chão de pedra e quebrar os dentes da frente no processo.

Todos os alunos ali viravam o olhar para a estranha criatura meio humana, meio caipora que era. Quando criança, tinha vontade de sair correndo quando a olhavam como um bicho exótico. Mas não se importava mais com os olhares curiosos das crianças. O dos adultos, porém, ainda a incomodavam.

Ser meio caipora não era nenhum indicativo de nada: fora criada por uma mãe jovem demais que se envolvera no fascínio de uma criatura mística, mandada para um convento para não desgraçar o nome da família. Tinha sorte de o padre ter cuidado de Jaciara e da mãe, e só viera entrar em contato com suas origens há pouco tempo. Contato este que se refletia em seus brincos, vestidos e magias, mas não em suas memórias afetivas.

Atravessou a soleira da porta que indicava o salão dos professores a passos firmes. O cômodo era amplo, com um cheiro reconfortante de madeira. Alguns rostos desconhecidos se viraram para ela. A maioria ainda tinha olhos azuis, mas já estava habituada. Entre os rostos, reconhecera uma pessoa: um rapaz alto, de olhos claros e redondos como a lua e com um rosto que parecia grande demais para o nariz. Sabia que era um mestiço mágico, apesar de ele ter maior passabilidade humana. Quando seus olhos se encontraram, ele levantou-se, batendo com a mão na mesa, quase derrubando o café que, pelo cheiro, era com leite também.

— Jaci. — O nome veio com um sorriso nervoso, e logo uma expressão de quem não deveria ter dito o que disse. – Jaciara. Vou lhe mostrar o lugar.

— Ainda vou falar com o diretor. — Respondeu soando mais seca do que gostaria, nervosa com os olhares curiosos. Apesar do rosto originário, as cores de seu cabelo e pele ainda eram exóticas como as de

uma arara, e a consciência disso fazia com que se perguntasse se as pessoas esperassem que ela falasse gralhês ou algo do gênero.

Precisava socializar. Precisava fazer diferente. Convenceu-se, fechou os olhos acastanhados por dois segundos e encarou os rostos que lhe fitavam de volta.

— Boa tarde. Meu nome é Jaciara Lima — disse, observando cada olho azul, verde, mel e castanho. — Sou meio humana e meio caipora. E ministrarei a disciplina de *nigromancia*.

— *Nigromancia*? — um rapaz de pele muito clara questionou, com um sotaque que forçava os erres. — Pela sua cara achei que seriam artes culturais. — Algumas risadas espaçadas surgiram, e claramente não eram dos erres. Mas também havia pessoas que não achavam graça: um homem alto de pele castanha e cabelos compridos. Uma moça esguia, com cabelos crespos e pele negra como a noite. Uma garota pequena, cuja pele parecia a ceras das velas que derretiam sob o candelabro. E o próprio rapaz que se lembrava do apelido de Jaciara.

— Pra você ver, né — respondera com um sorriso cínico, mas não foi suficiente para o rapaz.

— Sou professor das artes nórdicas. Ricardo Muller. Sou brasileiro, mas vivi três anos na Alemanha. Me versei nas artes nórdicas graças ao meu pai.

Jaci apenas concordava com a cabeça, perguntando-se quando que tinha dado abertura para o cara falar da vida dele.

— Interessante. O diretor Baltazar já está disponível?

— Sim, estou — a voz elegante dele anunciou. Era um homem alto, e tudo nele se mostrava imponente de alguma forma. Com ele sempre estava sua secretária com saltos, unhas feitas, cabelo em tranças elaboradas e a eficiência de um militar muito bem treinado. Jaciara deixou escapar um sorriso de alívio e logo se pronunciou.

— Podemos discutir os detalhes?

— Venha — a voz gentil da moça apontou o caminho, e Jaci acompanhou os cliques de saltos da secretária com seus cloques das botas. O diretor, porém, andava de uma forma tão silenciosa que se perguntou se aquele realmente era ele ou alguma coisa mágica que não batia os pés no piso.

Conforme andavam, alguns quadros de antigos diretores mostravam-se pelos corredores. A maioria com o rosto severo e robes de diversas

cores. Aparentemente, o ar de sabedoria e dominância era pré-requisito, e isso também não faltava no atual.

Mal podia acreditar que tinha recebido o convite, tanto por ter desistido da escola sem se formar, como por ser a maior escola de magia da América Latina. Ainda se lembrava de contar ao convento que teria que voltar, e do gelo no estômago ao descobrir que não seria recebida de volta. Nunca tinha realmente refletido sobre o estorvo de ter uma mestiça dentro de uma igreja. Por sorte, suas amizades fantasmagóricas nunca a abandonaram.

Entrou na sala do diretor, e tudo parecia igual. Na última vez em que esteve ali, ela tinha quinze anos e anunciava que estava indo embora. Na época, disseram apenas para pegar suas coisas e marcar o horário no espelho. Nenhum suporte, compreensão ou questionamento. O diretor acreditava em algo tipo *chamado*s *do destino*, coisas que precisávamos fazer e que ninguém poderia impedir. Mas não havia destino nenhum. Na verdade, era uma questão de não destino e a certeza de que estava apenas perdendo tempo e se sentindo angustiada.

— Sente-se — a secretária anunciou, tirando-a de seus pensamentos.

— Bom, senhorita Jaciara Lima. Agradeço por ter considerado o convite — o diretor falou. — Gostaria de lhe ouvir sobre o material que recebeu.

— Sim, recebi a lista de alunos matriculados na disciplina. — Jaciara se sentou e puxou uma pasta da bolsa. – Sei que não são muitos, por ser uma disciplina eletiva. Não era meu grande objetivo ensinar isso tão… *formalmente*. Sabe como é, normalmente as crianças bruxas querem se transformar em bichos e levitar coisas.

— Sim, sabemos — o diretor respondeu, e ela se sentiu um pouco estúpida.

— Bom, é algo natural pra mim, desde o convento. Conversei com muitas freiras sem saber que eram fantasmas. Depois, fui pra mata e conversei com uma comadre fulozinha e só mais tarde descobri que ela tinha sido queimada viva! Em algumas igrejas que visitei, falei com moças prenhas emparedadas que ainda esperavam que alguém as buscasse, mas não sei se seus fetos possuíam espírito também. Isso é algo que talvez a gente encontre na *American Magazine of Magic and Research* e…

Os olhos dela se encontraram com os do diretor, lembrando-se do porquê de estar lá.

— Bom! Vou ajudá-los a canalizar a magia para conversar com tais fantasmas, invocá-los através de objetos, ensinar a psicologia fantasmagórica e formas de aplicar isto ao cotidiano. Há classes mais avançadas, mas não acho saudável ensinar aos meninos coisas como ressuscitar pessoas. Nessa idade pode ser perigoso, e já vi casos de adolescentes em escolas inglesas ressuscitando familiares, e, em casos mais nojentos, até cadáveres para fins sexuais.

— Prefiro nem imaginar. — A voz doce da secretária era de puro desgosto.

— Perdão – Jaciara disse. — É realmente horrível falar sobre isso.

— Mas necessário. — O diretor assentiu. — Queremos introduzir aulas dadas por pessoas do ramo, em especial os de *dons naturais*. Acreditamos que as antigas regras e magias eurocêntricas tenham espantado muito mais alunos do que agregado. Ficamos honrados que tenha aceitado o convite, e sua sala na masmorra já está pronta. Só cuidado com os fantasmas que irá invocar.

— Tudo bem — Jaciara respondeu, com um sorriso sincero. — Juro que só invoco gente boa. Os mal resolvidos, na verdade, são meus *freelas*.

— Pois bem, seja oficialmente bem-vinda, docente Jaciara Lima. — O diretor estendeu a mão, e Jaciara prontamente se levantou para apertar de volta.

— Vou me esforçar pra não decepcionar.

Jaciara acenou, voltando ao longo corredor e deixando o casal com suas tarefas. Fechou a porta atrás de si e caminhou pela passagem cheia de pinturas. Sempre que passava por lá, sentia os olhos dos antigos diretores acompanhá-la, como se dissessem que não pertencia àquele lugar. Mas não importava: ela estava ali, e eles, mortos. Talvez um dia deixasse a maturidade de lado e os invocasse só para chamá-los de otários.

Ao voltar à sala de professores, ocorria uma calorosa discussão entre a moça delicada de cabelos dourados e um rapaz baixinho que se vestia inteiramente de preto. Na mesa havia um verdadeiro banquete. O pessoal da cozinha deveria trabalhar mais do que Jaciara pensara a princípio. Ela

só se lembrou de sentir fome quando viu um enorme pudim de leite condensado e ameixas.

— Achei que esse tipo de serviço fosse muito caro — comentou com o colega de antes, admirada com as tapiocas de queijo coalho e queijo do reino.

— E é. Mas aqui é o Ignoto, não é mesmo?

Era sim. E Jaciara não sabia no que avançava primeiro. Adorava tapioca de queijo e orégano, e também cará passado na manteiga. Macaxeira com charque e galinha cabidela, uma cestinha cheia de pães de queijo, coalhada, leite que parecia ser direto da vaca… e o cheiro da canela das cartolas e do mungunzá lhe conquistara por completo. Serviu-se do cará com charque e das tapiocas. Achou uma jarra enorme de suco de acerola e imediatamente se serviu.

— Não me lembro das comidas serem gostosas assim na nossa época — desabafou de boca cheia, voltando-se para o rapaz de rosto redondo. — Desculpa, faz tanto tempo, acho que não lembro teu nome.

— Henrique Portela.

Jaci tentou puxar da memória, mas nada vinha. Sabia apenas que ele era como ela, ou ao menos tinha essa impressão. Ele percebeu o estranhamento e tentou facilitar com um tom amargo:

— O chupa-cabras.

— Ah! — Jaciara se lembrou num estalo do menininho rechonchudo que sofria com licantropia. — Nossa, sinto muito.

— Tudo bem. — Henrique se serviu de cuscuz e ovos. — Faz muito tempo. Hoje sou um mago médico, ensino anatomia mágica na eletiva.

— Essa escola foi um inferno, não é? Nem acredito que voltei pra esse buraco. — Jaciara pôs na boca um pedaço enorme do cará. — Pelo *menosh* a comida *eshtá goshtosha*.

— Você não é uma caipora? — Ouviu uma voz indignada ao fundo. Levantou os olhos castanhos e cansados por baixo dos óculos e aguardou instantes para responder enquanto ainda mastigava e engolia.

— Não.

— Mas você disse que era. — A moça loura colocou a mão na cintura.

— *Meio* caipora.

— Então você não deveria estar comendo animais — anunciou, profundamente irritada. — Nós somos bruxos! Não podemos sustentar o

sofrimento animal. Já pensou se fosse seus parentes?

Jaciara olhou para Henrique, que retribuiu o olhar. Ela sabia que licantropos precisavam ser contidos em noites de superluas por representar perigo aos humanos, e aparentemente ele também tinha ouvido falar das caiporas canibais.

— Verdade. — Não teve coragem para argumentar. A garota, apesar de tudo, parecia muito passional sobre o assunto. Talvez fosse melhor que houvesse mais magos como ela. — Eu só não consigo ainda.

— Sei fazer algumas receitas mágicas veganas, vocês vão se apaixonar — disse com empolgação. Jaciara se lembrava de ter provado coxinha de carne de jaca e ter achado uma delícia e não iria reclamar de alguém lhe oferecendo comida.

— Eu aceito sim — disse, com um sorriso firme. Henrique pegou no ar o que se passava e concordou. A moça sorriu de orelha a orelha e se voltou para o rapaz baixinho. — Viu só? Não é tão difícil.

— Você sabe que caiporas devoram pessoas, né? — ele respondeu com uma voz tediosa. A garota arregalou os olhos e virou-se para Jaciara, que ainda comia a charque com cará.

— Mas… ela é *meio* caipora.

Jaciara assentiu, vendo a garota suspirar de alívio.

— Só não empurra esses estereótipos nas pessoas, Graci. É feio.

— Você que empurrou dizendo que ela era canibal!

— Eu não disse nada – ele brincou.

Jaciara já estava acostumada com esse tipo de constrangimento. Já teve todo tipo de gente assumindo coisas sobre ela: que era uma protetora das matas, que conseguia virar os pés — e teve que explicar que não era um curupira —, que gostava de fumar cachimbo, já teve gente até para se oferecer a conhecer sua *tribo*.

Jaciara só respirava fundo e ignorava. Talvez fosse pior para a moça — Graci, segundo Henrique — se soubesse que ela poderia invocar os espíritos dos bichinhos. Mas que eles não ligavam muito, mesmo quando invocados, pois a maioria não tinha consciência sobre a vida ou a morte e provavelmente achavam que ainda estavam vivos — ou em uma segunda vida estranha. E talvez realmente fosse uma segunda vida que ainda não entendiam como funcionava. Talvez eles soubessem mais que gente.

Quando terminou o prato, pegou uma cabacinha e se serviu de mungunzá, catou uma colherzinha e se levantou.

— Vamos dar uma volta? — perguntou ao rapaz, que concordou e pegou uma cabacinha de pudim.

Ainda chovia forte lá fora, então procuraram entre as muitas portas do salão dos professores uma que desse para uma ampla vista da chuva escorrendo pelas janelas de vidro.

— Nunca pensei que daria aula aqui.

— Já estou aqui há um ano e também não acredito que vim — Henrique respondeu. – Sou veterinário, na verdade.

— Ah é? Se bem que faz mais sentido.

— Esse é o ponto. Quero repassar esses conhecimentos pra que outros como a gente não tenham que passar por aquelas merdas.

— Ah, sim — comentou, refletindo sobre os velhos tempos. — Eu odiava minha pele. Mas aí fiz uma visita a um engenho e encontrei uma menina de onze anos que odiava a pele dela também.

— Caipora como você?

— Não, uma menina de pele retinta. Uma criança muito linda, de cabelo crespo feito algodão doce. Mas não eram os tempos de hoje, e ela morreu pela crueldade de seus colonizadores. Só queria se certificar que sua avó estava bem. — Deu uma colherada no mungunzá, deliciando-se com o milho adocicado. — Óbvio que a avó não estava mais aqui, mas consegui pelo museu do estado algumas notícias do engenho e o lugar que ela tinha sido enterrada. Ou pelo menos a área aproximada.

— E elas se reencontraram? — Henrique deu sua colherada no pudim.

— Não sei. Ela parou de aparecer. Nem sempre eu acompanho os desfechos, e gosto apenas de pensar que sim. Mas me fez refletir sobre odiar minha pele por causa da crueldade dos outros.

— É difícil saber quando estão sendo cruéis ou burros — ele comentou, calejado, e Jaciara riu.

— Sim, essa é a parte mais difícil. Isso quando não são os dois.

— Eu fui expulso do Ignoto.

— E tu me diz assim como se não fosse nada?

Henrique riu.

— Sério. Me chamavam de chupa-cabras, né? Não sei se você lembra daquela menina de cabelo curto, recifense, de uma família tradicional de

cirandeiros magos ou algo assim.

— Sim, lembro dela.

— Bom, era uma superlua, e na época eu mal me aguentava com qualquer lua. E eu era muito pirralho. — Deu outra colherada no pudim. — Minha cabeça não era tão desenvolvida também, e quando a gente se transforma, o nosso córtex pré-frontal fica meio apertado na cabeça de lobo, então não pensamos normalmente. Claro que tem canídeos e canídeos. No meu caso, eu me transformo num cachorro do mato. Na noite de lua, essa área do cérebro fica inchada e inflamada, e sentimos uma dor de cabeça absurda.

— Puta que pariu. — Jaciara uma colherada no mungunzá. — Não sabia que a transformação era tão agressiva…

— Pois é. Normalmente ninguém quer saber, então não se sabe.

— Faz sentido.

— É por isso que ensino anatomia, em especial para a transfiguração. Ajuda também a alguns alunos não quebrarem os braços e as pernas quando se transformam.

— Eu nunca fui pra essa área com medo disso — Jaciara confessou. — Tinha certeza que se virasse um bicho, nunca mais ia conseguir voltar a ser gente.

— Ser bicho não é essas coisas todas também. Muito fácil de pegar carrapato e pulga, e é péssimo de tirar no banho.

— Mas você conseguiu alguma forma de controlar as dores, pelo menos?

— Sim! — disse com empolgação, raspando a cumbuca com a colher. — Consegui desenvolver com alquimistas um remédio pra diminuir a inflamação, dando um controle melhor dessas noites sem ficar com dois dias seguidos de enxaqueca.

— Ainda tem isso? E eu achava que menstruar era ruim.

— Bom, conheci duas licantropas alquimistas num congresso mágico, e elas definitivamente aguentavam muito mais que eu em noites de lua cheia. E menstruavam. Foram peças-chave nessa minha pesquisa. Mas… não lembro do que eu estava falando. Eu tinha um ponto com isso.

— Cê falou da bruxinha recifense. — Jaciara raspou a cumbuca. — Era aquela que falava de um espírito de uma perna cabeluda que chutava os outros?

— Isso, essa mesmo! Eu nem lembrava disso.

— Sempre achei essa lenda extremamente escrota, até um dia encontrar essa porra dessa perna.

Henrique fez uma cara confusa.

— Isso existe mesmo?

Jaciara riu, desdenhosa.

— Existe e é horrível. Quebra tudo, destrói tudo e ninguém vê. Duas vezes fui em Recife exorcizar essa porcaria. Fico puta quando me chamam pra esse trabalho porque toda vez querem me empurrar os danos da casa pra pagar. Mas que tem ela?

Henrique demorou alguns segundos para responder.

— Bom, um dia eu me transformei. Aqui no Ignoto tem uma área no porão alto só pra isso, sabe. Não lembro de nada, só sei que ela apareceu lá toda rasgada com as tripas pra fora, e eu fui expulso por homicídio acidental.

Jaciara assentiu, reflexiva.

— Eu… amei a casualidade com que você falou isso?

O rapaz de olhos redondos riu, constrangido.

— É foda, né? Mas… eu nem lembro, sei lá, acho que eu lembraria de ter rasgado no meio uma menina de catorze anos. — Henrique parou, olhando a chuva torrencial. — Sei lá. Me senti um bosta por anos. Tipo, racionalmente eu entendo que não foi minha culpa… Nem sei como ela entrou lá…. Mas não tenho a menor lembrança. Tô aqui há dois anos dando aula e não pisei no porão.

— Bora lá perguntar pra ela o que aconteceu, então.

O rapaz piscou os olhos, um tanto incrédulo.

— Meu trabalho, ué. Vamo lá invocar ela pra saber o que aconteceu.

— Sério?

— Sério.

Silêncio.

— E aí, vamo ou bora? — Jaciara insistiu.

— Sei lá, e se… E se ela gritar comigo?

— Capaz da gente nem conseguir invocar, caso ela já tenha ido embora. Mas te incomoda, né? Tu não estaria falando disso com a nigromante que chegou. Arrudiasse bastante pra chegar no assunto, mas não me incomoda não, meu trabalho é esse mesmo.

Henrique riu. *Pego no pulo*.

— Tá, mas… eu não esperava fazer isso, tipo, agora. *Agora*, agora. Quanto cê cobra pelo serviço?

— Ah, acabei de chegar. — Jaciara se levantou. — Considera aí um serviço entre colegas de profissão. Quando eu precisar de você, eu cobro.

Henrique assentiu.

— Fechado.

O rapaz se levantou, e somente nesse momento Jaciara percebeu o quanto ele era alto. No auge dos seus um e sessenta com saltinho, ele tinha pelo menos um e noventa. Caminharam até a cozinha, onde deixaram as cumbucas. Os professores ainda conversavam, e uns se aventuravam em cachaças de lava mesmo que no outro dia tivessem aulas.

— Tu lembras do número da ala lá do porão?

— Treze.

— Sério?

— É, por quê?

— É a sala que vou dar aula. Bom que já vejo a danada.

Caminharam, então, até um alçapão que levava ao porão. Henrique fez um gesto suave com as mãos, e a porta pesada se destrancou e levantou.

O acesso revelava escadarias escuras. Conforme desciam, Jaciara, que era versada em algumas magias elementais, acendia as tochas com um estalar de dedos, até chegaram à porta de número 13. Por trás dela, via-se um birô amadeirado, algumas bancadas e bancos de madeira e um quadro branco.

— Bom, chegamos — Jaciara disse, tirando o casaco e amarrando-o na cintura. — Calor da porra.

Henrique concordou.

Jaciara foi até o centro da sala e colocou as mãos para frente, como se pudesse sentir o ambiente pelos dedos. Deslizou de um lado pelo outro, respirando fundo. Depois de alguns minutos no movimento, parou. Abriu os olhos, e eles já não tinham cor: estavam brancos, pálidos como a lua cheia. Sem perceber, Henrique deu um passo para trás. Jaciara murmurava uma língua incompreensível, e símbolos mágicos percorriam ao redor, brilhantes e vermelhos.

Uma poeira mística se materializou e tomou forma. Jaciara sentia o estômago mais e mais gelado e os pelos da nuca se arrepiarem. Era uma sensação com a qual nunca conseguia se acostumar. Olhou para Henrique, que estava boquiaberto e com um medo profundo estampado no rosto, mas os pés firmes como uma rocha.

Lá estava ela.

Da cor de fogo fátuo, a menininha que tinha sido a razão da expulsão de Henrique.

— Ah, esqueci de mencionar, eles conversam.

Antes que Henrique pudesse questioná-la, a garota em questão desatou a chorar.

As lágrimas azuis se desfaziam no ar antes de chegar ao chão, e o choro era contido, de uma garota adolescente de coração partido.

Jaciara estava um tanto constrangida, e Henrique parecia não fazer ideia do que fazer.

— Natália? — a voz de Henrique ressoou gentil.

A fantasminha parou. Olhou para o homem.

—Eu morri — disse com uma voz doce e um profundo pesar.

— Eu… queria… saber o que houve. — Henrique sussurrou, como se não mais vendo um fantasma assustador, apenas uma menininha muito triste.

— Não foi sua culpa — ela falou, as lágrimas voltando a escorrer. — Eu… eu queria me declarar. Eu achava que se eu me declarasse… Você iria me olhar com amor. E não iria sentir tanta dor naquela noite. Não iria se transformar, nem fazer o que fez.

Jaci podia enxergar o pesar no coração do rapaz através de seus olhos cheios d’água. Resolveu, porém, olhar o resto da sala: apesar dos mortos serem sua especialidade, emoções não eram, e o momento já parecia suficientemente constrangedor.

— Me desculpe. Eu deveria ter respeitado, todos disseram pra eu não fazer isso. — Ela continuava a chorar. — Eu fui burra. Foi minha culpa. Foi minha culpa. E o que mais me dói é ver que agora você é… adulto. E eu… nunca mais… pude te ver…

Ela continuava a chorar, inconsolável. Henrique olhou para Jaciara em busca de alguma ajuda emocional, mas ela já estava ocupada olhando o birô de sua nova sala.

— Eu… eu sinto muito, Natália. Eu sinto muito mesmo. Me perdoe.

— Não foi você, foi a besta. — Ela continuava a chorar, intensamente. Henrique engoliu em seco.

— Não existe besta, Natália. Só eu e… meu eu animalesco. Você não sabia! Não sabia como essas coisas funcionavam… Não… Não é sua culpa.

As lágrimas pararam de descer, mas ela ainda mantinha os olhos embotados de dor.

— Eu tenho certeza de que seríamos amigos se isso não tivesse acontecido. Eu… Não tenho do que lhe culpar. Você só queria meu bem.

Ela finalmente teve força para encarar o rapaz alto de olhos cor de lua.

— Me desculpe.

A imagem da garota se desfaleceu em segundos, tornando-se poeira, misturando-se com o local e, de repente, não existindo mais. Henrique ainda a procurou com os olhos em cada canto, mas o porão já tinha tomado um ar muito menos fantasmagórico. Era apenas um monte de pedras, um birô, bancadas e bancos.

— Mas já? — Henrique perguntou, olhando de um lado para o outro.

— Já — Jaciara respondeu do fundo da sala. — Não é sobre você, é sobre eles. Pra ela, encerrou quando lhe pediu perdão e você a perdoou.

— Mas eu queria… me redimir, sei lá. Porra, eu realmente fiz isso. Sei lá. Não sei nem o que sentir.

— Bom, nunca mais vai acontecer, não é mesmo?

Um clima ruim se instalou. Talvez não tivesse sido a melhor das ideias saber o que tinha acontecido. Restava agora Henrique saber o que fazer com a informação que aprendeu. Jaciara já estava acostumada às histórias amargas dos fantasmas. Se eles estavam presos ao terreno, algum motivo tinha, e dificilmente seria só para dar um oi. Decidiu ir até o portão e abri-lo.

— Bora.

Henrique seguiu sem nada dizer.

Ambos saíram dali, voltando ao grande salão. Lá fora não havia mais chuva. Jaciara seguiu para a porta do lado de fora do instituto. Era noite, e ainda tinha alguns professores e alunos perambulando. O salão dos professores ainda seguia agitado com a celebração do primeiro dia de aula. Jaciara caminhou até o pátio, sentindo o vento forte da noite

chuvosa e o cheiro de chuva. Logo, Henrique se aproximou da originária.

— Que merda. O que eu faço com isso?

— Você já fez, ué.

— Mas agora tô com esse amargor, sei lá.

Jaciara colocou a mão em um bolso do casaco e tirou um maço de cigarros.

— Não é saudável, mas geralmente eu fumo pra tirar o gosto ruim.

Henrique ergueu uma sobrancelha grossa.

— Esqueci que caiporas fumam.

Jaciara o olhou de volta, cansada.

— Pois é, pode ver lá na *Wikipédia*, todas as caiporas fumam *Lucky Strike*.

Henrique olhou para o céu com nuvens espaçadas e grossas.

— Eu quero um.

Ambos acenderam, olhando para o céu e dando uma tragada.

— Não sei se eu queria saber disso. Mas ela precisava.

— Exatamente, e está resolvido — Jaciara insistiu, vendo-o se torturar.

— Acho que sim.

— Você não é uma má pessoa — ela reafirmou, e Henrique a olhou com tristeza. — Ela realmente foi burra. Como uma criança que corre dos pais num zoológico pra brincar com o leão. A culpa é dos pais – no caso, dessa escola que na época era uma merda. — Jaciara deu um trago e, em seguida, expulsou a fumaça pelo nariz. — E com certeza te expulsaram pra não confrontarem as consequências. Pior, sequer exorcizaram minha sala. Puta merda, velho.

— Já pensou se Baltazar não tivesse convidado a gente pra dar aula? Sabe-se lá até quando ela ia ficar ali. Caralho.

Jaciara olhou o rapaz, ainda sem saber como reagir, e pôs a mão em seu ombro.

— Tem cachaça de lava ainda. A gente toma uns golinhos, e tu tem uma nova pauta pra tua aula na parte de licantropia. Amanhã vai ser outro dia.

O rapaz assentiu.

— Obrigado.

— De nada, e vamos que tem muito pirralho pra gente educar.

O rapaz sorriu. Eles entraram no salão, de volta às conversas constrangedoras e às bebidas esquisitas. O clima em breve seria outro. Haveria aula no outro dia. Novas histórias, novos desafetos, novos aperreios. Se tinha uma coisa que Jaciara sabia bem na sua profissão era que enquanto houvesse vida, haveria outro dia.

Para bem ou para mal, sempre outro dia.

Até não haver mais.



Nair Nascimento navega entre o desenho e a escrita, e gosta de insistir no que não tem futuro. Natural de Recife, possui formações em Design de Moda e Arquitetura, mas já foi de Letras. De ancestralidade sequestrada, seu sangue resiste ao genocídio indígena dos Jenipapo-Kanindé, estampado na carranca que já levou para diversas terras, das quais escreve um pouquinho das histórias que viveu e ouviu por aí.

Os princípios da confiança

DANTE LUIZ

Portais são confiáveis até deixarem de ser. No caso do Instituto, deixaram de ser em uma quinta-feira antes do feriado de Tiradentes. Uma aluna recém-transferida escapou da última aula alguns minutos mais cedo e, ao encostar o crachá na catraca, viu-se presa em um *loop* espaço-temporal entre o portão principal e o ginásio. A situação durou menos de cinco minutos, mas foi o suficiente para o sinal tocar, fazendo-a achar que era algum tipo de punição moral da escola por ter matado aula, o que a levou a não avisar ninguém. Depois veio o zelador, jogado indevidamente com a cara contra a porta da cozinha. Ele avisou à gerência, mas, como até então aquilo era uma anomalia, o caso não foi para frente.

A reincidência (ou re-reincidência) aconteceu com a professora de Física Quântica, que foi até a direção imediatamente. Depois disso, os casos começaram a piorar, como se os avisos fossem o anúncio de uma maldição. Uma funcionária foi do espelho do banheiro até o fundo do mar. Um intercambista ficou com metade da perna esquerda presa no chão do estacionamento. A alma da professora de Nigromancia desprendeu do corpo por mais de uma hora no final do expediente.

Sendo assim, Baltazar de Moura sabia que tinha um problema colossal em mãos. A nível profissional, eram vidas em risco. A nível pessoal, tinha uma reputação a manter. Portais eram sua especialidade, e ele sempre tivera orgulho disso.

— Se não bastasse a vergonha que passei com o instituto argentino. — O diretor apontou para a televisão, que noticiava pela quarta vez na

mesma semana o caso da perna perdida do intercambista. — Agora tem até aluno se aproveitando das falhas dos portais para escapar de avaliação. Bem no meio no período de provas!

A secretária deu uma risadinha.

— São adolescentes, Baltazar — disse Carmelita, puxando-o em direção à cadeira. — São programados para se adaptarem. Você fala como se não tivesse sido jovem um dia.

Baltazar abriu a boca para reclamar do insulto velado, mas desistiu quando as mãos de Carmelita tocaram seus ombros. Nove da manhã, hora da massagem matutina.

— Eu mal me lembro de como era na faculdade — grunhiu. Seu ombro direito sempre ficava mais tenso nesse tipo de situação. — Na verdade, nem quero lembrar.

Carmelita parou a massagem por um segundo, como se ponderasse as próximas palavras com cuidado.

— Você não começou o estudo de portais na graduação? — A pergunta fez Baltazar olhar pra cima, e Carmelita tomou isso como consentimento para continuar. — Lembro de ter lido sua tese na minha época de escola. "*Os Princípios do Transporte de Contato Imediato*", certo?

Baltazar sacudiu a cabeça. Na televisão, a figura gravada do diretor fazia o pronunciamento oficial do Instituto em relação aos casos. "*Asseguramos aos pais e cidadãos que estamos colocando todos os esforços do corpo docente para resolver o problema o mais rápido possível*" dizia o diretor na televisão, muito mais calmo e assertivo do que se sentia na vida real.

— Não sei como reler as bobagens que escrevi com vinte anos poderia ajudar a resolver o problema. — Baltazar mudou de canal com um estalar de dedos. — Conceição e eu tentamos mexer manualmente na central essa semana e não deu em nada.

Carmelita finalizou a massagem e, com um feitiço, desamassou os ombros da camisa dele. O diretor a olhou mais uma vez em um pedido silencioso para que ela insistisse um pouco mais.

A secretária sorriu.

— Não custa nada tentar. Se chegou a diretor, talvez o jovem Baltazar tenha uma coisa ou duas para ensinar.

***

O jovem Baltazar era, no entanto, um idiota. Se no presente ele se encontrava debruçado sobre pilhas intermináveis de livros amarelados em busca de respostas, no passado entregava uma tese inacabada para a orientadora à sua frente. Nem a folha de rosto estava completa: faltava título, nome do autor e nota explicativa, contando apenas com o subtítulo, cidade e ano.

— Sinto muito, professora. — Baltazar, que naquele momento ainda não se chamava assim, abaixou a cabeça, envergonhado. Sabia que estava desperdiçando suas chances ao enrolar com a finalização do texto. — Não consegui acabar ainda. Às vezes parece até que esqueço como se digita meu próprio nome.

Joana Rodrigues estalou a língua nos dentes. Além de ser a maior especialista em portais do país, a orientadora era também sua maior inspiração; Baltazar nunca teria pensado em seguir a vida acadêmica se não fossem os livros de Joana, que lera e relera durante a adolescência, nem teria almejado lecionar no Instituto, assim como ela.

A professora abriu um sorriso.

— Bom, o seu nome você já sabe. — Joana empurrou uma cadeira com os pés e fez um gesto para que o aluno se sentasse. Baltazar olhou para o lado. *Sabia mesmo*? — E deveria saber também o tamanho do seu talento na área. Lembra do que conversamos naquele dia?

Isso ele lembrava. Iniciar um curso superior no Ignoto era um rito de passagem importante que invariavelmente levava a muitas comemorações familiares. Os Moura poderiam não ser uma família exemplar, mas ficaram, sim, orgulhosos, tão orgulhosos que Baltazar achou que poderia emendar uma notícia com a outra e finalmente contar aos pais que gostava de mulheres.

A revelação levou a um enorme rombo na vida de Baltazar. O orgulho efervescente da família Moura se esvaiu como um feitiço finito, o que levou o rapaz a não ter mais onde ficar. Modificou os códigos dos portais do Ignoto, encontrou uma sala de aula abandonada e começou a dormir por lá. Foi a professora Joana Rodrigues que o encontrou ali e ela não só ficou muito impressionada com seu feito, como ofereceu café, um ombro amigo e o acompanhamento confiável que nunca tivera em casa.

— Agradeço, professora — Baltazar finalmente respondeu. — Juro que vou me esforçar mais. Só preciso acabar.

Joana sorriu de novo.

— Tenho muito orgulho de você, garota — disse, e Baltazar continuou encarando o papel. — Quero ver isso acabado semana que vem. Estamos combinadas?

***

Como havia imaginado, Baltazar não encontrou nenhuma resposta nas páginas de *Os Princípios do Transporte de Contato Imediato*, nem em nenhum outro artigo que escrevera na época. Tudo que encontrou foram bilhetes de encorajamento e anotações em vermelho de uma orientadora que não queria mais vê-lo ou lembrar que ele jamais havia existido.

Derrotado, saiu de seu escritório e foi em direção à biblioteca. Alunos conversavam nos corredores mesmo depois do sinal ter tocado, terminando lanches, mexendo no celular ou namorando contra os muros da escola. Baltazar fez um movimento com o dedo, e os celulares voltaram para os bolsos dos respectivos donos, que responderam com um *"desculpa, seu diretor"* ou *"tô indo, tô indo"*. Um dos casaizinhos usou um dos armários de aço como portal e escapuliu dali.

Isso não deveria ter acontecido. Baltazar virou-se para uma das alunas. Lembrava dela por ter feito parte de uma série exaustiva de detenções no começo do ano, então esperou que fosse prestativa depois de tanto castigo:

— Não lembro de ter nenhum portal acionado neste corredor.

A garota apertou os lábios.

— Tem umas meninas usando a falha dos portais pra contrabandear coordenadas. Quem compra quer matar aula, ficar com alguém, essas coisas. Juro que dessa vez não tenho nada a ver com o assunto.

Baltazar soltou um suspiro impaciente, vendo a estudante escapar dali. Evidentemente, o problema estava se espalhando, então apertou o passo e entrou na biblioteca. Pediu licença para Fabiana, a bibliotecária, e parou diante da estante mais alta da seção de física, traçando com os dedos nas lombadas dos livros até encontrar um nome familiar: O, P, Q, R… Ramiro, Rocha, *Rodrigues*.

História e código de ética do uso de portais. Não, esse era muito antigo. *Portais Portáteis: uso prático no dia a dia*, útil apenas para iniciantes. *O novo método: mudanças no transporte com portais desde o advento da Nova República”*, esse era recente, poderia ter uma resposta.

Folheou os primeiros capítulos, mas logo se viu abrindo a orelha. Joana estava lá, já de cabelos brancos, mas com o mesmo sorriso afável que Baltazar recebeu na manhã em que ela o encontrou dormindo na sala de aula abandonada.

“*Contei para meus pais que gosto de mulher”* havia dito então enqnto assoprava o vapor do café com leite que tinha em mãos. Não era mentira, mas também não era a verdade completa. “*Não chegaram a me expulsar, mas não quero voltar pra lá.”*

Naquela manhã, Joana apenas escutou. Disse para Baltazar juntar suas coisas e arranjou com a então diretora do Ignoto que ele pudesse passar o resto daquela semana no Instituto, até conseguirem um dormitório onde pudesse ficar. Não revelou detalhes que não estivesse preparado para contar e foi especialmente gentil nas aulas subsequentes. Para Baltazar, era como se um de seus sonhos mais loucos tivesse sido realizado. Quantas noites não passara lendo e relendo os livros da grande Joana Rodrigues, testando sua teoria de portais e inventando as próprias, imaginando como seria conhecê-la?

Tudo o que queria era ser como ela e agora tinha também seu afeto, companhia e conselhos. Por isso, escolher Joana como orientadora foi a decisão mais orgânica que poderia ter feito.

“*Agradeço especialmente a meus alunos, que inspiram minha jornada acadêmica até hoje”*, diziam as páginas de agradecimento do livro de Joana que Baltazar tinha em mãos. Vários alunos foram citados: Anita, Basília, Carolina, mas nenhum Baltazar. A omissão era proposital, ele sabia. Joana era famosa por escolher a dedo dentre inúmeros convites de orientação e teve poucos orientandos em sua longa carreira. O “esquecimento” doía tanto quanto o que ele ouviu na última vez que se falaram. Tanto quanto a decepção tripla: como autora que admirava, como a professora que o acolhera, como a orientadora que acreditara em seu trabalho.

Baltazar fechou o livro. Antes que sentisse mais pena de si mesmo, um portal se abriu e fechou na prateleira do lado, e com ele se foi mais um casalzinho de estudantes.

— *Tsc*. Eles estão fazendo isso o dia inteiro. — Fabiana sacudiu a cabeça, pegando o livro de volta antes que Baltazar pudesse colocá-lo na prateleira errada. — O senhor precisa dar um jeito nisso logo.

***

Se, no presente, duas garotas juntavam trocados distribuindo coordenadas dos melhores ângulos do 2º ano B para passar cola em portais de tamanho de um punho, no passado, o jovem Baltazar contemplava o próprio nome.

A tese estava completa. Introdução, metodologia, discussão e conclusão. Só uma parte do cabeçalho permanecia em branco.

Baltazar *sabia* o próprio nome, é claro, ou ao menos o nome que havia usado até então. Era o mesmo nome de sua bisavó materna, escolhido por dona Moura sem muita pompa após um parto sem complicações. Era prático, comum, não rimava com nada estranho, tinha vários apelidos possíveis, alguns dos quais se acostumara a usar sem muitos problemas. Mas não era Baltazar, nem em letras, nem em pertencimento. Era quase como se Baltazar não tivesse nome.

"*Não sou uma mulher"* foram as palavras exatas que usou com os pais, quatro anos antes. Não racionalizou demais, só disse o que pareceu correto, uma emenda que achou que consertaria as coisas, depois de revelar que não tinha interesse em homens. Eles tinham insistido tanto pelo pacote de universidade, casamento e filhos que acabou falando tudo de uma só vez. "*Não é natural*," disse a mãe, que nunca tinha se importado que magia também não fosse. "*Eu te conheço melhor que você mesma, você saiu de mim.*" Notou, então, que era isso que precisava: um nome mágico, tão pouco natural quanto o viram naquele momento.

Entre Próspero de Shakespeare e Merlim das lendas arturianas, *Baltazar* acabou caindo como uma luva.

***

— Vinte reais pelas coordenadas do portal que leva à sacada abandonada do setor sul. É pegar ou largar.

— *Vinte?* Menina, tu não tava cobrando cinco pila pelo portal do 2B?

— A sacada tá interditada faz anos. Quero quinze, ao menos, caso aconteça alguma coisa. Se tu e tua mina caírem e morrerem, a gente precisa ao menos ter um extra pra comprar uns amuletos que afastem assombração.

Baltazar não teria escutado a conversa se não tivesse saído da biblioteca com passos leves, tão leves que as duas garotas só notaram sua presença no momento o diretor pigarreou atrás delas.

— Interessante. As duas senhoritas estavam cobrando *cinco* reais pelos portais para cola? Que decepção que nossas avaliações valham tão pouco.

As garotas aparentavam estar no oitavo ano e começaram a falar simultaneamente. Baltazar ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Vou escutar todas as explicações na diretoria, sim?

***

Os Princípios do Transporte de Contato Imediato, por Baltazar de Moura. Lá estava a tese, pronta, impressa e devidamente encadernada. A professora Joana acompanhou o processo inteiro com indicações de leituras, edições e notas de encorajamento, mas Baltazar deixou o material completo, folha de rosto inclusa, só para o momento da entrega.

Houve outro processo, também, um que Baltazar guardou consigo mesmo. Nunca fora particularmente bom com feitiços de transmutação, mas, desde a decisão do novo nome, começou a testar um encantamento aqui e ali. Era alto desde criança, mas alargou um pouco os ombros, engrossou um pouco a voz. Devagar, primeiro para testar as águas, depois entrando um pouco mais fundo. Joana não notou a voz, nem os ombros, o que Baltazar estranhou, mas achou que poderia adicionar ao elemento surpresa. Era quase como entrar num portal e sair por outro, não? Entraria sem nome, sem tese, sem diploma, e sairia como Baltazar, acadêmico formado, pronto para defender a monografia.

A possibilidade de Joana não aceitar a mudança sequer passou por sua cabeça.

— *Baltazar?* Isso é algum tipo de pegadinha? Não entendi.

Baltazar sorriu.

— Vem da língua acádia, *Bel-shar-uzur*. Como um dos três reis magos. Já falei com o departamento legal do Instituto e eles vão logo mudar a papelada.

O sorriso murchou ao ver a expressão de Joana.

— É por isso que sua voz mudou. — ela franziu o cenho e pegou na mão de Baltazar como se estivesse falando com uma criança. — Querida, por favor. Esse tipo de transmutação é mutilação. Eu sei que seus pais não aceitam quem você é, quem você *realmente* é, mas não precisa ir tão longe. Não precisa provar nada para eles, para ninguém. É normal ficar confusa, sendo tão jovem e já tendo passado por tanta coisa, mas você vai se arrepender, acredite em mim. Eu também já quis muitas vezes ter nascido homem e se eu soubesse desses feitiços quando era mais nova, poderia ter feito algo sem volta.

Olhando para trás, Baltazar sabia que poderia ter argumentado. Poderia ter dito "*isso começou antes dos meus pais, eu só nunca te contei*" ou até "*esperava isso de qualquer um, mas não de você*", mas engoliu as palavras. Só pediu a dignidade mínima de ser chamado pelo próprio nome até o fim da banca, pedido que Joana aceitou. Fria e secamente, mas aceitou.

Não falaram muito mais depois do fato. Uma palavra aqui e ali durante a avaliação, um "*parabéns*" depois do dez com louvores que recebeu, e um "*eu confiava em você*" que ficou preso na garganta. O que se seguiu foi um apagamento silencioso de sua pessoa, como se nunca tivesse estudado com Joana. A professora não o cumprimentava nos corredores, não olhava para sua cara, não mencionava seu nome ao falar de seus estudantes mais brilhantes.

Desse portal, saiu inteiro, mas a memória ainda o acometeria por muito tempo.

***

O diretor Baltazar encarava fixamente o telefone em cima da escrivaninha.

"*Talvez o melhor seja consultar Joana*", pensou, coçando o queixo. "*Portais são a especialidade dela também*". Uma ligação rápida para discutir a questão como adultos. Ser diretor do Ignoto era motivo de orgulho, mas também uma posição que requeria que desse conselhos um

atrás do outro, raramente recebendo algum. Baltazar sentiu como se tivesse vinte anos novamente, com a tese em mãos, esperando por uma aceitação que nunca chegaria.

— Tem duas meninas na sala de espera da diretoria. — Carmelita entreabriu a porta. Baltazar fez um gesto para que entrasse na sala, e a secretária se sentou na ponta da mesa. — Disseram que estão esperando há mais de uma hora. O que o senhor está pensando?

Baltazar grunhiu e afundou o rosto nas mãos.

— Estou pensando em ligar para a Joana.

— Para a Doutora Joana? Por quê?

— Porque não sei como resolver o problema dos portais sozinho.

Admitir a derrota era doloroso. Era quase tão doloroso quanto sair de sua defesa de tese ouvindo a pausa que a professora fazia toda vez que ia pronunciar o novo nome, como se quisesse deixar evidente sua opinião a todo momento.

— Não sabe *por enquanto* — disse Carmelita, resoluta. — Tenho certeza que a resposta vai vir a qualquer momento.

— Não consigo. Não sem ela.

Carmelita tirou a mão de Baltazar do telefone com gentileza.

— Quando disse para olhar para o passado… — Levou a mão para o rosto do diretor, um afago breve, que eles deveriam reservar só para depois do experiente, mas nem sempre conseguiam. — Quis dizer para olhar para o Baltazar daquele então, não para a Doutora Joana.

O diretor sacudiu a cabeça.

— Olhar para Baltazar do passado *é* olhar para a Doutora Joana. Ela ensinou tudo que sei. Se cheguei onde estou, foi porque estava sob a tutela dela.

“*Não* tudo *que você sabe”*, respondeu uma voz que não era de Carmelita, nem de Joana, mas do Baltazar de vinte anos, do Baltazar sem-nome. Como se estivessem alinhados mentalmente, Carmelita continuou por ele:

— A Doutora Joana foi só sua orientadora. Quem escreveu a tese foi você. Tudo que você conseguiu depois — A secretária gesticulou em direção à sala da diretoria, a janela aberta mostrando o mar ao redor da ilha e todos os livros que ele tinha escrito nas inúmeras prateleiras do escritório. — foi mérito seu. Se tem alguém que pode resolver esse problema, esse alguém é você.

“*Foi mérito seu”*. Baltazar escutou as palavras ecoando em sua cabeça, mas não era completamente verdade. Não teria escrito a tese sem a orientação da Doutora Joana. Não saberia tanto quanto sabia a respeito de portais sem ela, ou ao menos teria se interessado em Física se não tivesse devorado livro após livro quando adolescente. Mas Carmelita estava certa numa coisa: ele se virou muito bem sem a antiga orientadora. Tinha doído, sim, mas não impediu que se formasse, continuasse seus estudos, virasse diretor. Não havia motivo para não conseguir fazer isso mais uma vez.

Baltazar se levantou, beijou a testa de Carmelita e foi em direção à sala de espera, fechando a porta atrás de si.

— Me digam se entendi direito. Vocês mapearam as coordenadas para onde os portais estão levando?

As duas se entreolharam, e Baltazar foi atingido pelo peso gratificante e assustador da enorme responsabilidade que tinha em mãos, não só com elas, mas com todos os alunos. Ele sorriu, e as duas assentiram em silêncio.

— Excelente. Vamos ao meu escritório, sim? Acho que vocês podem me ajudar a desfazer essa confusão toda com os portais.



Dante Luiz é um ilustrador e cartunista ilheu que gosta de escrever e editar de vez em quando. Ilustrou a graphic novel CREMA (Comixology), e foi publicado na revista bilíngue “Constelación”, na” Mafagafo Revista” e na antologia “Undercities”. Faz parte das equipes da “Revista Ignoto”, da “Mafagafo” e da “Strange Horizons”. Com a última, foi indicado ao prêmio Hugo e ganhou o prêmio Ignyte.

Agradecimentos

A antologia “As Artes Mágicas do Ignoto” foi um sonho construído por muitas mãos. Foi construído por mim e pelo Dante Luiz, organizadores; pela Corvus Editora e pela Dame Blanche, editoras que abraçaram a ideia; pelas agências *Magh* e *Três Pontos*, que auxiliaram a equipe editorial, e pelos autores que toparam escrever suas ideias nesse universo do Instituto Ignoto de Artes Mágicas. Mas, principalmente, esse sonho foi construído por todas as pessoas que se encantaram com o Instituto, que apoiaram e divulgaram a campanha: sem vocês, nada disso seria possível. Sem vocês, o Instituto Ignoto de Artes Mágicas não teria se tornado real.

Por isso, só tenho a agradecer a todes que participaram deste projeto. Foi um prazer imenso organizar essa antologia e construir esse universo, e espero que isso seja apenas o começo de uma longa história.

G.G. Diniz

Nossos eternos agradecimentos a:

A. B. Haagsma
Ádria Mori
Adriana Ferreira Marques
Adriana Marinho
Adriana Vicente Cardozo da Silva
Adriano “Kasu” Oliveira
Adrielli de Almeida
Agnes Celeste
Alan de Sá
Alana Duarte Queiroz
Alana Natalino
Alessandra Campos
Alex Fernandes do Nascimento
Alexander Meireles da Silva
Alexandre Moitinho
Alexia Rodriguez
Alfrêdo Neto
Alice Cunha Farias Oliveira
Aline Gomes de Albuquerque
Aline Schneider
Allana Dilene
Alline Rodrigues de Souza
Amanda Ariani
Amanda Avelar Pereira
Amanda Nobre
Amanda Oliveira
Amanda Ramos

Amanda V. Correia
Ana Beatriz Barreto
Ana Beatriz Braga Pereira
Ana Beatriz Torres Omuro
Ana Beatriz Vilar
Ana Carolina Candido Borges
Ana Carolina Marques
Ana Carolina Marquês
Ana Di Nur Wakabayashi
Ana Karoline Gonçalves Costa
Ana Luiza Silva
Ana Paula
Ana Zanfolin
Analu Bussular
Analu Pfleger
André Caniato
André S. Figueiredo Freitas
Angelina Taynah da Rocha Marcelino
Anita Saltiel
Anna Laitano
Anna Paula Martins
Antônio Victor Cavalcanti
Anya Tristão
Ariel Juhny
Aryane Rabelo de Amorim
Ayrie Costa
Ayrton De Souza
Babi Dewet
Bárbara Campos Diniz
Bárbara de Lima
Bárbara de Lima Morais
Beatriz D'Oliveira
Beatriz Santos
Beatriz Zanini Pimentel
Bianca Gabriel Lucas
Blue Mendes de Souza Mello
Brenda Cardoso de Castro

Bruna Cezario Soares
Bruna de Faria
Bruna Kubik
Bruna Sanguinetti
Bruno Azevedo Andriotti
Bruno Coimbra
Bruno F Oliveira
Bruno Leandro
Bruno Müller
Bryan Khelven
Caciquinho
Caleb Henrique
Calisto M. F.
Camila Bartelli de Souza
Camila de Souza Gonçalves
Camila Soares Lippi
Camila Villalba
Camile Santo de Souza
Carlos Eduardo Cordeiro Fini
Carolina Cassiano
Carolina Mancini
Carolina Veloso
Carolina Yeh
Caroline Bigaiski Spring
Caroline Melo
Caroline Vitti
Cassia Pergentino
Catarina Carvajal
Catarina João
Catarina S. Wilhelms
Catharina Fernandes
Cesar K.
Cesar Lopes Aguiar
Cibele Kirsch
Cínthia Fragoso
Cintia Porciúncula Ferreira
Cláudia Fusco

Clotilde Coppini Pereira
Coral Daia
Cris Guerra
Cristiano Vaniel
Daiana Takara
Dani Fernandes
Daniel Werner Lenzi Jahnke
Daniela Braga
Daniela Nascimento da Silva
Daniele Cavalcante
Danilo Panda Prado
David Acevedo
Débora Cristina
Débora Mille
Débora Reis
Débora Reis Ferreira
Deivid Olivato
Delson Neto
Denys Schmitt
Dhyana Oliveira
Diana Kalaf
Diana Passy
Diego Matioli
Diego Toledo
Diogo Gomes
Dudu Erthal
Eder Barbante Junior
Editora Bindi
Edson Diego Silva Barbosa
Eduarda Carvalho de Castro Alves
Eduardo Alves de Almeida
Eduardo Furbino
Eduardo Maciel Ribeiro
Eduardo Peret
Eduardo Vinicius
Elisa Perondi Raizler
Eliza Noronha

Eliza Santana
Emeli Branda Ulrich
Emerson Barbosa Matos
Emily de Moura
Enila Santos
Erian Vendruscolo Vieira
Eric Novello
Érica Michaela Ladosky Maldonado
Erika Lafera
Érika Santana
Érika SdS
Evans Cavill Hutcherson
Evellyn Wasser
Evelyn Gomes
Evelyn Matos
Fabrícia Diniz
Felipe Aragão
Felipe Rodrigues Medeiros
Fernanda A. Godoy
Fernanda Araújo
Fernanda Costa
Fernanda Gonçalves Franco
Fernanda Koch de Freitas
Fernanda Miranda
Fernanda Nia
Filipe Lopes Pereira
Filipe Oliveira Falcone
Francisco Alberto de Aquino Calles
Gabi Ferreira
Gabriel Aleksander de Moura Sousa
Gabriel AlvMatts
Gabriel Aparecido Fonseca
Gabriel Carnaúba
Gabriel Farias Lima
Gabriel Julião
Gabriel Mar
Gabriel Monezi

Gabriel Pessine
Gabriel Yared
Gabriela Colicigno
Gabriela Martins Valentim
Gabriele Gomes Diniz
Gabriell de Jesus
Gabriella Regina Santanna
Gabrielle Pelizon
Ganime
Gengo Mori
Geovana Batista
Germana Viana
Gih Alves
Giovanna Albuquerque
Giovanna Lobato
Gisele Francez
Giu Domingues
Giulia F Ferreira
Giulia Santos
Giuliana Yukari Murakami da Paixão
Gláucia da Silva Angelocci
Glauco Henrique Santos Fernandes
Glenda Nayara
Grazielle Pellicel
Gustavo Cassiano
Haru Kawatake
Heidi Rodrigues dos Santos
Helil Neves
Heloísa Carneiro Pires
Heloisa Galindo
Heniane Passos Aleixo
Hitomy Andressa Koga
Ian Vieira Dias
Iana A.
Iara V.
Ighor Oliveira do Rêgo Barros
Igor Matheus De Castro Santana

Igor Nascimento da Silva
Ingrid Amorim
Ingrid Muniz Garcia Costa
Iolanda Kurimori
Iracema Lauer
Iracema Lauer
Íris “Loki” Danielli
Isa Miranda
Isabela Biz
Isabella Bihren
Isabella Fernandes
isotica
Israel Gonçalves Del Duque
Israel Santos Pinho
Italo Anatércio
Izidio Junior
J. Venegas Álvares
Jana Bianchi
Jaqueline Rufino
Jennifer Pereira Baptista
Jess Lenzi
Jessica Cristina
Jéssica Kaiser Eckert
Jo França
Joana Tainá
João Fagundes
João Lana
João Pedro Bessa
João Victor Fonseca de Carvalho
Jonathan Gomes
Josiane Caleffi Estivalet
Júlia
Julia Andrade
Júlia Braga Tourinho
Júlia de Almeida Souza
Julia Magalhães
Júlia Pires

Julia Quandt
Julia Rabelo da Cunha
Julia Rietjens
Juliana Almeida Cordeiro
Juliana Bottino
Juliana Criminelli Suzuki
Juliana Esteves Hirata
Juliana Ingrid Gordiano Sampaio
Juliana Nogueira Ortigosa
Juliana Ramalho
Juliana Reis
Juliana Salmont Fossa
Juliane Bessoni Kosctiuk
Kami Girão
Karine Lemes Buchner
Katia Schittine
Keyci Araújo
Kira Laine
Klerianne Silva Ribeiro
Koda Gabriel
Kym Souza
Laila Silva
Laís Cera de Souza
Lais Faccin
Laís Felix Lopes
Laís Lacet
Laís Mesquita
Lara Alves
Lara Daniely Prado
Lara Maria Teixeira Leôncio
Lara Rebouças
Larissa Ellen
Larissa Usuki
Laryssa Ktlyn
Laura Gaffo
Laura Pohl
Laura Spíndola

lauraisabook
Lays Bender de Oliveira
Leila Biggi
Leopoldo Accioly
Lethycia Dias
Letícia Frassi
Leticia Lessio
Letícia Montes
Letícia Montes Faustino Miwa
Lia Barcellos
Liège de Moura Santos Pereira Ferraz Baptista
Lilian Pacheco
Lisa Soares
Lisandra Sousa da Costa
Livia Hayden
LKMazaki
Lorena Almeida
Louise Matos
Luá Braga
Lua Muniz
Luan Angelo
Luan Santineli
Luana Nascimento | @luanebulosa
Luana Wanderley
Lucas Francisco Fogaça
Lucas Izumi
Lucas Izumi
Lucas O. Gallette
Lucas Ricoy
Luciana Liscano Rech
Luciana M. Y. Harada
Luciene Rocha Ferreira
Lucio Pozzobon de Moraes
Luigi Favorito
Luís Henrique Gonçalves dos Santos
Luisa Landre
Luiz Antonello

Luiz Carlos Gomes Santiago
Luiz Mayfair
Luiz Ricardo Villela Goncalves da Rocha
Luiza Accorsi Lang
Luiza Alves Castro
Luiza B.
Luiza Carolina Figueiredo
Luiza de Oliveira Dias
Luiza Delamare
Luiza dos Santos Giusti
Luiza Gomes
Luiza Melo Araújo
Luiza Pimentel de Freitas
Luiza Saad
Lygia Barbosa
Madalena Rodrigues Derzi
Maisa Cristina Ferreira Cruz
Malena Regina
Malu Accioly
Manuella Vidal de Medeiros
Marcela Gottschald
Marcela Ribeiro
Marcelo F. Zaniolo
Marcelo Scrideli
Marcio Melo
Marco Antonio da Costa
Marco Morais
Marcos Antunes
Marcos Vinícius de Oliveira Silva
Marcus Antonius Soares da Silva
Mareska Cruz
Maria Alice Brandão
Maria Alice Palhares da Silva
Maria Clara Monteiro
Maria Cristina Castro
Maria Danielma dos Santos Reis
Maria Eduarda Brainer Silva

Maria Eduarda Saldanha Rosa
Maria Helena Lima de Oliveira
Maria Vitória Vasconcelos
Mariana Albertinase Franzoni
Mariana Bortolotti Capobiango
Mariana Costa
Mariana Coutinho Silva
Mariana Madelinn
Mariana Pessoa
Mariana Prado Zillo
Marília Garcia
Marina Feijóo
Mary Abade
Mateus Braga
Mateus de Souza da Silva
Mateus Dumont Fadigas
Matheus Monteiro
Matheus Noronha
Matheus Teixeira
Matheus Ventura
May Barros
May Salvador
Mayara Mayumi Sataka
Mayra Bragança Alves
Mayra Teodoro da Mata
Mayse Cosmo
Mayumi Maciel
Meg Ferreira
Mel Fróes
Micarla Juliana
Michele Muliterno
Michelle Leite Romanhol
Miguel Mendes
Miguel Peters
Mih Lestrange
Milena Morais
Milton Moreira

Mirele Rodrigues Fernandes
Nádia Motta Machado
Nair Cristina do Nascimento Araújo
Naira Évine
Nani Araujo
Nara Lívia Timbó
Natália Carolina Albissu
Natália Pinheiro Soares
Natalia Rodrigues
Natalia Schwalm Trescastro
Natália Zanatta Stein
Nathalia de Lima Santa Rosa
Nathalia Vares Dolejsi
Nayeli Feitosa
Nick Francisco
Nicole Führ
Nina Ladeia
Nowan
Omar Geraldo Lopes Diniz
Oran Takezo M. Kalil
Pablo Praxedes
Pato
Patty Souza
Paula de Souza Silva
Paula Nogueira
Paula Prata
Paulo “Corvo” Francisco
Paulo Alaor
Paulo Arthur
Paulo Pholux
Pedro Carneiro
Pedro Fernandes Jatahy Neto
Pedro Lobo Pereira da Silva
Pedro Lopes
Pedro Magalhães
Pedro Pereira
Priscila Saatmam

Priscilla Ferreira
Rafael F. J. Bolzani
Rafaela Carvalho Camilo
Raiane Santos Machado
Raissa Strozake Maximo
Ramires Ventura
Ranna Anunciação
Raphael Rodrigo
Raquel A. da Cruz
Raquel da Hora
Raven Sinclair
Ravena Nzuri
Raylene Frade
Rebeca de Arruda
Rebeca Kim
Rebecka Cerqueira dos Santos
Renata Dinniz
Renata Nicodemos
Ricardo Santos
Ricardo Tanus Poletto
Richard Nikolas Chaves
Rina De Ávila Pereira
Rodrigo Araujo Ribeiro Vieira
Rodrigo Sampaio
RodrigovK
Rozana O G Moreira
Sabrina Oliv.
Sabrina S. Santiago
Sabrina Vilanova
Santiago Santos
Sara Viana
Sérgio Arcanjo Vieira
Sergio Miranda
Silvia Helena Oliveira
Simone Di Pietro
Sofia Soter
Sol Coelho

Solaine Chioro
Sophia Tomazelli
Sté Maia
Stefano Volp
Tacio Correia
Taiana Coimbra
Taís Coppini
Taissa Reis
Taissiane Bervig
Tales Torra
Tamara Verdino
Tânia Maria Florencio
Tassiane Ramos de Melo
Tatiana Jimenez Inda
Tatiane Durães
Tayná Ferreira
Tayná Fiúza
TDG
Tereza Letícia
Thabata Alves Oliveira
Thainá Oliveira Monteiro de Sousa
Thaira Leticia Ibraim Lulio
Thais Botrel Reis
Thais Fraccari
Thaisa Ruysam
Thales Silveira
Thamires Silva Mascarenha
Thássia Dátis
Thatiana Emanuelle
Thaylon Pedrosa
Theo Pires
Thiago Carvalho Bayerlein
Thiago Pinho Resende
Uriel Kali Santos de Oliveira
Val Armanelli
Vanesa Rios Milagres
Vanessa Hack Gatteli

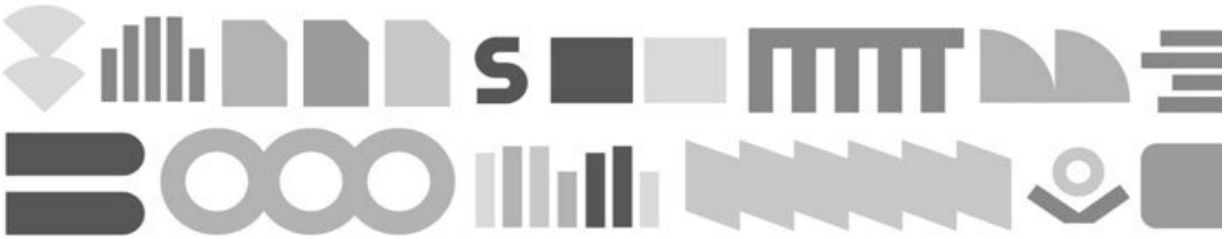
Verônica S. Freitas
Victor Almeida
Victor Hugo Felix
Victoria Vital
Vinícius Dias Villar
Vitória Cunha
Vitória Morão
Vitória Rugieri
Viviane Alves Melo Almada
Viviane Ramos
Waldson Souza
Willians Glauber
Wlange Keindé
Yasmin Dias
Yasmin Mello
Yasminy Martins
Yonghui Q.
Yuri Batalha
Zâmbia Osório dos Santos
Zantty



agenciamagh.com.br

três • • •
pontos
agência literária

trespontosagencia.com.br



APOIO MASTER

Sem Spoiler

Este livro tem o apoio do Sem Spoiler, o portal literário mais legal (e pop) do Brasil.

Há mais de três anos, o Sem Spoiler traz notícias, discussões, novidades exclusivas e conteúdo original para mais de 100 mil pessoas. A equipe acredita que a literatura pode ser pop, divertida e inclusiva.

Notícias, lançamentos e conteúdo exclusivo – tudo em um só lugar. Sem spoiler.

sem spoiler

semspoiler.com
twitter.com/semspoiler_
contato@semspoiler.com



A casa de vidro

Martino, Anna Fagundes
9786587759029
78 páginas

Compre agora e leia

Flores não crescem do nada - ou crescem? Para Eleanor, era o mistério que não conseguia responder: qual era o truque daquele jardineiro contratado para cuidar da estufa em sua casa e que

transformara o lugar em uma floresta imaginária. Sebastian, o tal estranho, parece um homem como qualquer outro - exceto pelas perguntas desconcertantes que faz, ou pelo fato de que as plantas obedecem seus comandos de maneira muito intrigante...

Compre agora e leia



Lágrimas de Carne

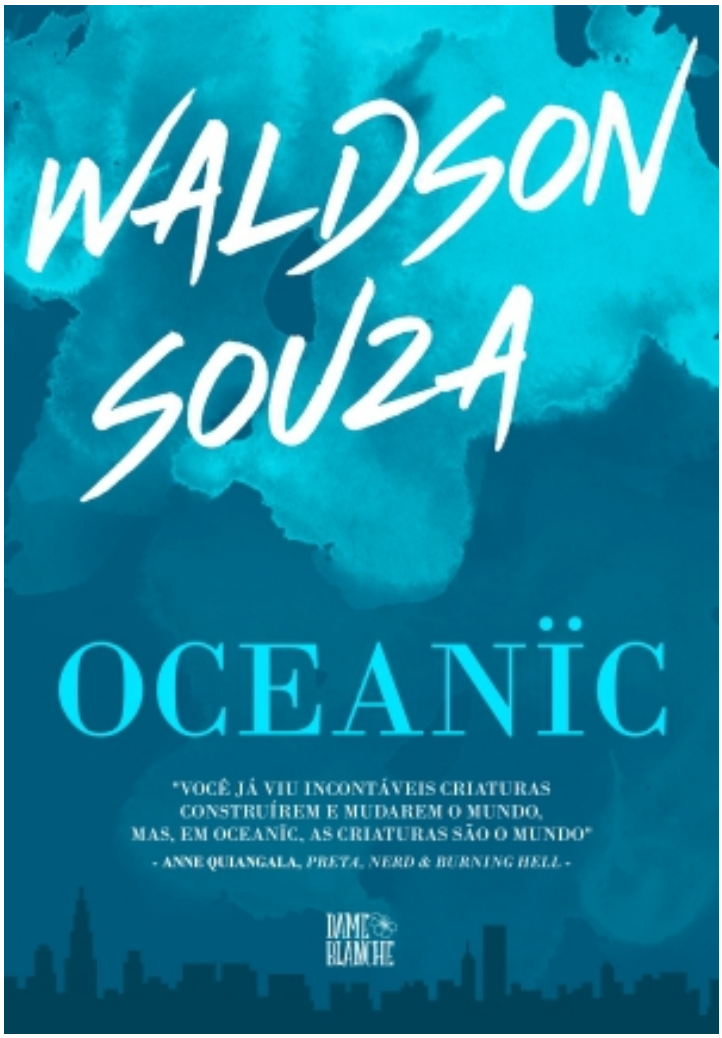
Castro, Fernanda
9786587759098
35 páginas

Compre agora e leia

As obrigações de uma carpideira vão além de prantear os mortos. É preciso purificar pecados, libertar mágoas, guiar a alma até a beira do mundo — um trabalho proscrito e desgastante. Para contornar

isso, uma carpideira manipula seus filhos adotivos: Suindara, a quase-mulher quase-coruja; e Carcará, o quase-homem quase-falcão — gêmeos de forças opostas, tanto em aparência quanto em princípios. Mais eis que surge uma alma que a garganta carniceira de Carcará simplesmente não consegue digerir — e a relação conturbada entre mãe e filhos é colocada à prova quando a minúscula cidade agreste de Serrita vivencia uma febre do ouro.

Compre agora e leia



Oceanïc

Souza, Waldson
9786587759050
120 páginas

Compre agora e leia

A humanidade agora vive em metrópoles nas costas de criaturas gigantes. Em uma dessas terras, o Exército começa a perseguir um casal que poderá mudar a maneira como as pessoas entendem seu

mundo. "Oceanïc" acompanha Rafael e Jonas fugindo da perseguição do Exército por razões que envolvem o passado de um deles — e um projeto misterioso do governo...

Compre agora e leia



Nada é tão romântico quanto o fim do mundo

Álvares, J. Venegas
9786587759104
53 páginas

Compre agora e leia

"Morri de medo e morri de rir ao mesmo tempo! Uma história divertida sobre amor, sobrevivência, e a sorte de dividir o fim do

mundo com alguém especial."
— Vitor Martins, autor de "Quinze dias"
Gustavo sempre foi apaixonado por seu vizinho Thales, mas duas coisas o impedem de falar sobre o assunto. Primeiro: ele não tem ideia se o sentimento é correspondido. Segundo: tem um apocalipse zumbi acontecendo na cidade. Agora, os dois viajam juntos pelo fim do mundo, tentando escapar dos mortos-vivos enquanto Gustavo toma coragem para confessar seus sentimentos antes que algo mais aconteça. Afinal, fugir de zumbi é difícil, mas você já tentou se declarar para o crush?

Compre agora e leia



Lobo de rua

Bianchi, Jana P.
9786587759012
105 páginas

Compre agora e leia

Raul é um morador de rua, um homem invisível e desgraçado como tantos os outros. Como se sua desgraça não fosse suficiente, Raul contrai a maldição da licantropia, tornando-se um lamentável lobo

de rua. Tito Agnelli não compartilha do abandono de Raul, mas conhece muito bem a sensação de ser rasgado por dentro, todos os meses, pela coisa vil que se abriga nele. Assim, compadecido com o sofrimento do recém-transformado, Tito acolhe Raul na Alcateia de São Paulo, extinta até então por falta de lobisomens residentes na Pauliceia. Depois de décadas de contaminação, Tito conhece cada detalhe da maldição que o transforma em lobisomem. Além disso, conhece também a Galeria Creta, um lugar em São Paulo onde ele e outros dos seus são bem vindos nas noites de lua. Basta pagar o preço.

Compre agora e leia